



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

LORENA LOPES CHAVES

**ERA UMA VEZ... REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LETRAMENTO NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

FORTALEZA – CE

2020

LORENA LOPES CHAVES

ERA UMA VEZ... REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LETRAMENTO NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Pollyanne Bicalho Ribeiro

FORTALEZA – CE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C439e Chaves, Lorena Lopes.
Era uma vez... Representações Sociais e Letramento no ensino de Língua Portuguesa / Lorena Lopes
Chaves. – 2020.
153 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 1, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profª. Dra. Pollyanne Bicalho Ribeiro.
1. Letramento. 2. Representações Sociais. 3. Leitura. 4. Ensino de Língua Portuguesa. I. Título.
CDD
-

LORENA LOPES CHAVES

ERA UMA VEZ... REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LETRAMENTO NO ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras.
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Pollyanne Bicalho Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Marcos Ernesto Santana De França
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Prof^a. Dr^a. Aurea Suely Zavam
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por conceder força, discernimento e sabedoria nesta caminhada de dois anos do mestrado.

Aos meus pais, que são e foram os primeiros apoiadores direta e indiretamente de toda minha vida estudantil, torcendo pelo meu êxito em todas as batalhas travadas. A eles, minha eterna gratidão.

Ao meu noivo Thiago, a quem devo o maior incentivo de entrar no mestrado, o apoio técnico, psicológico e, principalmente, amoroso em todos os dias difíceis, sendo meu porto seguro, respeitando meu tempo, apoiando minhas decisões e fazendo com que eu nunca desistisse.

Às minhas amigas, que estão sempre em torcida fervorosa para que eu alcance meus objetivos.

À minha doce orientadora Prof^a Dr^a Pollyanne Bicalho Ribeiro, por prontamente me receber para trilharmos o caminho da pesquisa, sendo, por vezes, mais confiante do que eu mesma em minhas escolhas; a ela meu muito obrigada pelas colaborações, pelo cuidado, pelo carinho e pela doação do seu precioso tempo para nos ouvir e nos auxiliar.

Aos nobilíssimos professores que fazem parte do corpo docente do PROFLETRAS – UFC, Dr^a Pollyanne Bicalho, Dr. Ronaldo Lima Júnior, Dr^a Mônica Cavalcante, Dr^a Maria Elias, Dr^a Claudete Lima, Dr^a Eulália Leurquin, Dr^a Ednilza Moreira, Dr^a Ana Célia, pela partilha de sabedoria e conhecimento a nós devotados, contribuindo para o crescimento da nossa pesquisa, da nossa profissão e da nossa humanidade nesses tempos em que a educação requer coragem e luta. A todos, minha eterna gratidão.

À minha turma de princesas, Cristiane, Daniely, Evanilce, Jamille, Juliana, Kesia, Patrícia, Renata, Roberta, Rosemeire, que foram base, apoio, sorrisos, fé e coragem nos dias de luta, a quem devo muitas sextas-feiras de alegria, de comilança, de afeto e de cuidado.

À minha banca de qualificação, professoras Dr^a Aurea Zavam e Dr^a Mônica Serafim, agradeço imensamente pelas valiosas contribuições concedidas, que me fizeram veredar em novos desafios, tornando meu trabalho singular, além da delicadeza e da afetuosidade com que trataram minha pesquisa.

À minha banca de defesa, professores Dr. José França e Dr^a Aurea Zavam, obrigada pelas contribuições, pelo tempo na leitura do trabalho e pelas palavras que me foram valiosas nesse momento único em minha vida.

À minha escola, no papel de gestores e colegas, pelas palavras de otimismo.

Aos meus alunos, que foram imprescindíveis na realização da minha pesquisa e são a motivação de busca constante de capacitação profissional.

RESUMO

O letramento é uma preocupação com a leitura e a escrita para muitos estudiosos. Os contos de fadas são obras designadas para o público infantil. Unindo esses dois pontos, é possível extrair muito mais do que entretenimento na leitura de tais obras. Esta pesquisa buscou, assim, utilizar-se dos contos de fadas com o objetivo de elevar o nível de letramento dos alunos, que tiveram contato com obras que apresentam princesas de estilos diferentes, averiguando se foram formados estereótipos pelos alunos, como isso se reproduziu na sua escrita e se isso impactou na imagem que eles concebem da mulher moderna. Tomou-se como objetivo identificar qual papel da mulher construído por alunos do 9º ano de uma escola pública de Fortaleza. Para tanto, fez-se uso dos contos *A Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela e a Fera* e *A princesa e o sapo*. Em busca desses resultados, algumas atividades com textos verbais, não-verbais e multimidiáticos foram realizadas. Os pressupostos teóricos foram subsidiados pelas teorias acerca do letramento, da Teoria das Representações Sociais, do conceito de linguagem de Bakhtin, da teoria sobre gêneros e sobre contos de fadas. Verificou-se que houve alcance dos objetivos e uma ressignificação do papel social da mulher.

Palavras-chave: Letramento. Representações Sociais. Leitura. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

Literacy is a concern with reading and writing for many scholars. Fairy tales are works designed for children. Joining these two points, it is possible to extract much more than entertainment in reading such works. This research sought, therefore, to use fairy tales in order to raise the level of literacy of students, who had contact with works that present princesses of different styles, checking if stereotypes were formed by students, how it was reproduced in their writing and if it impacted the image they conceive of modern women. The objective was to identify the role of women built by 9th grade students from a public school in Fortaleza. To this end, the tales Snow White and the Seven Dwarfs, Beauty and the Beast and The Princess and the Frog were used. In search of these results, some activities with verbal, non-verbal and multimedia texts were carried out. Theoretical assumptions were supported by theories about literacy, the Social Representations Theory, Bakhtin's concept of language, the theory of genres and fairy tales. It was found that there was an achievement of the objectives and a redefinition of the social role of women.

Keywords: Literacy. Social Representations. Reading. Portuguese Language Teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LETRAMENTO E ENSINO: CONSTRUINDO CONCEITOS	15
2.1	Letramento em conceitos	16
2.2	Multiletramentos e BNCC: a educação contemporânea	22
3	DIALOGISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	27
3.1	A perspectiva dialógica do discurso	27
3.2	Representações sociais: sistematizando conceitos	30
3.3	O papel da mulher em sociedade: representações e estereótipos	35
4	GÊNERO E ENSINO	38
4.1	Uma perspectiva teórica sobre os gêneros	39
4.2	O gênero em documentos oficiais (PCN/BNCC)	41
4.3	Gênero conto: da sua gênese ao conto de fadas	43
5	A NATUREZA E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	49
5.1	O contexto da pesquisa	49
5.2	Os sujeitos da pesquisa	50
5.3	Materiais da pesquisa	51
5.4	Procedimentos	51
6	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER: UM PERCURSO DAS PRINCESAS ÀS MULHERES MODERNAS	60
6.1	Análise das atividades: entendendo o perfil feminino	61
6.2	Análise das produções textuais: marcas de estereótipos?	85
6.3	Depoimentos: registros de aprendizagem	93
6.4	A Representação Sociais pelo olhar dos alunos: o que dizem os dados?	96
6.5	Novos depoimentos: confirmação dos dados	98
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	109
	ANEXO A – Primeira atividade	114

ANEXO B – Segunda atividade	118
ANEXO C – Terceira atividade	120
ANEXO D – Quarta atividade	127
ANEXO E – Quinta atividade	131
ANEXO F – Sexta atividade	134
ANEXO G – Produções textuais	137

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas perpassam a infância da maior parte da população, gerando um primeiro contato com leitura, fantasia e valores. De certa forma, os contos são instrução para muitas crianças, as quais podem tornar-se, em sua imaginação, um determinado personagem, que, geralmente, para as meninas são as princesas.

Partindo desse viés, este trabalho pauta-se no letramento, utilizando-se dos contos de fadas para reconstruir a representação social da mulher, intermediada por atividades diversas de leitura e de escrita com textos multissemióticos, buscando elevar o letramento nas diversas atividades propostas aos alunos.

Para iniciar, os contos de fadas, à medida que se modernizam, procuram acompanhar a realidade cultural de sua época, como se pode notar nas princesas de diferentes momentos históricos. Em virtude disso, traremos contos de fadas criados em períodos distintos que constroem a princesa com o olhar de seu tempo, sendo eles *A Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela e a Fera* e *A princesa e o sapo*.

A Branca de Neve e os sete anões foi uma história construída da tradição oral alemã, compilada pelos irmãos Grimm e publicada entre os anos de 1812 e 1822. Já *A Bela e a Fera* é uma história de conto francês, escrita originalmente por Gabrielle-Suzanne Barbot, em 1740. Por fim, *A princesa e o sapo* é uma adaptação criada pelos estúdios Disney baseada no conto *O príncipe e o sapo*. Aqui utilizamo-nos de um livro elaborado a partir da produção cinematográfica, em virtude de priorizarmos pela princesa, enquanto que seu conto de origem prioriza a figura masculina.

A escolha dos títulos deu-se por razões distintas. Primeiramente pelo fato de ser necessário encontrarmos perfis diferentes e secundamente pelo fato de as princesas Branca de Neve, Bela e Tiana representarem uma cultura mais próxima do padrão Ocidental europeu tão difundido na sociedade como a beleza padrão, diferentemente, por exemplo, da princesa Merida da história *Valente*, que é uma viking, ou Jasmine, da história de *Aladin*, que traz a mulher da cultura do Oriente Médio.

Quanto às escolhas para nossa pesquisa, além das já citadas, *A Branca de Neve e os sete anões* por ser o conto mais antigo, também mais famoso, e o primeiro filme de animação da Disney a ser feito (1937), trazendo uma princesa que apresenta traços maternos e submissos. Já a escolha por *A Bela e a Fera* deu-se por trazer outro perfil de princesa, que já não é mais submissa, nem fica à mercê de um príncipe, pelo contrário, ela quem está no enfoque de “salvar”, papel esse que é designado aos príncipes. Por fim, *A princesa e o sapo*

por termos a subversão da princesa, uma vez que ela se torna sapo para aprender o valor do amor e, assim, ela quem salva a si e ao príncipe. Sendo assim, formam-se perfis distintos de princesas, a fim de não influenciar uma configuração específica de mulher.

Apesar de hoje ser convencional o fato de os contos de fadas serem infantis, essa tradição provém de longas pesquisas em que se passou a recomendá-los para a educação infantil, como uma forma de demonstrar ensinamentos de valores para as crianças. Para isso, foram necessárias algumas modificações, pois os contos originais não causavam fascínio e encantamento como são produzidos atualmente, uma vez que os contos de fadas são um legado de uma civilização antiga, trazidas ao universo infantil principalmente após as produções de Walter Disney.

Dessa forma, o fato de os contos de fadas serem vistos como literatura infantil poderia configurar como obstáculo, entretanto o amadurecimento do leitor, junto ao seu conhecimento de mundo, expôs uma perspectiva ainda mais fiel ao seu construto representativo de mulher associado ao papel da princesa.

Além disso, trabalhar com o referido gênero trouxe maior leveza e originalidade à sala de aula de Língua Portuguesa, por essa, muitas vezes, ser vista como um ambiente de propagação de regras desmedidas por parte dos alunos e, com as atividades aqui propostas, o público-alvo encontrou um meio de aprender de maneira mais lúdica, divertida, revelando o prazer nas atividades desenvolvidas.

No que se refere aos trabalhos realizados sobre contos de fadas, já foi abordada a representação de gênero, a influência dos contos de fadas para o consumo infantil, a importância dos contos para a educação infantil, a formação moral das crianças, entre tantas outras pesquisas; esta se fez relevante, à medida que discutiu os estereótipos de mulher na condição de princesas e ajudem construir uma representação social da mulher elaborada por pré-adolescentes em atividades e produções textuais.

Com relação aos estudos acerca das representações sociais, há vários trabalhos desenvolvidos, entre artigos e trabalhos de conclusão de curso (TCC), mas nenhum em nível de mestrado ou doutorado que traga a perspectiva dos contos de fadas na sala de aula. Existem diversas pesquisas sobre os contos de fadas, abordando a identidade masculina e feminina na Literatura Infantil e que discorrem da evolução das princesas nos contos de fadas.

Para ilustrar, temos o artigo *Os contos de fadas e suas representações: Chapeuzinho Vermelho para os camponeses na França do século XVIII*, de Leão e Araújo (2012), em que os autores tratam da representação de classes sociais a partir do referido conto, já que este servia como forma de moralizar a população. Aqui se busca o viés histórico para

evidenciar como era a sociedade da época, como esse conto mostrava a dura realidade da sociedade francesa da época.

Além desse, tem-se o trabalho de conclusão de curso intitulado *Como as crianças constroem representações de gênero a partir da descrição física e comportamental de princesas e príncipes dos clássicos contos de fadas*, de Brum (2016), em que a autora busca uma compreensão acerca do comportamento de crianças que estão na educação infantil a partir dos personagens príncipe e princesa dos contos de fadas para analisar a representação de gênero concebida por elas.

Aproximando-se mais com a perspectiva do ensino, tem-se o artigo *Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças*, de Xavier Filha (2011), em que a autora analisa, a partir da tessitura de um grupo de alunos, o perfil por eles traçados para príncipes e princesas de contos de fadas, delineando e contrapondo esses resultados com a perspectiva atual da figura feminina, com o objetivo de desmistificar a figura dócil e submissa da princesa.

Apesar de os títulos acima abrigarem as representações, os trabalhos enveredaram por estudos de gênero¹, analisando social e culturalmente um grupo em específico, mas sem adentrar na Teoria das Representações Sociais. O maior diferencial da nossa pesquisa é o fato de abordarmos a mulher na figura da princesa dos contos de fadas para marcar as representações sociais concebidas por uma turma de alunos em particular, sendo isso subsídio no trabalho com a Língua Portuguesa, de modo a ampliar o letramento dos alunos.

No que tange aos trabalhos sobre letramento, há pesquisas relacionadas a letramentos digitais, já que as mídias digitais estão presentes no dia a dia das pessoas e isso exige um conhecimento dos gêneros que permeia esse ambiente, assim como as possibilidades de leitura e escrita em hipertexto.

Alguns trabalhos têm sido realizados seguindo essa perspectiva, sejam eles artigos, dissertações ou teses. Podemos citar o trabalho de Lima (2009), *Letramentos e atividades on-line em ambiente virtual de aprendizagem*, em que o autor analisa a relação entre as atividades e o ambiente virtual como subsídio para êxito em disciplinas de curso de graduação, tendo como resultado a necessidade de aprimoramento da prática profissional do docente para realizar o letramento por vias digitais.

Seguindo a perspectiva literária do letramento, Mourão (2015), em *Leitura, linguagem e letramento: o conto de fadas no ensino fundamental*, traz o letramento por meio

¹ Aqui se compreende gênero na perspectiva de sexualidade, denotando masculino e feminino.

dos contos de fadas, com uma turma que está terminando a primeira fase do ensino fundamental, utilizando-se de oficinas para apreensão do gênero em atividades que envolveram leitura e escrita.

Como também, o trabalho de Fernandes (2016), *Dos contos de fadas à literatura de cordel: ampliando o letramento por meio da retextualização*, que se utiliza da sequência didática com atividades de leitura e de escrita para aprimorar o letramento, seguindo a retextualização de contos de fadas em cordel, em que houve a elaboração de um livro on-line pelos alunos.

Como visto, as referidas pesquisas trazem um direcionamento distinto do nosso, já que aqui aliamos o letramento às representações sociais no ensino, trabalho este inovador dentro das práticas de ensino, visto que as representações sociais, que estão no âmbito da psicologia, foram trazidas para dentro da sala de aula de Língua Portuguesa.

Ao fazermos um levantamento de trabalhos acadêmicos acerca das representações sociais no ensino, não há nenhuma pesquisa que siga este direcionamento, principalmente partindo da ideia do letramento, posto que as pesquisas que englobam a Teoria das Representações Sociais permeiam o âmbito da psicologia.

Portanto, esta pesquisa justifica-se à medida que há vários trabalhos que versam sobre o letramento, entretanto, este se torna original, uma vez que o aborda numa perspectiva de representações sociais, verificando a reflexão crítica concebida pelos alunos sobre a mulher do seu tempo e utilizando para isso das representações mobilizadas pelos contos de fadas. E, ainda, o trabalho com as representações sociais permitiu perceber a forma de enxergar o mundo dos alunos, como estes conseguem *ser* sujeitos críticos, transformando-os socialmente.

Quanto às contribuições para o ensino, tal trabalho é significativo por proporcionar uma visão crítico-reflexiva acerca do papel social da mulher, contribuindo para capacidade argumentativa dos alunos, além de propiciar o trabalho com textos multimodais que se inserem dentro dessa nova perspectiva de ensino que está sendo trazida, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Dessa forma, nossa pesquisa insere-se no campo da Linguística Aplicada.

Quanto às contribuições sociais, estas são muitas, uma vez que ainda presenciamos em dias atuais a violência de gênero, a falta de empatia com o sexo feminino, a luta constante por igualdade social e econômica das mulheres, a luta contra estereótipos de beleza feminina, abusos morais e sexuais, enfim, uma luta feminina por direitos básicos numa sociedade que ainda torna majoritária a voz e os desejos masculinos.

Torna-se relevante, portanto, por evidenciar essa representatividade feminina depositada muitas vezes na figura de beleza estereotipada da princesa, que já não é papel unicamente de uma mulher frágil e indefesa, mas que se modifica para atender as mudanças sociais modernas e pode ser utilizada como referência para muitas garotas como modelo de mulher, seja por visões mais estereotipadas ou por visões mais modernas da mulher.

Dessa forma, nossa pesquisa contribuiu de forma social e educacional, na tentativa de auxiliar a formação crítica do pensamento acerca do papel social da mulher. Para isso, valemo-nos do objetivo primário de elevar o nível de letramento de alunos do 9º ano de uma escola pública de Fortaleza, a partir do reconhecimento das representações sociais da mulher em contos de fadas, e dos objetivos secundários de: i) aprimorar o letramento por meio de atividades que envolvem leitura e escrita; ii) evidenciar as concepções sobre a mulher, investidas de princesa nas atividades respondidas pelos alunos; e iii) investigar a construção da identidade social da mulher em produções textuais de alunos com base em textos multissemióticos que retratam o feminino.

Para isso, partimos dos seguintes questionamentos: Como os alunos percebem a evolução no papel social da mulher de acordo com a dimensão espaço-temporal? Como os alunos enxergam as características das princesas em mulheres reais? A imagem da mulher, nas produções textuais dos alunos, converge ao estereótipo da mulher presente nos contos de fadas? Qual o tipo de princesa a que mais se assemelha? O que isso pode significar?

Nossas premissas são de que haverá uma mudança na percepção do papel estereotipado da mulher se comparadas às princesas Branca de Neve e Tiana; serão percebidas as características de mulheres tanto em perfis mais maternos, donas do lar, quanto em perfis de mulheres emancipadas; e, a princesa Tiana será a mais parecida com a mulher atual, sendo esse o perfil mais traçado nas produções textuais, significando que as mulheres atuais são mais independentes.

A organização da pesquisa segue a seguinte ordem: trataremos no capítulo 02 – *Letramento e ensino: construindo conceitos* – as concepções teóricas de Soares (2003, 2017), Kleiman (1995, 2006), Street (1984, 2007, 2013), Rojo (2000, 2001, 2004, 2012)², Tfouni (2002, 2010) com origem, definição e tipos de letramento. Levantando discussões sobre o letramento e o ensino e o que direciona o novo documento oficial de ensino, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017), assim como a perspectiva dos multiletramentos para o ensino de Língua Portuguesa.

² Aqui nos valem os conceitos da autora quando esta ainda denominava Letramento, já que atualmente a autora apropria-se do conceito de Multiletramentos.

No capítulo 03, intitulado *Dialogismo e Representações*, temos um levantamento sobre linguagem e os conceitos de signo, enunciado e dialogismo preconizados por Bakhtin (1997; 2004) e as contribuições de releituras sobre isso por Machado (2017), Fiorin (2018) e Brait (2016). Unem-se a isso, as ideias de representações sociais e representações da mulher à luz de Moscovici (1981, 1990), Jodelet (1986), Matêncio e Ribeiro (2009), Nóbrega (2001), Ribeiro (2008, 2014), Doise (2001, 2002), Arruda (2002) e, para fechar, os conceitos sobre estereótipo de Amossy e Herchberg Pierrot (2010).

No capítulo 04 – *Gênero e ensino* –, fazemos um apanhado sobre a concepção de gênero textual e os gêneros voltados para o ensino. Para isso, nos utilizamos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2005; 2008) e Bazerman (2011a; 2011b). Especificando o gênero conto, as contribuições de Coelho (1991, 2010), Bosi (2015), Góes (1991), Propp (2010), Gotlib (1990) e Todorov (1979), como também os documentos oficiais – PCN (1998) e BNCC (2017) – que abordam os gêneros.

No capítulo 05 – *A natureza e os procedimentos da pesquisa* –, traçamos os métodos envolvidos na pesquisa, explanando o lócus de aplicação, os sujeitos envolvidos e os procedimentos adotados para que houvesse a coleta dos dados.

No capítulo 06 – *Representações Sociais da mulher: um percurso das princesas até as mulheres modernas* –, com todo subsídio teórico traçado e os métodos aplicados, partimos para análise do material colhido, buscando responder nossos questionamentos e verificando nossas hipóteses.

Por último, traçamos as considerações finais, indicando possibilidades de pesquisas futuras e as questões que não puderam ser aqui respondidas.

Por fim, a pesquisa surgiu de um projeto de leitura e escrita de uma escola estadual, em que o objetivo era despertar o interesse pela leitura e, para isso, os contos de fadas eram o ponto de partida. Então, foi com eles que surgiu a oportunidade de estudar e analisar o papel social da mulher a partir da figura da princesa e, assim, conduzir os alunos nessa empreitada de reflexão e crítica. Logo, este trabalho detém-se na análise dos perfis criados pelos alunos a respeito da princesa/mulher e como eles constroem as representações sociais dessa figura feminina.

2 LETRAMENTO E ENSINO: CONSTRUINDO CONCEITOS

O termo letramento foi proposto a partir da necessidade de se pensar em algo que nomeasse as práticas sociais de linguagem. Surgiu, então, uma espécie de dicotomia entre letramento e alfabetização, colocando, por vezes, a exclusão de um em benefício do outro, sendo que os dois termos podem ser complementares, visto que o letramento pode ocorrer a partir da alfabetização, mas nem sempre é necessário que um sujeito seja alfabetizado para que seja letrado, pois o letramento está atrelado aos usos sociais da língua.

Soares (2003) evidencia a impossibilidade de apartar os processos de letramento e alfabetização ao afirmar que

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis. (SOARES, 2003, p. 12)

Sendo assim, o mundo da leitura e da escrita passou a ter um novo significado, deixando de ter o foco apenas nas habilidades linguísticas, para repensar o uso, colocando a língua a favor das práticas de linguagem, imergindo os sujeitos na cultura escrita que não alcançavam a amplitude da língua em uso se apenas reconhecedoras do sistema escrita.

Neste capítulo, serão abordados no tópico 2.1 os conceitos de Letramento, trazendo o aparato teórico que embasa esta pesquisa. Além disso, no tópico 2.2, trazemos as concepções acerca de Multiletramentos na realidade do ensino, as reflexões desse conceito no documento oficial Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na tentativa de organizar conceitos e esclarecer questionamentos acerca da aprendizagem em meio à tecnologia digital.

As razões pela escolha desse fenômeno vão ao encontro do nosso objetivo maior nesta pesquisa, o de aprimorar o nível de letramento de alunos em séries finais do ensino fundamental, a fim de enriquecer nosso trabalho.

2.1 Letramento em conceitos

O termo letramento surgiu da necessidade de se definir um fenômeno que ainda não se havia nomeado. Havia, até a década de 80, momento de surgimento do termo pela primeira vez, apenas o termo alfabetismo e suas variações. Então, numa necessidade de se pensar acerca de um nome em que se pudesse incluir não só o reconhecimento do código, mas também o uso social dele, temos o aparecimento do termo letramento.

Assim, a palavra surge em 1986 com Mary Kato, apenas sendo usada de forma recorrente em sua obra, entretanto, a palavra aparece sem definições. Já em 1988, Leda Verdiani Tfouni traz a definição do termo em contraponto ao termo alfabetização. E, em 1995, Ângela Kleiman traz o termo já definido e expresso em título de livro.³

Dessa forma, letramento seria uma espécie de tradução do termo inglês *literacy*, significando “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (SOARES, 2017). Percebe-se como o letramento vem para abarcar um fenômeno maior, que só alfabetização/alfabetizado não dava conta, já que é um sujeito que apenas domina o código, sem necessariamente saber utilizá-lo de forma social.

Assim, pesquisas em torno do letramento já existem há mais de duas décadas, verificando os meios de aquisição e apropriação da língua, seja ela de forma oral ou escrita. Portanto, aqui, as discussões acerca do letramento ficam à luz de teóricos que se debruçam sobre esse fenômeno, como Kleiman (1995, 2006), Soares (2003, 2017), Street (1984, 2007, 2013), Tfouni (2002, 2010) e Rojo (2000, 2001, 2004).

Kleiman (1995) declara que os estudos de letramento buscaram desde a expansão do uso da escrita (em sua utilização científica, política, social e tecnológica) até a delimitação de como o letramento poderia impactar em sociedades minoritárias em contato com as práticas de escrita. Desse modo, a autora trabalha com o letramento na perspectiva de contrapor letramento e alfabetização quanto aos impactos sociais de leitura e escrita.

No que se refere à conceituação, Kleiman (1995, p. 19) traz o letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Corroborando esse pensamento, Soares (2017, p.18) traz como definição de letramento “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a

³ Para maiores esclarecimentos, consultar SOARES, Magda (2003). *Letramento: um tema em três gêneros*.

condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Já Rojo (2001, p. 01) define letramento como “um conjunto de práticas sociais ligadas, de uma maneira ou outra, à escrita em contextos específicos, para objetivos específicos”, reflexão esta que muito se assemelha a de Kleiman (1995) e Street (2013) ao tratar de letramento como práticas sociais.

Nota-se que os autores concebem o letramento como prática de aprendizagem que envolve leitura e, principalmente, escrita, em que se tem sempre uma finalidade específica, desde que o aluno tenha se apropriado daquilo que escreve ou lê.

Entretanto, contrapondo todas essas definições, Tfouni (2010) acredita que o letramento está além de meras questões que envolvem apenas leitura e escrita, pois isso seria segregar aqueles que não fazem parte desse círculo de ensino; pensar sobre as práticas sociais da língua que estão ou não em ambiente escolar.

Desse modo, Tfouni (2010) pauta-se no critério de autoria para nivelar o nível de letramento, pois ser alfabetizado não significa ser também letrado. O sujeito como autor do seu discurso é que revela o que há de sua própria construção de pensamento; é nesse ponto que se verifica o que há de seu posicionamento.

Para a autora, “letramento é um processo, cuja natureza é sócio-histórica” (TFOUNI, 2002, p. 31). Percebe-se que ela extrapola o conceito de letramento para além do ensino e une-o a questões mais sociais, que está além da escola, pois, para ela, possivelmente, alguns pesquisadores tenham utilizado o termo letramento em uma tradução acerca unicamente de leitura e escrita.

Corroborando com o que pensa Tfouni (2010), Kleiman (1995) também reconhece que o letramento ultrapassa os domínios da escola, pois

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Kleiman (1995) afirma que os estudos acerca do letramento no meio acadêmico vieram para tratar sobre a condição de marginalização da escrita que muitas pessoas sofrem, por serem alfabetizadas, entretanto não gozaram dos benefícios de seu uso, uma vez que foram somente alfabetizadas quanto ao código, sem apropriar-se de seu funcionamento social.

Tais discussões são relevantes à medida que é do meio acadêmico que saem os novos profissionais da língua, os quais precisam estar preparados para lidar com essa realidade de letrar não apenas alfabetizar com o código, mas também pensar que existe um lado social imbricado à língua.

Apesar dos estudos, não há muita evolução, já que o que vemos ainda hoje é uma relação dicotômica entre alfabetização e letramento, possivelmente, pelo fato de a escola ainda não associar a aquisição da escrita a práticas de escrita, pois, como assegura Kleiman (1995, p. 20),

[...] a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola (KLEIMAN, 1995, p. 20) [grifos do original].

Para endossar esse posicionamento, Rojo (2004) também traz essa assertiva acerca da escrita sobrepujar as práticas sociais por si, afirmando que o letramento ainda é visto como termo dicotômico e pode causar problemas à forma de ensinar, por isso, ela afirma que “cabe focar o funcionamento e a tessitura particular do letramento na escola e seus processos e produtos” (ROJO, 2004, p. 71).

Desse modo, observa-se como a escola é o espaço de aprendizagens, a qual deve propiciar meios de o aluno ser autor de sua própria escrita, em que este possa produzir textos que o levem às práticas efetivas de comunicação, mas sem restringir a escola como única forma de se alcançar o letramento, visto que letramento e alfabetização não podem ser dissociados, além de letramento estar relacionado às práticas de autoria, como afirma Tfouni (2002).

Vale ressaltar que corroboramos com o pensamento de Soares (2003) a respeito da dicotomia letramento e alfabetização, quando afirma que é necessário que se tenha apropriação do código gráfico da língua para que se alcancem os sentidos denotados no texto e se saiba utilizá-los, portanto dissociá-los seria um equívoco, pois, como elucida Soares (2003, p. 14), alfabetização e letramento “não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis”. É preciso dizer ainda que ambos co-ocorrem, não são processos que necessitam da ocorrência de um e depois o outro, mas cada um possui suas especificidades.

Por sua vez, Street (2013, p. 61) declara que “nós devemos partir daquilo que os alunos já sabem, à medida que desenvolvemos as práticas de letramento de que necessitam

para entrar em novas zonas da vida social”. Assim, a escola e o professor devem investir não só nos conhecimentos teórico-didáticos, mas também prezar pelo conhecimento prévio que o aluno carrega com si.

Sobre o professor, Kleiman (2006) o chama de agente de letramento, pois o docente é o mediador de conhecimento, mas ele deve ter consciência social da escrita, sabendo envolver a cultura da língua escrita a do seu aluno, pois cada ser pertence a uma realidade, e isso constitui sua forma de conceber o mundo.

Para tanto, a autora define o agente de letramento como

[...] um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade: no caso da escola, seria um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das atividades instituídas (KLEIMAN, 2006, p. 82-83).

Dessa forma, o docente precisa de uma formação que tenha como subsídio a ideia de letramento para que não incorra no equívoco de dissociar alfabetização e letramento, não fragmentando o ensino de práticas letradas, pensando o ensino como um processo contínuo e indissociável entre o código e seu uso.

O letramento constitui uma prática de ensino em que seu objeto não é finalizado puramente com uma atividade por ela mesma; é envolvido no processo a ação social dessa prática de ensino; “caracteriza uma atividade cujo motivo está na própria realização da atividade, em alcançar seus objetivos”, como mostra Kleiman (2006, p. 83).

Sobre as falhas que esse sistema pode oferecer, Kleiman (1995) acredita que elas decorrem do próprio modelo escolar, ou seja, o problema reside no fato de a escola privilegiar a alfabetização como único meio de letramento. Talvez isso ocorra pelas concepções de letramento que são geradas pelos professores e pela própria escola.

Nesse sentido, se tomarmos as definições de letramento nas dimensões individual e social propostas por Soares (2017), percebemos como a escola ainda foca o letramento individual, ou seja, ela busca a capacidade do indivíduo em conceber suas próprias noções de escrita, deixando de lado, por vezes, o letramento em sua dimensão social, não encarando a língua como “um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita” (SOARES, 2017, p. 66).

Quanto à medição de letramento em contexto escolar, Soares (2017) aponta que isso acontece de acordo com dois pontos. O primeiro está relacionado ao conceito que a própria escola cria para medir leitura e escrita, “um conceito limitado, em geral insuficiente

para responder às exigências das práticas sociais que envolvem a língua escrita, fora da escola” (SOARES, 2017, p. 88). O segundo está conectado aos aspectos sociais de letramento em países desenvolvidos e em desenvolvimento, em que

[...] sistemas educacionais fortemente organizados prescrevem padrões estritos e universais para a aquisição progressiva de níveis de letramento, enquanto que, nos países em desenvolvimento, um funcionamento inconsistente e discriminatório da escola gera padrões múltiplos e diferenciadores de aquisição de letramento (SOARES, 2017,p. 89)

Desse modo, medir o letramento escolar está relacionado à concepção de que a escola faz do letramento, se há, ou não, uma preocupação em envolver o aluno em práticas de leitura e escrita para seu cotidiano, para um uso em contexto extraclasse. Apesar disso, medir o letramento escolar é uma tarefa árdua, uma vez que não existe um parâmetro exato; os dois pontos propostos por Soares (2017) são mutáveis.

Sobre isso, Rojo (2000, p. 06 [grifo do original]) afirma que “escola é letramento e dele decorre, quer suas práticas sejam orais ou escritas; quer haja ou não o texto escrito sendo utilizado na sala de aula”.

Apesar de o letramento escolar ser, provavelmente, o mais explorado, já que a escola é o espaço de aquisição da língua, hoje há pesquisas que investigam o letramento nas comunidades em que os sujeitos estão inseridos, pois a escola não é o único espaço de aprendizagem. Então, é possível encontrar práticas de letramento na família, na igreja, ou em classes sociais, sendo a escola ainda o local de privilégio e valorização concedido convencional e socialmente à língua, principalmente, à escrita.

De acordo com Rojo (2001, p. 07), isso é relevante à medida que a linguagem “oral e escrita não se separam tão radicalmente, mas, ao contrário, mantêm relações complexas, de hibridização de gêneros e de modalidades”. A escola pode e deve conviver harmonicamente com outros meios de práticas de letramento. Com isso, não pretendemos extinguir o status do letramento escolar, apenas evidenciar variantes desse processo.

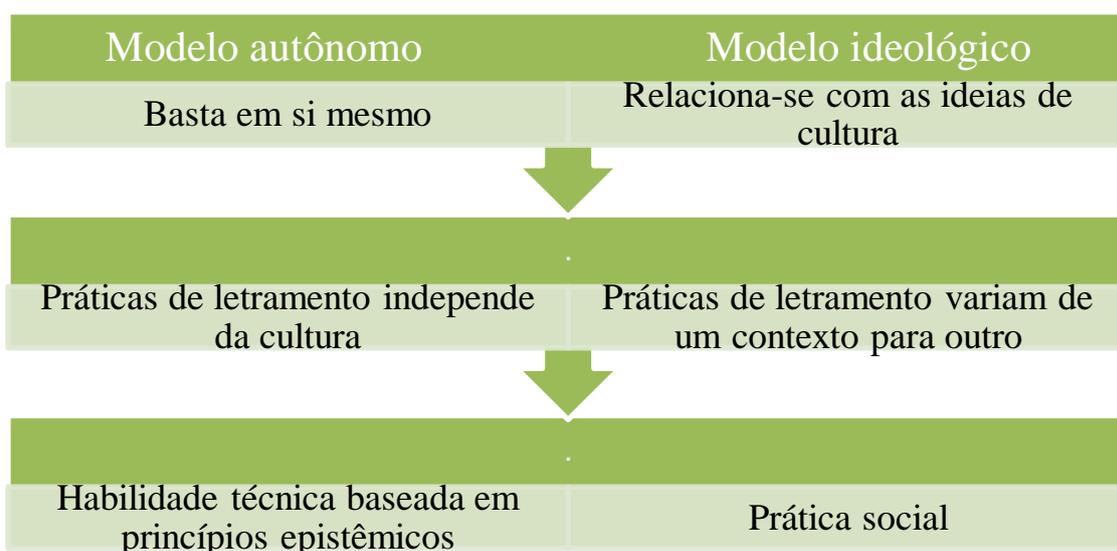
Street (1984, p.01), pensando numa acepção mais social do termo, define letramento como “um termo-síntese para resumir as práticas sociais e concepções de leitura e escrita” e, para tratar dessa questão, propõe a divisão de dois modelos que enquadram particularidades sobre o tema, são eles: “modelo autônomo” e “modelo ideológico”.

O “modelo autônomo” designa aquele em que o próprio letramento trará resultados sociais e cognitivos ao ser; existiria apenas uma única forma de se desenvolver as práticas de letramento, sendo ele imposto a classes sociais, grupos e culturas diferentes.

O “modelo ideológico” coloca uma prática de letramento com maior afinidade com a cultura, sendo assim, o letramento assume a perspectiva de cultura em que o indivíduo está inserido; então, as ideias, por exemplo, que a escola tem de letramento será aquela que o aluno irá aprender, pois é o ambiente de que ele está participando, não dependerá somente dele.

Para tentar esclarecer melhor essa diferença, propomos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Diferenças entre modelo autônomo e modelo ideológico de letramento proposto por Street (1984)



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, o “modelo autônomo” é uma forma de pensar de muitos estudiosos que acreditam que os sujeitos poderão desenvolver o letramento junto a outras práticas cognitivas, ainda que ele seja “iletrado”, a forma como o letramento era concebido por Kleiman (1995). Já para Street (2013), o “modelo ideológico” é o que está presente, pois se percebeu que não existe a necessidade da intervenção da língua escrita advinda da escola para que os sujeitos tornem-se cidadãos letrados, visto que o letramento é uma prática social.

Ainda quanto à aceção do termo, Street (2007) já pensava em uma perspectiva mais social, associando o letramento a questões culturais, assegurando que “os usos e significados de letramento em diferentes sociedades são semelhantes aos usos e significados do conceito de pessoa” (STREET, 2007, p. 468). Sendo assim, é um termo variável, que pode modificar-se de acordo com a cultura de um povo.

Sumarizando, letramento ainda é um fenômeno sem uma definição exata, visto que esse processo ainda não está totalmente enraizado em nossa sociedade. O que há são

concepções variadas acerca de um ponto em comum, então, não há porque dicotomizar alfabetização e letramento, já que a alfabetização é apenas uma das formas de se letrar um indivíduo.

Sendo assim, as práticas de letramento, sejam elas pautadas unicamente no indivíduo ou no grupo a que ele pertence, ainda precisam de meios para que se possa medi-las e avaliá-las, com o objetivo de transformar as pessoas em sujeitos detentores do uso da língua em qualquer ambiente, sendo participante ativo de sua própria cultura.

No que concerne a esta pesquisa, tomaremos como base a conceituação de Rojo (2001) quando ela afirma que letramento está ligado às práticas sociais com objetivos específicos, assim como, a concepção do modelo ideológico proposto por Street (2013), já que pensamos nas diversas opções em que o letramento está inserido, variando em contextos e na cultura na qual os sujeitos estão incluídos, e, principalmente, Soares (2017), por pensar o letramento como um processo que se utiliza da leitura e da escrita.

Dessa forma, o letramento poderá ser verificado à medida que as percepções acerca do perfil da mulher será traçado pelos alunos por meio da relação entre o perfil das princesas em consonância com a mulher atual, marcando qual a representação social da mulher concebida por ele.

2.2 Multiletramentos e BNCC: a educação contemporânea

Na sociedade, a escola é vista como o espaço de aprendizagem e, quando pensamos no ensino de Língua Portuguesa, o privilégio é concedido à escrita, principalmente aquela do papel. Entretanto, essa realidade vem sendo modificada com a inserção das tecnologias digitais no ambiente de ensino, o que não é uma novidade, haja visto as discussões já travadas na sociedade.

É comum vermos as tecnologias como alicerce nas aulas, ainda que seja notório o caráter retrógrado de se pensar quase exclusivamente na escrita, no papel, em detrimento do uso tecnológico. Por isso, é de suma importância evidenciar as formas inovadoras que chegam ao ensino, que hoje tem como base não mais o texto estático, mas busca-se por suas multissemoses, sinalizando novas formas de se enxergar o texto.

É nesse ponto que atingimos os multiletramentos.

O conceito de multiletramentos surge com o Novo Grupo de Londres (NGL), que trouxe a pedagogia de letramentos, com a metáfora de *design* de significados, ou seja, um criador de sentidos pautado naquilo que ele conhece, mas sem repetir os sentidos. O grupo

propôs em um único termo a junção da multiculturalidade – a diversidade de culturas – e também a multimodalidade dos textos.

Dessa forma, é possível afirmar que esse novo conceito de letramento surge da necessidade de se denominar um novo processo que envolve a urgência da comunicação moderna, que está conectada às mídias digitais e urge por um amplo conhecimento que extrapola o escrito, o estável, o estático.

Sobre isso, Rojo (2012), em sua pedagogia dos multiletramentos, estabelece que os multiletramentos são formas de ler os “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19). Assim, é imprescindível verificar não mais somente um escrito, mas a possibilidade de se encontrar o texto em áudio, ou vídeo, associar as semioses de cores, formas e letras para que se possa recuperar o sentido do todo.

Na esteira desse posicionamento, vemos Street (2012) sustentar que os multiletramentos são “sistemas semióticos que vão além da leitura, da escrita e da fala, incluindo todas essas outras formas de semióticas de comunicação” (STREET, 2012, p. 73). Significa dizer que há o envolvimento de textos multissemióticos, que são os que apresentam movimento, som, imagem e já estão presentes no cotidiano das pessoas que estão conectadas ao mundo digital. Desse modo, é preciso desenvolver a criticidade acerca de textos desse tipo, já que é uma realidade social e, portanto, deve fazer parte da escola.

Então, exigem multiletramentos os textos que permeiam, além da escrita manual e impressa, áudios, vídeos e imagens com ou sem movimento. Essas novas modalidades de perceber o texto estão presentes no cotidiano, seja ele escolar, laboral ou cultural, contribuindo para a comunicação.

A escola pode inserir em seu currículo essa modalidade de letramento, endereçando os alunos dentro da sua cultura, sem descartar a leitura e a escrita. E também criar uma pedagogia que ajude o docente a utilizar esses materiais de modo que possam unir o conhecimento teórico a essa nova possibilidade metodológica, pois, como manifesta Rojo (2012),

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO, 2012, p. 8).

Para orientar esse novo conceito dentro da escola, o Ministério da Educação (MEC) propõe um novo documento que norteie a prática docente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴, a qual engloba as novas mídias e propõe um ensino que envolve as multissemiões do texto, superando o modelo autônomo de letramento, além de almejar um mesmo patamar de ensino e contribuindo também na formação dos profissionais da educação.

A BNCC, no componente de Língua Portuguesa, ressalta que o documento está em busca de uma atualização do ensino, já que houve muitas transformações na sociedade vigente, por isso recorre “às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC)” (BRASIL, 2017, p. 65). Desse modo, o documento inclui um novo olhar acerca das linguagens produzidas e da forma que elas são veiculadas.

No que concerne aos multiletramentos, eles estão presentes na BNCC à medida que temos os campos de atuação que buscam unificar o ensino de linguagem com a realidade cotidiana, a saber, campo jornalístico/midiático, campo da vida cotidiana, campo da vida pública, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, que devem ser articulados juntos a cada um dos eixos de ensino de Língua Portuguesa, oralidade, leitura, análise linguística e produção textual.

Em cada um dos eixos, há sugestão do que deve ser trabalhado de acordo com o campo de atuação. É sugerido o trabalho com alguma mídia impressa ou digital que contenha algum gênero favorável ao trabalho de algum aspecto da língua. Por exemplo, o campo artístico-literário no eixo de produção de texto para turmas de 6º e 7º anos sugere o trabalho com o gênero poema associando imagens para a criação do poema que pode ser escrito ou gravado em vídeo, formando um vídeo-poema.

Dessa forma, o documento propõe uso maior de imagens, de textos que fogem do padrão exclusivo da escrita, propiciando um texto mais lúdico e dinâmico, combinando com as exigências da sociedade moderna, que tem a seu dispor uma vasta opção de imagens e textos atrativos que podem ser trazidos de maneira encantadora aos alunos.

Para mostrar essa preocupação com a inclusão da cultura digital, a BNCC aponta sobre a relevância de se agregar os multiletramentos, afirmando que

Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas

⁴ A Base Nacional Comum Curricular é um documento criado em 2017 com o objetivo de unificar o ensino em rede nacional, com as mesmas chances de aprender, em que os alunos devem desenvolver suas habilidades e competências ao longo da educação básica. Para isso, centraliza o texto como unidade discursiva, por meio de gêneros discursivos que contemplam os eixos da leitura, da análise linguística, da produção textual e da oralidade. Seu diferencial é a inclusão das novas mídias digitais, com a concepção dos multiletramentos.

práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de *designer*: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição. (BRASIL, 2017, p. 68)

Em vista disso, o documento traz ainda o outro ponto já mencionado pelos pesquisadores aqui citados, a questão cultural. Para isso, há a contemplação de gêneros diversos, que fazem uso da linguagem formal e da informal, o culto e o popular no mesmo patamar, sem haver juízo de valor, já que o objetivo é ampliar o conhecimento e chegar ao entendimento de todas as diversidades culturais produzidas.

Para tanto, na BNCC há a concepção bakhtiniana de linguagem, uma vez que ela traz a ideia de enunciado baseado na relação dialógica do discurso, propondo a interação dos usuários que constroem a linguagem com o outro e com a língua. Há, assim, uma concepção discursiva dos gêneros, sendo proposto o contato com gêneros que circulam nas diversas esferas enunciativas, com variados suportes e mídias, ampliando os letramentos.

Desse modo, para que se alcance êxito nas práticas escolares com esses multiletramentos, há a sugestão de gêneros como: notícia, entrevista, chats, podcast, charges, infográfico, verbetes, entre tantos outros, mas que se propõe não só a leitura e a compreensão, mas que se possa produzi-los com excelência.

Para definir esses multiletramentos no texto, Rojo (2012) aponta que há certo consenso entre pesquisadores de que as características em comum são “(a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas)” (ROJO, 2012, p. 23).

Quanto aos desafios de se trabalhar com os multiletramentos, é possível citar alguns pontos. O material didático, que precisa estar de acordo com essa nova realidade, já que o papel não capta essa tecnologia digital, podendo incorrer na mesmice de se trabalhar com foco no escrito/impresso, e também nem sempre a escola possui ambiente propício ao uso de equipamentos multimídias que auxiliem a prática docente. Ademais, a própria BNCC não esclarece de que forma o docente deve conduzir sua prática, ficando a cargo de outros meios para que o professor possa melhorar sua metodologia em sala com o uso desses modelos multissemióticos dos textos e solucionar esse desafio.

No que se refere a esta pesquisa, os multiletramentos colaboraram para que pudéssemos trazer textos não só mais atrativos, mas que pudessem restituir sentidos novos a partir de uma imagem, uma cor, um movimento, em textos em formato de vídeos e músicas em consonância com textos escritos.

3 DIALOGISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Partindo do pressuposto de que Bakhtin é um dos teóricos que embasa parte do que hoje pesquisamos em Linguística Aplicada, este capítulo busca suas raízes nos conceitos denominados por este autor no que concerne aos aspectos da linguagem, trazendo as concepções de signo ideológico, de enunciado concreto e de dialogismo.

Para isso, traçamos as concepções de Bakhtin (1997; 2004) sobre linguagem e os termos por ele cunhados que estão envolvidos nesse âmbito, junto às reflexões de estudiosos bakhtinianos.

É por meio da linguagem que se pode analisar o discurso e também assinalar as representações sociais. Para tanto, aqui reunimos teóricos para endossar essa teoria, apresentá-la e conectá-la no que se refere às representações do gênero feminino, um dos focos desta pesquisa, uma vez que buscamos pelo letramento verificar as concepções acerca do papel feminino construídas em ações de aula de Língua Portuguesa.

Portanto, organizamos os tópicos em 3.1 para tratar da perspectiva bakhtiniana de linguagem, 3.2 com conceitos acerca das representações sociais e 3.3 com as representações da mulher em nossa sociedade unidas ao sentido de estereótipos, sendo estas teorias que subsidiarão a análise do material colhido para pesquisa.

3.1 A perspectiva dialógica do discurso

Bakhtin ficou marcado por sua concepção de linguagem diretamente ligada ao sujeito, trazendo a perspectiva de um ser social. A linguagem passa a ser vista como constituição de sujeitos, um produto das relações sociais e condições materiais e históricas de cada tempo.

Bakhtin (1997), contrapondo-se à questão estruturalista da linguagem, traz a ideia de que o indivíduo é primordial para a efetivação da linguagem, pois concebe que o discurso só acontece na interação e que um enunciado é orientado a um sujeito específico, por isso a linguagem só pode ser realizada dentro da realidade de interação, sendo isso o que constitui o dialogismo, pois esses enunciados responsivos são responsáveis pela interação do diálogo.

Sendo assim, o enunciado é construído por uma linguagem elaborada na interação, em que os participantes trocam enunciados, conhecendo seu papel, atribuindo sentidos ao que está sendo dito e utilizando-se dos fatores que constituem essa interação, a saber, *o espaço* (lócus físico), *o conhecimento* (saber sobre a situação comunicativa) e *a*

avaliação (o que se pensa sobre a situação comunicativa). Toda essa atividade de interação em que se usa um enunciado, um enunciador e um enunciatário constitui a enunciação. Logo, “O enunciado é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (BAKHTIN, 2004, p. 63)

Na teoria bakhtiniana, a linguagem é concebida a partir do instante em que os sujeitos, como seres sociais, fazem parte de uma cadeia verbal dialógica, por isso o texto não pode ser concebido fora dessa dialogicidade; as concepções sociais de um acabam pertencendo também a outro, uma vez que o discurso carrega nossas concepções de mundo, pois, como afirma Bakhtin (1997), “o diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 165).

Desse modo, o enunciado constitui todo o processo comunicativo até chegar à materialidade verbal, como elos de uma cadeia infinita de enunciados, em que se encontram as opiniões e os julgamentos acerca do mundo, culminando nas relações dialógicas, em que se tem um percurso de construção coletiva de significados por meio da palavra, que é um produto vivo das interações sociais. Assim, o dialogismo é, nas palavras de Fiorin (2018, p. 22), “relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”.

O dialogismo bakhtiniano é organizado em três instâncias. A primeira concepção de dialogismo refere-se à constituição da linguagem, que é formada pela interação nos enunciados, em que se percebe a troca de enunciados ainda que este não seja dito verbalmente. A segunda concepção de dialogismo refere-se à forma de se introduzir no próprio enunciado a voz do outro, de forma direta ou indireta. E a terceira concepção traz a relevância do sujeito, que não é assujeitado, ou seja, ele é responsável pelo agir, assim, o sujeito se constitui nas suas ações interativas com o outro; é formado por diversas vozes, sejam elas da igreja, da escola ou da política. Por isso, ele nunca será um sujeito acabado e pronto, pois é nesse contato de interação que ele está sempre se moldando e se constituindo.

É nesse ponto que se percebe a ideologia, visto que a linguagem é um fenômeno social e carrega um sentido que é construído dentro de um contexto social, portanto o sujeito carrega com si suas percepções e seus valores, reverberando pela linguagem o seu ponto de vista.

Bakhtin concebe que o signo, diferentemente de Saussure, carrega uma significação ideológica, pois “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua” (BAKHTIN, 2004, p. 15), logo, o signo nunca está isolado em si mesmo.

Já que o autor traz à tona a questão dialógica, essa troca dinâmica de enunciados é que dá forma à ideologia, pois ela se realiza na mente do sujeito a partir daquilo que está externo a ele e também pelo que ele transforma com suas vivências, pois “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 2004, p. 32).

Desse modo, o signo reflete a relação dialógica entre o individual e o social, uma vez que a construção de sentidos acontece por essa dupla natureza do signo, que é formada por parte da realidade e por parte do reflexo dessa realidade que são materializadas pela linguagem. Brait (2016) endossa o posicionamento de Bakhtin acerca da ideologia, afirmando que a ideologia é “como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (BRAIT, 2016, p. 171).

De acordo com essa perspectiva bakhtiniana, podemos afirmar que, nesta pesquisa, a ideologia está representada nas concepções formadas pelos alunos acerca do perfil social da mulher, que foram construídas por meio das interações sociais dele com o meio em que vive, seja por discurso dos familiares, das propagandas, das leituras ou de outros, pois, como afirma Bakhtin (2004, p. 36), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”.

O estudioso faz ainda uma distinção entre ideologia oficial e ideologia cotidiana. A oficial está relacionada a um sentido *sui generis*, que tende a ser predominante. Já a cotidiana é maleável, ela se transforma com as condições sociais. Portanto, a ideologia dominante cria os modelos que ficam impostos socialmente, enquanto a ideologia do cotidiano cria esses modelos de pensamento de acordo com as condições sociais, formando os estereótipos.

Na perspectiva da ideologia em concomitância com a representação social da mulher, a ideologia acaba por determinar esses perfis femininos dentro da sociedade, criando (pré)conceitos que podem ficar arraigados, determinando comportamentos e crenças, os quais são revelados desde a infância com a história das princesas dos contos de fadas.

Assim, Bakhtin ampliou o sentido de estudos acerca da linguagem, propiciando que pesquisadores começassem a trazer novas teorias acerca do próprio ensino da língua materna. Em vista disso, a teoria bakhtiniana em muito contribuiu para esta pesquisa, tendo em vista que o letramento parte de situações comunicativas concretizadas por gêneros discursivos em que a interação verbal é primordial para a aprendizagem, já que é por meio desta interação que se formam sujeitos sociais.

Além disso, pensar nas questões ideológicas suscitadas por Bakhtin (2004), remete às representações sociais, já que o signo ideológico é formado pelas interações e é nesse instante dialógico que os sujeitos formam suas opiniões.

Enfim, a pesquisa percorrerá pautando-se na interação escrita dos enunciados concretos, com práticas sociais materializadas por gêneros discursivos, imergindo os sujeitos de pesquisa num processo de letramento que os assistirá com práticas sociais letradas.

3.2 Representações sociais: sistematizando conceitos

A Teoria das Representações Sociais surgiu a partir da Teoria das Representações Coletivas, uma concepção do campo da sociologia, de Durkheim (1912)⁵, com investigações acerca de crenças religiosas, em que este acreditava que o homem mantinha sua essência por meio da religião.

Para classificar as representações coletivas, ele trouxe características que ajudam a compreendê-las. São elas: a **coerção**, ao se provocar o mesmo pensamento em comum a todos; a **objetividade**, quando o pensamento partilhado socialmente atinge o indivíduo; e a **estabilidade**, as ideias não são modificadas, uma vez que elas são reproduzidas e assim permanecem.

Essas denominações fizeram com que se criassem dicotomias as quais não se conseguia explicar, como individual instável x social estável, colocando em xeque o caráter científico da proposta de Durkheim. Por isso, de acordo com Nóbrega (2001, p.58), essa “lacuna teórica dos estudos de Durkheim, abre-se, para Moscovici, o campo propício à construção da teoria das representações sociais”.

Desse modo, apesar de algumas tentativas de se trazer a proposta da *Teoria das Representações Sociais* (doravante TRS) ainda na década de 50 do século XX, foi só nos anos 70 do mesmo século que a TRS surgiu como saber científico com a obra *A Psicanálise, sua imagem e seu público*, de Moscovici, uma introdução das representações sociais, que traz um interesse sobre a forma de se comunicar do indivíduo que se reflete socialmente e vice-versa. Portanto, as representações tornam-se sociais, e não mais coletivas, à medida que novas ideias são introduzidas nas interações sociais.

⁵ Em sua obra *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, de 1912, o autor propôs o conceito de Teoria da Coletividade numa tentativa de explicar fenômenos sociais, a partir de crenças, comportamentos, opiniões, religiões. Foi a partir desse conceito que Moscovici elaborou a Teoria das Representações Sociais.

Quanto à sua definição, Moscovici (1981) define a Teoria das Representações Sociais como

um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

Na proposta de Moscovici (1981), há, portanto, uma busca por compreender como as relações e as crenças sociais impactam as pessoas, e isso se transformou em ciência, a fim de melhorar o pensamento comum, erradicando o preconceito e a ignorância, unindo a ciência ao senso comum e às experiências cotidianas.

Em vista disso, tomamos como verdade para esta pesquisa o que é traçado por Moscovici (1990), já que acreditamos que as representações sociais são criadas tanto de forma individual como na interação entre sujeitos.

Como parte dessa teoria, Moscovici (1990), no que concerne aos aspectos constitutivos da TRS e de como eles funcionam, aponta que elas podem ser compreendidas por meio de dois fenômenos, a **objetivação** e a **ancoragem**, que mostram a relação das construções mentais formadas pelo indivíduo e como isso é colocado socialmente, acontecendo de forma articulada entre si.

A objetivação consiste na concretização de uma realidade criada do objeto pelo sujeito, em que os pensamentos saem do campo da abstração para a concretude. Em nossa pesquisa, a objetivação é o papel mental que os alunos constroem da mulher, como eles concretizam as ideias que eles formaram sobre ela.

A ancoragem torna possível a objetivação, pois ela é uma espécie de meio pelo qual é possível atribuir conceitos a objetos que antes não eram recuperados pelo sujeito, tornando, assim, os objetos como familiares ao sujeito. É uma assimilação entre a informação nova e àquela existente. Trazendo para nossa pesquisa, são os novos significados unidos aos que já existiam, em que as princesas são utilizadas para (re)formar conceitos da mulher, a partir das ideias que eles têm da princesa.

Jodelet (1986) coloca esses processos numa explanação figurativa, em que “toda figura corresponde a um sentido e todo sentido corresponde a uma figura” (JODELET, 1986, p. 476). Nota-se, portanto, que Jodelet (1986) aproxima-se do pensamento de Moscovici (1990), ao colocar a representação social como a correspondência de uma figura a um sentido, em que cada pessoa conceberá uma maneira de formar essa figura, baseada em sua cultura. As imagens mentais que são construídas por cada um revelam suas concepções de mundo, traços

de sua cultura e daquilo que se acredita, que são formados também pelas influências das e nas interações sociais.

Desse modo, Jodelet (1986) concebe as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma intenção prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1986, p. 474). Notamos, portanto, que as representações estão voltadas para uma construção de sentido formado entre o coletivo e o individual, em que as concepções individuais são formadas a partir daquilo que a sociedade concebe e aponta como certo ou errado, do que convém socialmente. São esses dados colhidos no senso comum que formam as ideias de cada pessoa, que constrói sua própria rede de significados.

É perceptível como a TRS é um fenômeno complexo, pois comporta uma relação de troca de significações entre sujeito e objeto, em que este é modificado de acordo com as vivências daquele. Assim, o objeto vai assumindo formas de acordo com as referências (re)criadas pelo sujeito.

A autora agrega ainda a esse significado das representações a questão das imagens, pois são esses constructos sociais que formamos que são responsáveis pela criação de significados; são a forma de pensar o mundo e mostrar a realidade social em que o indivíduo está inserido. Assim, Jodelet (1986) coloca a noção de representações sociais como

Imagens que condensam um conjunto de significados; sistemas de referência que nos permitem interpretar o que acontece conosco e até dar sentido ao inesperado; categorias que servem para classificar circunstâncias, fenômenos e indivíduos com os quais temos algo a ver; teorias que permitem estabelecer fatos sobre eles. E, muitas vezes, quando são entendidos na realidade concreta de nossa vida social, as representações sociais estão todas juntas. (JODELET, 1986, p. 472)

Dessa forma, essa complexidade das representações sociais envolve mudanças que acontecem dentro da sociedade. A partir dessa teoria, não é só o conhecimento científico que determina o saber, a cultura e o conhecimento cultivado pelos sujeitos nas ações sociais do cotidiano passam a ser influenciadores diretos da construção de sentido.

Então, percebe-se como as representações sociais são construídas por um indivíduo pelas relações que ele estabelece com o mundo, em que um objeto poderá ser modificado constantemente, pois isso é ditado pelas novas experiências adquiridas pelo sujeito, à medida que ele vai agregando novos sentidos em seu discurso.

Quando partimos para Doise (2001), o autor traz uma perspectiva da TRS pautada na abordagem societal, partindo das *atitudes* dos membros de um grupo – as opiniões

formadas por eles, em que primeiramente estão a Teoria das Representações Sociais para depois haver a interação entre os sujeitos, pois são as próprias representações que orientam como o sujeito irá se comportar nas interações, ainda que de forma inconsciente.

Doise (2001) se apoia na concepção da ancoragem de Moscovici (1981), pois, visto que há a “incorporação do estranho numa rede de categorias mais familiares” (DOISE, 2001, p. 190), as atitudes entendidas a partir da ancoragem mostram que elas também são RS, só que do ponto de vista da Sociologia e não do psicossocial de Moscovici (1981). Logo, Doise (2002) entende por representações sociais “princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos” (DOISE, 2002, p. 30), em que essas RS são formadas pelas relações de comunicação em que os sujeitos se utilizam dos mesmos referentes para construir sistematicamente suas percepções sobre o mundo.

Para isso, Doise (2002) sugere níveis de análise que possam colaborar com a análise das representações sociais, formando hipóteses de como elas são percebidas em sociedade. A primeira é de que se formam pela comunicação em que os indivíduos têm mesmo ponto de referência para troca simbólica de conhecimento. A segunda é de as representações explicam as diferenças entre os sujeitos nas suas relações. A terceira é como as referências são formadas com base nas realidades coletivas dos indivíduos.

Outra pesquisadora da área é Ribeiro (2008), que trabalha a TRS no processo de formação docente. A autora se vale do discurso para verificar as construções sociais do professor, pois essa identidade é construída pela (trans)formação de valores atribuídos socialmente a essa figura. Dessa maneira, Ribeiro (2014) contempla as representações sociais como

[...] produtos simbólicos que tanto auxiliam a compreensão do mundo como viabilizam o agir neste mundo. Elas garantem o acesso a experiências circunscritas pelas práticas sociais e também encadeiam ações guiadas pelos parâmetros impostos pelo acervo. Desse modo, a RS se apresenta como fator gerador de processos de elaboração/ativação de modelos de conduta e de pensamento sobre algum objeto da realidade cuja (re)produção se faria nas interações sociais (RIBEIRO, 2014, p. 101)

Assim, as representações estão entrelaçadas em processos subjetivos moldados pela sociedade na construção do conhecimento e que, por se tratar de um fenômeno social, pode estar atrelado a diversos setores e grupos sociais, sendo uma forma de analisar e estudar os comportamentos sociais.

Em virtude disso, as representações sociais “estão vinculadas a normas envolvendo comportamentos individuais e coletivos transversais a diferentes grupos sociais.

Daí, não se pode dizer que uma representação é de domínio exclusivo de um grupo social ou então restrita ao domínio de um indivíduo”, como afirmam Matencio e Ribeiro (2009, p. 230).

Desse modo, a Teoria das Representações Sociais é uma ciência que investiga o conhecimento construído de forma coletiva, pelo senso comum, que tem por finalidade formar realidades que serão recebidas pelos indivíduos e propagadas socialmente, é a partir disso que as opiniões são construídas e formam um conjunto de ideias representativas do todo, ou uma cultura ou um estereótipo.

Então, podemos pensar que as representações são teorias que agregam os saberes advindos da população, com todas as suas construções de conhecimento no que se referem aos estereótipos, os preconceitos, as credences, com a finalidade de constituir imagens reais daquilo que o ser humano constrói socialmente acerca dos seus valores, o que contemporaneamente chamamos de senso comum.

Nesta pesquisa, as representações sociais são importantes uma vez que é a partir desta teoria que enxergamos as relações entre os objetos construídos pelos sujeitos dentro da sua relação social consigo e com o outro, procurando verificar como os alunos percebem e traçam o perfil da mulher a partir daquilo que ele formou como concepção do feminino nas suas relações sociais. Logo, procuramos compreender como o aluno forma essa concepção por meio de seus registros escritos.

Compreendemos que as representações problematizam um fenômeno visto como comum pela sociedade, para que possamos compreender como ele é visto e compreendido pelo outro. Não queremos colocar que o aspecto social constitui unicamente a pessoa, mas ele pode moldá-la, auxiliá-la a formar conceitos, reabilitar o senso comum.

Então, as representações sociais tornam-se pertinentes para que se possa naturalizar aquilo que ainda não o é, com conhecimentos que são formados dentro do cotidiano, formados por consensos que a própria sociedade dita. Essa teoria propiciou que o senso comum ganhasse espaço dentro da ciência, para que os fenômenos sociais pudessem ser investigados e compreendidos dentro da sociedade.

Isso implica pensar em Bakhtin, quando este traz a questão dialógica do discurso, em que temos um sujeito formado pelas ideias trocadas nessa relação de a linguagem constituir o sujeito, por meio dos seus pensamentos e valores sociais, pois Moscovici (1981) sinaliza que o sujeito é social e, por isso, ele é quem comunica suas representações; ele é um ser ativo socialmente e que se reinventa e inventa conceitos.

Ainda que aqui se tenha feito uma breve organização teórica acerca das representações sociais, o próprio Doise (2001) já apontava para esse ponto não estar de todo

resolvido, pois “as representações sociais são tomadas de posição de natureza diferente, mesmo que às vezes possam ser utilizados pontos de referência comuns” (DOISE, 2001, p. 192). O que importa para nós é que as representações revelam os saberes do senso comum, que estão formados e sendo construídos diariamente dentro da sociedade, como uma forma de estudar o comportamento do ser humano e sua relação comunicativa dentro do mundo.

Por fim, a TRS aqui será entendida como um processo de construção social que envolve (trans)formação de papéis sociais formulados por sujeitos em uso da linguagem, verificando a condição da mulher desenhada a partir do perfil das princesas de contos de fadas.

3.3 O papel da mulher em sociedade: representações e estereótipos

As teorias que trabalham com as RS ainda são recentes; surgiram em concomitância com as teorias femininas, como assegura Arruda (2002). Em virtude disso, novos caminhos de pesquisa se abrem e se utilizam de objetos vários, por vezes, considerados de menor pertinência científica, como a mulher.

Assim, essas teorias se tornam responsáveis por apresentar um novo estudo sobre as questões envolvidas dentro da sociedade, moldando conceitos e definições ou apenas analisando o senso comum. É uma forma de perceber como a sociedade enxerga um fenômeno social. De acordo com Arruda (2002),

[...] estas teorias estão reabilitando o conhecimento concreto, a experiência vivida, e reconhecendo a possibilidade de diversas racionalidades, o que é adequado às características das multifacetadas sociedades e grupos sociais contemporâneos e às características da forma de conhecer e lidar com o saber nessas sociedades, em que grupos diferentes têm visões diferentes de um mesmo objeto sem que a diferença implique obrigatoriamente desigualdade (ARRUDA, 2002, p. 133).

Dessa forma, pensar as representações sociais é compreender que existem diversas opções de se caracterizar ou denominar um ser, mas que é necessário também compreender o contexto social ali envolvido para perceber os motivos que levam o outro a formar concepções acerca de pessoas e de fenômenos.

Arruda (2002, p. 134) afirma que “a representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel.”. Por isso, as ideias formadas podem ser moldadas continuamente, a depender de fatores culturais,

religiosos, políticos, etc. É pensando nisso que identificamos as diversas compreensões sociais formadas acerca do gênero feminino.

A mulher, desde os tempos de Jesus, é desenhada pela sociedade de acordo com o perfil que esta deseje que ela cumpra moralmente. Ela já foi a protetora, a provedora, a genitora, a perfeita cuidadora do lar e de seus filhos. Como também foi pintada por vários artistas como musa, sedutora, donzela, traços que definissem sua beleza, sexualidade e feminilidade. Percebemos, portanto, que a mulher foi traçada pelas regras de convenções sociais e isso implicou denominações por vezes pejorativas a ela, além de definir os estereótipos de certo e errado em sua conduta. Pensando no objeto desta pesquisa, a mulher, como princesa, já demonstra o perfil e as concepções da sociedade de sua época acerca do seu comportamento, conseqüentemente, provoca estereótipos femininos na contemporaneidade.

Para Amossy e Herchberg Pierrot (2010, p. 95), “O estereótipo é uma ideia convencional, associada a uma palavra em uma dada cultura. [...] O estereótipo é uma parte de significação, que responde a ideia comum associada à palavra”. Sendo assim, os estereótipos estão intrinsecamente ligados aos sentidos que são atribuídos socialmente e se tornam convencionais em determinada cultura.

Desse modo, percebemos que as relações de estereótipos criadas resultam da cultura de um povo, daquilo que se criou e se convencionou socialmente dentro de uma relação de sentidos a partir de pontos comuns, sem garantias de evidências históricas, mas que todos acreditam e perpetuam.

Verifica-se, entretanto, que não há uma aceção negativa do termo por si, mas de sentidos construídos e socialmente determinados quanto ao seu tom negativo ou positivo, embora haja uma tendência em se acreditar que os estereótipos são ofensivos. Em vista disso, o estudo do estereótipo desmistifica essa premissa, mostrando que a relação entre o léxico e as representações sociais para ele é que formam um objeto estereotipado.

Para tanto, ao se tratar de contos de fadas, as princesas são papéis construídos dentro de padrões sociais que as dispõem em um patamar da mulher cuidadora, servil, benevolente, resignada. Perfil este criado de acordo com os preceitos sociais de sua época, pintando a mulher como retrato fiel de sua sociedade.

Sendo assim, o estereótipo concebido das princesas é de que elas esperam um príncipe que as salve, marcando a ideia de que a mulher precisa ser salva e, por isso, precisa do homem, marcado como aquele forte, protetor, herói, criando o estereótipo do príncipe encantado.

Amossy e Herchberg Pierrot (2010) assinalam que as categorizações formuladas acerca de um objeto são propulsoras ou do preconceito ou da identidade, este quando se concebem acepções positivas e aquele quando, negativas.

Nesse sentido, as princesas dos contos de fadas são colocadas em patamares estereotipados que a destinam em um lugar negativo, se posto de um ponto de vista mais moderno, já que é uma figura vista como subserviente. Entretanto, neste trabalho trabalharemos com princesas de perfis diferentes, verificando características comuns entre elas, os modelos mais convencionais de princesas, mas que podem fugir desse lado negativo da princesa submissa, ganhando um status mais empoderado da mulher moderna.

Os estereótipos são, pois, frutos do senso comum e revelam as imagens elaboradas que se tem acerca de um objeto, sendo indispensável para compreensão do material de referência do ponto de quem argumenta, pois, como afirmam Amossy e Herchberg Pierrot (2010),

O estereótipo esquematiza e categoriza, mas esses procedimentos são indispensáveis para a cognição, mesmo quando levam a uma excessiva simplificação e generalização às vezes excessiva. Precisamos relacionar o que vemos com modelos preexistentes para entender o mundo, fazer previsões e regular nossos comportamentos. (AMOSSY; HERCHBERG PIERROT, 2010, p. 33-34).

Assim, nosso trabalho debruça-se na perspectiva de revelar os estereótipos das princesas para que se forme uma imagem mais próxima possível da mulher e, possivelmente, desconstruindo padrões socialmente convencionados por meio da própria princesa e seu papel dentro da sua história.

4 GÊNERO E ENSINO

Os gêneros tornaram-se objetos de ensino e pesquisa no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. Pautado em documentos oficiais e estudos teóricos, o gênero chega à sala de aula por ser uma forma de comunicação social que exige a interação dos indivíduos. E esse ponto de interação é um consenso entre os estudiosos da Escola de Bakhtin, da Escola Norte-Americana e da Escola de Genebra no que se refere à abordagem dos gêneros.

Ramires (2005) elaborou um estudo sobre os gêneros de acordo com as escolas que o abordam. A Escola de Bakhtin concebe o gênero a partir da interação que ocorre por meio da linguagem; é o dialogismo que permite perceber as vozes no discurso e assim analisar os papéis dos interlocutores, além da criação da tríade que engloba o gênero: estilo, estrutura composicional e conteúdo temático.

A Escola Norte-americana une as regularidades da língua e a função social como requisitos para identificação e compreensão do gênero. Miller (1984) aborda uma modificação contínua dos gêneros dentro do seu contexto cultural e social; Swales (1990) trata de gêneros a partir das comunidades discursivas, em que os indivíduos se valem da retórica para cumprir objetivos de fala; e Bazerman (1994) coloca os gêneros como textos que são construídos socialmente e vão sendo moldados para uso e assim criam-se os gêneros, a partir da interação.

A Escola de Genebra é a que mais usa da teoria acerca dos gêneros voltada para o ensino, já que aborda a diferença entre tipos e gêneros textuais, numa perspectiva sociointeracionista de linguagem. Schneuwly (1994) buscou inspiração em Bakhtin por adotar as características de estilo, conteúdo temático e estrutura composicional. Schneuwly e Dolz (1997) sustentam os gêneros como integrantes das práticas de aula, abordando a produção de gêneros orais e escritos. Bronckart (1999) parte para análise da função comunicativa, não se importa tanto com sua questão formal, pois não são os elementos linguísticos em si que definem o gênero; propõe, então, uma análise dos tipos de discurso para definição dos gêneros.

Logo, tomando por base a importância do gênero para o exercício pleno do ensino da língua, este capítulo tem como objetivo abordar brevemente definições teóricas e entrelaçá-las à perspectiva do ensino. Além de trazer um amplo estudo sobre o gênero conto e mais especificamente sobre os contos de fadas. É válido ressaltar que, apesar de nosso foco não ser o ensino do gênero conto de fadas, é por meio deste gênero e de alguns outros que os alunos revelarão sua concepção sobre a mulher.

4.1 Uma perspectiva teórica sobre os gêneros

Mikhail Bakhtin é um dos maiores nomes no quesito gêneros discursivos, subverteu sua era ao incluir o sujeito como influenciador da linguagem, já que este sujeito é formado de crenças e valores socioculturais, e isso é repercutido por sua linguagem, esse aspecto social do homem é revelador em sua linguagem.

Para elaborar sua teoria sobre os gêneros do discurso, Bakhtin foi buscar as concepções de gênero em Platão, e que classificou os gêneros em sério, burlesco e mimético. Foi a partir disso que a Literatura se debruçou acerca dos gêneros, concebendo os gêneros literários.

Dessa forma, o escritor russo tomou como material para análise da língua os romances, gênero este que lhe permitiu enxergar a interação de fala entre personagens e, com isso, notar a interação entre sujeitos reais, ocasionando uma nova teoria de linguagem, agora pautada no sujeito, em que os sentidos são elaborados discursivamente nas interações verbais numa esfera de atividade humana.

A partir de então, o autor sentiu a necessidade de criar parâmetros que abrangessem aquilo que está além da compreensão da estética literária, trazendo, portanto, um estudo acerca da linguagem como interação. Como assegura Machado (2017) “os gêneros discursivos distanciam-se do universo teórico da teoria clássica criando um lugar para manifestações discursivas da heteroglossia, isto é, das diversas codificações não restritivas à palavra” (MACHADO, 2017, p. 152). Assim, Bakhtin (1997) definiu gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Para tanto, Bakhtin faz uma diferença entre gêneros primários e secundários para abranger a infinidade de gêneros que se formam com a necessidade comunicativa. Os gêneros primários são aqueles da interação verbal cotidiana de ordem mais natural, mais particular e espontânea entre as pessoas, com uma exigência menor no que tange aos recursos linguísticos da língua. Os gêneros secundários já são mais elaborados, mais estabilizados, mais público, detêm uma forma mais exata e exploram de forma mais rígida os aspectos linguísticos.

Gêneros como crônica, novela, romance e conto pertencem ao campo discursivo secundário, já que possuem uma composição mais complexa, por vezes, abrangendo até os mais simples (primários), uma vez que é possível a hibridização de gêneros, com características de ambos. Diante disso, elegemos o conto em nossa pesquisa, um gênero secundário escrito do âmbito literário, que pode imbricar em sua composição gêneros primários.

Bakhtin (1997) concebia o gênero como resultado das atividades humanas de linguagem, já que essas atividades se concretizam em “esferas da comunicação humana”. Para isso, nomeou dimensões constitutivas do gênero, sendo estas o conteúdo temático, o estilo e as unidades composicionais.

O conteúdo temático são os componentes linguísticos que constituem a linguagem designada ao gênero. O estilo refere-se aos recursos da língua em harmonia com os recursos exigidos pelo gênero. As unidades composicionais estão relacionadas às estruturas do discurso em função da relação enunciador - enunciatário.

Schneuwly (2004, p. 23), corroborando com as ideias de Bakhtin (1997), traz a concepção de que “gênero é instrumento”, pois ele é o meio de se interpretar, produzir e compreender um texto. Assim, ambos se aproximam à medida que os gêneros são resultados das ações discursivas em que o conhecimento está interagindo sobre essas ações que resultam na formação da comunicação por meio do gênero.

Bazerman (2011a) foi buscar seu conceito de gênero nos pressupostos da linguística, da retórica, da psicologia e da sociologia, assemelhando-se a Bakhtin (1997), já que ambos colocam o gênero enquanto resultado de interações sociais, que estão situadas socialmente e são realizadas por meio de uma estrutura visível, o gênero. Para tanto, o autor define gênero como

[...] formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social [...] ambientes para a aprendizagem [...] lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são modelos que utilizamos para explorar o não-familiar (BAZERMAN, 2011a, p. 23).

A perspectiva de Marcuschi (2005) segue a ideia de que o gênero está atrelado a raízes culturais e históricas da sociedade, visto que é por meio deles que as pessoas se comunicam; os gêneros se modificam de acordo com a evolução da sociedade e seus avanços tecnológicos, permitindo que o texto seja materializado em gêneros.

Sobre isso, o autor traçou uma linha histórica sobre os gêneros, em que se percebe a multiplicação da maneira de se constituir os gêneros, partindo da tradição oral, que os limitava, expandindo-se com o nascimento da cultura impressa, em que a escrita passou a predominar a oralidade, até os usos tecnológicos em tempos mais modernos, em que há uma multiplicidade de gêneros, por isso, os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções

comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Vale ressaltar que a questão escrita do texto nem sempre é a definidora do gênero, pois eles podem ser definidos por elementos lingüísticos, mas também por sua funcionalidade, uma vez que, “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2005, p. 28).

Marcuschi (2008), corroborando com o pensamento bakhtiniano da linguagem, reflete sua definição de gênero também atrelada ao uso, à sua funcionalidade, pensando por uma perspectiva social, em que a comunicação só pode ocorrer por meio de gêneros.

Dessa maneira, Marcuschi (2008) assegura que “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*” [grifos do autor] (MARCUSCHI, 2008, p. 159). Percebe-se que há o envolvimento de elementos lingüísticos que podem ser caracterizadores de um gênero, mas que, mais que isso, o que de fato importa para sua conceituação é sua função social.

Portanto, o estudo dos gêneros a nós é relevante pelo fato de as relações pessoais serem formadas a partir dessa materialização de textos, em que os usuários da língua se valem deles para que possam participar de situações sociocomunicativas, cumprindo a funcionalidade do gênero.

4.2 O gênero em documentos oficiais (PCN / BNCC)

Quando partimos para a sala de aula, essa realidade de gêneros surge com o advento dos documentos oficiais que orientam o ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 que orientam a prática docente quanto ao trabalho com a língua. Dessa forma, os gêneros, seguindo a ótica bakhtiniana do discurso, foram inseridos no ambiente escolar a fim de propor uma nova maneira de enxergar a linguagem.

Assim, os gêneros são percebidos como práticas de linguagem, em que se tem, por definição, a inclusão das noções de conteúdo temático, conteúdo composicional e estilo baseados em Bakhtin. Para isso, o documento ressalta a noção de gênero por eles defendida como:

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1998, p. 22)

Como se vê, não é tão clara a conceituação de gênero. Marcuschi (2008), que é precursor na pesquisa de gêneros na sala de aula, trouxe uma crítica à forma como os gêneros eram trazidos pelos PCN, pois havia um prestígio pela composição formal da linguagem em detrimento das formas mais cotidianas, havendo ainda uma incongruência entre oralidade e escrita, não ficando claro quais os gêneros que competiam a cada uma das modalidades da língua.

Com o tempo, teóricos passaram a conceituar, a distinguir conceitos de gênero e tipo para que isso fosse uma realidade dentro da sala de aula, capacitando os profissionais da educação para que eles soubessem diferenciar gênero e tipo textuais como entidades diferentes na relação estrutural do texto, independente de serem orais ou escritos.

Anos depois da propagação dos PCN, buscando uma reformulação do ensino, outro documento, numa versão mais atual do uso da linguagem em sociedade, também surgiu para orientar as práticas docentes, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC traz em seu escopo as mesmas bases teóricas utilizadas nos PCN (1998); seu diferencial consiste em se pautar nessa nova modalidade tecnológica de lidar com as práticas de linguagem, incluindo a tecnologia digital em sua proposta, como consta no documento no ponto em que se afirma que “As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir.” (BRASIL, 2017, p. 65).

Na perspectiva do ensino, para muitos professores, o gênero é uma espécie de moldura da realidade, uma forma de fazer o aluno perceber que os textos são colocados em quadrantes que tomam uma forma de perceber o mundo. Eles estão presentes nos manuais didáticos e são repassados a fim de tornar o usuário eficiente quanto suas práticas, buscando como foco a aprendizagem do uso da linguagem, como afirma Marcuschi (2005, p. 31) “um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão”.

De acordo com Bazerman (2011b), essa visão de enquadrar os gêneros é incompleta e enganadora, pois “ao vermos os gêneros dessa maneira incorremos na

perspectiva de excluir os sujeitos da ação de autoria da sua própria escrita, já que estipular características estaria pressupondo a não revelação da criatividade” (BAZERMAN, 2011b, p. 32). Apesar disso, é necessário que haja uma organização textual para que se possa recorrer à identificação do texto e participar das práticas sociais de comunicação.

Essa problemática da escolarização dos gêneros também é abordada por Dolz e Schneuwly (2004). Os autores afirmam que, na escola, o trabalho com gêneros são situações criadas que servirão apenas para avaliação e não têm comunicação real, pois “são desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 76). Desse modo, os gêneros, ao serem abordados no ambiente escolar, precisam da sensibilidade docente em tornar seu uso mais próximo ao real.

Os gêneros são utilizados como uma maneira de compreender o mundo e suas ações, um mecanismo de comunicação criado para evidenciar as questões culturais de uma sociedade em seu cotidiano, o que nos caberia citar Bazerman (2011b, p. 51) quando este anuncia que “os gêneros são os que as pessoas reconhecem como gêneros em qualquer momento do tempo”.

Assim, as formas de se conceber gênero sempre partem da prerrogativa da linguagem em uso, de que os gêneros estão a serviço da linguagem, como tem de ser. A sala de aula ganha com isso um ensino que tornará o aluno profícuo no uso da linguagem, sabendo como e por esse utilizar determinados gêneros, ainda que haja alguma situação menos prototípica do uso.

4.3 Gênero conto: da sua gênese aos contos de fadas

O conto é um gênero muito antigo. Talvez por advir da oralidade, as narrativas sempre fizeram parte da humanidade, que passavam suas tradições orais de geração a geração, perpetuando as histórias. Existem várias curiosidades acerca desse gênero, como a falta de data e de lugar específicos para seus primeiros escritos, causando imprecisão acerca de sua origem.

Goes (1991) afirma que o conto vem do mito, pois os contos advêm de problemas reais que foram transformados em histórias a fim de moralizar a sociedade, sendo, por isso, da tradição oral. Segundo a autora, “o mais antigo conto é o de *Conon*, obra de autor grego que fala de um personagem que peregrinou por diversos países tentando entregar certa quantia ao seu credor”. Assim, inicia-se a escrita de contos pelo mundo.

Corroborando com esse pensamento, Gotlib (1990) informa que os contos escritos nascem juntos com as civilizações, por isso “enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história da nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam” (GOTLIB, 1990, p. 6). Desse modo, não há data concreta para sua criação, mas sabe-se que diversas obras se tornaram em grande parte clássicos da literatura a partir do momento que se tornaram escritos, como *As mil e uma noites*.

A autora tece uma rede de autores (Massaud, Edgar Alan Poe, Jolles, etc) que trazem sua visão de conto, em tentativas de definir e homogeneizar o que seria um conto. Entretanto, não há um consenso, cada autor aborda uma teoria, ou tende para um estilo mais específico dos contos, já que eles são classificados em vários tipos, como terror ou maravilhoso.

De acordo com Gotlib (1990), o conto

[...] não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos. [...] A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo (GOTLIB, 1990, p. 12).

Desse modo, a narrativa do conto preenche os campos da ficção, buscando o imaginário do leitor como interação dessa fantasia.

Percebemos, então, que os contos chegaram da tradição oral, sendo posteriormente transformados em escritos e depois contos inventados sem partir de uma história de tradição. Sua definição exata não é consensual, haja vista alguns autores o relacionarem ao romance, à fábula ou ainda à crônica, evidenciando características em comum.

Seguindo esse raciocínio, Gotlib (1990) determina três acepções trazidas por Júlio Cortázar para definir o conto quando este estuda Edgar Alan Poe, que são: “1. Relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. Fábula que se conta às crianças para diverti-las” (GOTLIB, 1990, p. 11). Portanto, o que caracteriza o conto é a narrativa, pois o ato de contar é o ponto que há em comum em todos.

Bosi (2015) caracteriza conto como “posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”.

Verifica-se, portanto, que não há uma definição exata de conto, mas que existem pontos em comum, como a narrativa fluida e de temas que estão para além da realidade humana, que fazem com que se tenha noção de que gênero está se tratando.

Como aqui trataremos exclusivamente do gênero conto de fadas, por alguns autores também conhecido como contos maravilhosos, é devido que se explique o seu significado. Propp (2010, p. 90) atribui que “do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou uma carência e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace⁶” (PROPP, 2010, p. 90).

Para Coelho (2010), há uma diferença entre contos de fadas e contos maravilhosos, pautados no tipo de obra, já que a autora determina que *A Bela e Fera*, por exemplo, é conto de fadas, já *O Gato de botas*, por exemplo, é conto maravilhoso.

Em virtude disso, ela determina que contos maravilhosos “são narrativas que, *sem a presença de fadas*, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico [...] e têm como eixo gerador uma *problemática social*” (GOTLIB, 1991, p. 13), enquanto conto de fadas é definido como “*Com ou sem a presença de fadas*, seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica [...] e têm como eixo gerador uma *problemática existencial*” [grifos do original] (GOTLIB, 1991, p. 13).

Góes (1991) aponta que é necessário o maravilhoso na narrativa do conto para caracterizá-lo como conto de fadas, depois a presença das personagens “que são tipos e, em geral, têm apenas uma qualidade principal elevada ao máximo” (GÓES, 1991, p. 116).

Dessa forma, notamos que o comum a todos os teóricos referenciados é o maravilhoso, definido por Todorov (1979) quando este analisou a estrutura das narrativas.

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito. Não é uma atitude para os acontecimentos contados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. Os contos de fadas e a ficção científica são algumas das variedades do maravilhoso (TODOROV, 1979, p. 160).

Assim, no que concerne aos contos de fadas, notamos a necessidade do maravilhoso, que irá resplandecer no imaginário não só infantil, mas também daquele que se permitir perceber elementos mágicos como possibilidades de acontecimentos quase reais, que representam a sociedade humana comum, com qualidades e defeitos.

Quanto à tradição dos contos infantis, ela encontra suas raízes nos celtas, nas novelas de cavalaria. Surgidos ainda antes de Cristo, como já apontaram algumas pesquisas. Na Idade Média, foram encontrados textos de fontes europeias, mas não é possível precisar sua origem de fato. Entretanto, os contos apareceram como histórias contadas para adultos (COELHO, 2010).

⁶ O autor designa por *dano*: raptos, roubos, esquecimentos, assassinatos, ameaças, declaração de guerra, etc; por carência: de noiva, de ser humano, de dinheiro ou de outras formas.

A criação dessa literatura de contos voltada para crianças remonta à França do século XVII. Charles Perrault foi considerado ridículo para seu tempo, pois escrever contos infantis (uma literatura muito popular) não era de bom tom para sua época, apesar de ele ser aclamado nos círculos literários franceses por outras obras. Então, histórias, como *Os contos da Mãe Gansa*, “com o tempo, divulgam-se como leitura para crianças e vão se imortalizando” (COELHO, 2010, p. 85).

Para tanto, trilhando uma perspectiva histórica, tem-se prenúncios de uma literatura infantil com Perrault, passando pelos irmãos Grimm até chegar a Andersen, consagrado como verdadeiro criador de contos infantis. Tomemos, então, um breve conhecimento acerca das contribuições de cada um.

Perrault é o responsável por tornar os contos em Literatura Infantil. Os motivos não se sabem ao certo, mas acredita-se que estariam ligados “à Querela dos Antigos e Modernos (que dividiu a Academia Francesa e marcou, historicamente, o crepúsculo do Classicismo)⁷, e, por outro lado, à luta feminista, na defesa dos direitos intelectuais e sentimentais da mulher” (COELHO, 1991, p. 66).

Evidencia-se, portanto, que inicialmente houve mais uma preocupação na exaltação à figura feminina, que, a época, foi atacada por Boileau, um de seus opositores na “Querela”. Uma Literatura considerada infantil só veio em sua terceira produção, chamada de *A pele de asno*, criada em 1694.

Além disso, Perrault queria propor uma literatura que fosse tão boa quanto a dos clássicos greco-romanos. Então, partiu para a escrita de uma literatura que desbancasse os antigos e, ao mesmo tempo, entretece as crianças e fizesse sua formação moral.

Na tentativa de encontrar a origem das línguas e dialetos indo-europeu ou indo-germânico, vários gramáticos atentaram-se ao fato de que os contos, por sua tradição oral, carregavam a memória do povo e, por isso, passaram a ser transcritas com o rigor que as pesquisas exigem, a fim de registrar a língua.

Partindo disso, os irmãos Grimm, participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, Jacob e Wilhelm Grimm – filólogos e folcloristas, estudiosos da mitologia germânica –, tomaram como ponto de partida o relato de duas camponesas para iniciar os escritos dos contos, surgindo uma coleção de contos que foram publicados em uma obra só

⁷ “Querela dos Antigos e Modernos” foi uma polêmica criada a partir de uma discussão acerca da leitura de um poema chamado *O século de Luís, o Grande*. Neste, Perrault incita seus opositores, Racine e Boileau, os quais faziam parte do partido dos antigos, enquanto Perrault era considerado um moderno, por reagir aos antigos clássicos greco-romanos defendidos pelos renascentistas.

intitulada de *Contos de fadas para crianças e adultos*⁸. Dentre as obras feitas pelos irmãos, temos *A Bela Adormecida*, *A Branca de Neve e os sete anões*, *O Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O corvo*, etc.

Os irmãos Grimm, persuadidos pelo pensamento cristão, partiram para uma criação mais fantasiosa, transformaram a realidade cruel que havia por trás dos contos orais tradicionais em histórias para o público infantil, subtraindo cenas de violência e terror (COELHO, 2010).

No que se refere a Hans Christian Andersen, seu diferencial é causado pelo motivo de ele não ter apenas reproduzido de forma escrita as histórias que lhes contaram, mas por ter elaborado suas próprias narrativas. Além disso, era comum um traço mais romântico, por influência da Literatura da época (o Romantismo), empregando a igualdade entre os homens e a fraternidade.

Andersen traz um amadurecimento na sua escrita, pautada nesses contos que já haviam sido escritos anteriormente. Segundo Coelho (2010),

Andersen foi, portanto, a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava. Na ternura que ele demonstra, em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humana e o espírito de caridade próprios do Romantismo. No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais. (COELHO, 2010, p. 161)

Para caracterizar os contos, de acordo com Coelho (1991), podemos perceber características como:

Seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida, etc) e têm [...] como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher. (COELHO, 1991, p. 13).

O nome conto de fadas advém ainda de Perrault, quando suas histórias ganharam território além França, já que este escrevia utilizando-se de fadas em seus contos para fazer contos maravilhosos, um rótulo dado pelos próprios franceses.

⁸ Em seu original *Kinder und Hausmaerchen*.

No Brasil, os contos de fadas surgiram no final do século XIX, com *Contos da Carochinha*, uma coletânea cheia de contos que circulavam pelos países europeus, que foram traduzidos e chegaram pelas mãos de Alberto Figueiredo Pimentel, em 1896. Tal obra abrangia traduções dos precursores dos contos de fadas, fábulas, apólogos, lendas, provérbios, parábolas, entre outros.

Assim, Perrault, os irmãos Grimm e Andersen foram os precursores de uma geração de escritores infantis que se dedicaram a escrever contos que trouxessem mais do que entretenimento, trouxessem ensinamentos para a formação moral da criança, abrindo portas para que outros autores pudessem trazer fantasias à imaginação infantil.

5 A NATUREZA E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Neste capítulo, relataremos de forma detalhada a metodologia adotada que nos permitiu colher e analisar os dados de forma satisfatória e assim atingirmos nossos objetivos. Para isso, esta seção é dividida em quatro partes.

Na primeira, detalharemos o *locus* onde se desenvolveu a pesquisa; na segunda, são trazidas algumas informações acerca dos sujeitos partícipes; na terceira, detalharemos os materiais e as ferramentas utilizadas no processo; e, na quarta, os procedimentos requeridos para construção dos dados, primeiramente compilados numa tabela e posteriormente explanados no texto.

O objetivo principal deste trabalho é elevar o nível de letramento de alunos do 9º ano de uma escola pública de Fortaleza com o reconhecimento das representações sociais da mulher a partir de contos de fadas. Para tanto, partimos de uma pesquisa-ação por haver “uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação” (THIOLLENT, 1994, p. 15), já que os dados foram gerados a partir da realidade daquilo que os alunos iam respondendo em cada uma das atividades, ou seja, ações e transformações criando resultados.

5.1 O contexto da pesquisa

Nossa pesquisa foi realizada numa escola pública estadual com uma única turma de nono ano.

A referida escola situa-se no bairro Henrique Jorge, que faz parte da Regional III da cidade de Fortaleza, Ceará. Hoje a escola se encontra em um prédio alugado por não haver condições propícias em seu terreno de origem, no bairro Autran Nunes.

Ainda que haja diversas escolas na região, esta recebe alunos desde o 3º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, funcionando nos três turnos, na tentativa de assegurar o direito ao ensino aos moradores das redondezas. Além disso, a escola conta com o NAPE – Núcleo de Acompanhamento Pedagógico Especializado, que auxilia tanto os alunos da própria escola como também pessoas da comunidade.

Ainda que se localize no bairro mencionado, grande parte dos alunos vem de bairros vizinhos, Parque Genibaú e Autran Nunes, ambos considerados perigosos e um pouco distantes da escola, o que faz alguns alunos dependerem de transporte público ou andar grandes distâncias para chegar à escola.

Com uma existência de 25 anos na comunidade, a escola acolhe gerações de alunos, os quais, por vezes, são filhos de ex-alunos e também possuem membros da sua família e vizinhos estudando lá, por ser uma escola bem quista pelas pessoas da comunidade e também pelo serviço oferecido, que garante credibilidade.

Quanto à sua estrutura, a unidade dispõe de um total de 18 salas de aula, um laboratório de informática e um de ciências, uma biblioteca, refeitório, banheiros, depósito, sala de coordenação e direção, sala dos professores, secretaria, sala para atendimento especializado para educação especial, sala de música, quadra de esportes e piscina.

Lá encontramos diversos projetos que envolvem os alunos em atividades de várias áreas do conhecimento, como projetos de leitura ofertados pela biblioteca, oficina de música em que os alunos aprendem a tocar violão e violino, projetos de reforço que auxiliam no desenvolvimento de leitura e escrita de alunos que não demonstram desempenho satisfatório nas avaliações externas e também aulas específicas para os alunos que fazem parte das avaliações externas do ENEM, do SPAECE⁹ e do SAEB¹⁰.

5.2 Os participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram alunos de uma escola pública estadual de Fortaleza, situada no bairro Henrique Jorge, oriundos das adjacências. Eles estão matriculados no nono ano do ensino fundamental no turno da tarde, contemplando um total de 30 alunos, mas apenas 10 foram tomados sujeitos da pesquisa.

A faixa etária deles varia entre 14-15 anos, sendo alunos condizentes com a correspondência idade-série. Caracterizam-se, em maior parte, por alunos de leitura fluente e escrita de acordo com o padrão da Língua Portuguesa.

A escolha dos alunos deu-se por sorteio, desde que fossem cinco meninas e cinco meninos, para que não houvesse qualquer interferência de gênero na pesquisa. Como requisito para participar, o aluno sorteado deveria ter comparecido a todos os encontros. Devido a esse critério, não houve cinco meninos que tivessem comparecido a todas as aulas, por isso, ficaram 6 meninas e 4 meninos, sendo eles numerados de A1 a A10, de acordo com a ordem alfabética de seus nomes reais.

⁹ Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará. Desenvolvido desde 1992 pela Secretaria da Educação (SEDUC), com o objetivo de promover um ensino de qualidade e igualitário para todos os alunos da rede pública do estado.

¹⁰ Sistema de Avaliação da Educação Básica. Tem como finalidade desenvolver um diagnóstico da educação básica brasileira e possíveis interferências no desempenho dos alunos.

Além desses participantes, numa seção em separado de depoimentos, os demais alunos da sala foram nomeados de AEXTRA e um número de acordo com a ordem que os depoimentos foram dispostos. Esses alunos surgem apenas com a finalidade de garantir os objetivos dessa pesquisa, por isso não foram trazidos nas demais partes de análise do material colhido.

A motivação da escolha desta turma deu-se pelo fato de ela ser composta por um número considerável de alunos, além de ser a turma de ensino fundamental em que a pesquisadora estava em trabalho no momento da geração dos dados como professora de Língua Portuguesa.

A sala apresenta um bom comportamento, é elogiada pelos demais professores também pela sua exemplar participação em aula. Além disso, são alunos assíduos.

5.3 Materiais da pesquisa

O material analisado em nossa pesquisa é constituído de atividades diversas, da produção textual produzida pelos alunos durante nossos encontros e um depoimento. Para isso, selecionamos o referido material dos alunos participantes da pesquisa.

Para essa composição, foram realizadas sete atividades que serviram como construção de conhecimento para a produção textual final. Todas elas foram fotocópias entregues aos alunos em folha de ofício A4.

5.4 Procedimentos

Os procedimentos para coleta e análise de dados desta pesquisa serão descritos a seguir numa tabela, a fim de que se torne mais claro, e posteriormente explanados numa descrição de como foram realizados em sala de aula.

Tabela 1 – Descrição das atividades realizadas

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Momento inicial	Discussão sobre contos de fadas, princesas e o comportamento delas. Leitura dos contos de fadas.
Atividade 01	Reconhecimento das características das

	<p>princesas a partir do que os alunos já conheciam e do que aprenderam com a leitura das obras.</p>
Atividade 02	<p>Evolução da personagem na narrativa com atribuição de características para cada uma das personagens.</p> <p>Escolha de uma princesa e a justificativa.</p>
Atividade 03	<p>A partir de um trecho do filme <i>Detona Ralph II – Quebrando a internet</i>, debate sobre a fala das personagens.</p> <p>Atividade para romper com os estereótipos impostos pelo perfil das princesas.</p>
Atividade 04	<p>Intertextualidade de textos que envolvem princesa e sapo, avaliando a transformação social da princesa em contextos distintos.</p> <p>Reflexão acerca das características de princesas e mulheres reais.</p>
Atividade 05	<p>Post das redes sociais com comentários dos alunos para eles exporem sua opinião.</p>
Atividade 06	<p>Intertextualidade com músicas que apresentam perfis distintos de mulheres “Amélia”.</p> <p>Reflexão do papel social da mulher e dos estereótipos femininos a partir do vídeo <i>Mulheres</i>, uma propaganda da empresa <i>Natura</i>.</p>
Atividade 07	<p>Escolha de características e justificativa dessas para o perfil da mulher atual.</p>
Atividade 08	<p>Produção textual a partir do texto motivador <i>Psiu</i>, de Luís Fernando Veríssimo e das atividades desenvolvidas.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os encontros com participantes da pesquisa ocorreram de abril a junho de 2019, às quintas-feiras, com exceção do primeiro encontro, que foi numa quarta-feira, pois neste dia havia três aulas consecutivas na turma, o que daria mais tempo para conversar sobre o projeto e iniciar as atividades.

Totalizamos sete encontros, sendo o primeiro com duração de três horas-aula e os demais com duração de duas horas-aula ininterruptas, o que nos deu melhor aproveitamento para trabalhar as atividades. Para tanto, houve previamente uma apresentação do que viria a ser feito, como o projeto funcionaria, o tempo de duração e um pacto que construímos para que eles fossem assíduos em nossos encontros.

Para iniciar, fizemos uma conversa sobre contos de fadas, princesas e seus comportamentos, para descobrir se eles já conheciam as histórias que fazem parte da pesquisa. Alguns não conheciam a princesa Tiana, de *A Princesa e o Sapo*.

Depois, eles foram colocados em contato com a leitura dos contos de fadas a fim de conhecerem todos os detalhes das histórias. Como não havia exemplar para todos, as histórias foram digitalizadas, e eles as leram nos computadores do laboratório de informática da escola, o que levou duas aulas de cinquenta minutos cada.

A partir daí, nossos encontros foram semanais com duração de duas horas-aulas para realização de atividades que compuseram uma construção de conhecimento acerca da representação social da mulher, as quais constam no anexo desta pesquisa.

As atividades tiveram sempre registro escrito, além de uma espécie de diário do pesquisador com a finalidade de registrar o pensamento dos alunos sobre o que eles concebem acerca da mulher em sociedade e também para que nenhum detalhe fosse perdido durante as explicações e os debates em sala. Vale ressaltar que, em alguns momentos, as atividades foram registradas no diário de observação, visto que surgiam ideias na hora e cabia dentro do tempo que dispúnhamos em aula, fazendo com que fosse elaborada ali uma atividade complementar, mas que foram devidamente respondidas pelos alunos na mesma folha de atividade do dia.

Cada uma dessas atividades exibidas foi para aguçar o pensamento dos alunos e também formar concepções sobre o papel feminino. Procuramos nos eximir de qualquer influência, colocando os perfis diferentes a fim de que eles mesmos pudessem constatar qual o papel que ele constrói da mulher.

A primeira atividade foi um levantamento acerca daquilo que eles já conheciam e o que aprenderam sobre cada uma das princesas, no caso, Branca de Neve, Bela e Tiana, já que nem todos conheciam as três princesas e também porque poderia existir alguma

característica que eles ainda não tivessem percebido. Logo, eles escreveram aquilo que já conheciam e partiram para a leitura dos livros no laboratório de informática. Essa atividade foi realizada rapidamente, já que o maior objetivo ali era o contato deles com as obras dos contos de fadas, ficando mais o registro escrito do que já conheciam para o comparativo a *posteriori* do que aprenderam.

Na segunda aula, ainda com a primeira atividade, fizemos uma retomada daquilo que eles leram nas histórias, quais os detalhes que eles já sabiam e o que lhes foi novo. Em seguida, os direcionamos a observar a princesa, pensando quais as características que eles notaram em cada uma delas. Inicialmente eles ficaram temerosos, porque não sabiam se acertariam ou não a atividade.

Poucos alunos não conheciam a história por completo da Bela ou da Tiana, mas todos conheciam a Branca de Neve. Então, pedimos que eles anotassem na mesma folha da aula anterior o que eles aprenderam ou viram que não tinham percebido.

Como o objetivo é trazer as princesas como figura para pensar a mulher da nossa sociedade, os indagamos a respeito dessas princesas como mulher em tempos atuais, quais profissões eles atribuíram a elas de acordo com o perfil traçado. Aqui percebemos ainda uma dificuldade em associar as princesas a mulheres reais.

A segunda atividade, também feita no nosso segundo encontro, foi pensada na evolução do personagem, já que a narrativa traz em sua característica a transformação dos personagens. Utilizamos esse fator para que eles atribuíssem uma característica de acordo com o momento vivido pela princesa durante sua história. Eles responderam por conta própria sem interferência e depois fomos construindo um quadro na lousa sobre as características que eles atribuíram a cada uma delas. Foram encontrando pontos semelhantes e divergentes entre elas, trouxeram o ponto de a Branca de Neve e a Tiana cozinharem, mas com propósitos distintos e pedimos que eles observassem a postura delas ao final da história.

Na continuidade do nosso debate, solicitamos que escrevessem a mudança ocorrida com as personagens ao longo da história, para que eles notassem se elas permaneciam da mesma forma ou não. O maior espanto deles foi a diferença do final, eles não tinham notado como a princesa muda de *ser salva* para *salvadora*. Essa atividade foi a mais difícil para eles; ficaram inseguros sobre o que escrever, mas, durante o debate, foram sempre muito participativos, colocaram várias características e começaram a notar a semelhança das princesas com mulheres reais.

A terceira atividade, no encontro seguinte, iniciamos recapitulando o que já havíamos feito até ali, o perfil das princesas já mais delineado. Então, colocamos para eles um

trecho do filme *Detona Ralph 2 – Quebrando a internet*, para que eles assistissem a um trecho em que a personagem Vanélope encontra as princesas em um dos jogos. Nesse momento, há uma crítica feita no filme acerca do estereótipo da princesa ser a mulher passiva que precisa do príncipe – um homem forte e corajoso – para que a defenda de todos os perigos. Deixamo-los assistirem primeiramente para que eles notassem por si só o que estava sendo dito ali; alguns não conseguiram alcançar o que gostaríamos, então perguntamos se eles haviam notado essa relação estereotipada e reexibimos a cena. Fomos pausando as falas para que eles as notassem, ficando clara a intenção ali colocada.

Depois houve outra exibição de trecho do filme, também envolvendo as princesas, ainda quebrando a ideia combatida no filme – a princesa é fraca e indefesa. Nesse momento, eles veem claramente as princesas no papel de salvadora, já que elas socorreram o personagem principal do filme da morte, associando a ideia de que os contos de fadas sempre têm alguém para salvar, mas que agora as princesas é que se unem nessa missão.

Há um ponto muito interessante que chamamos a atenção deles, que é o fato de o personagem estar vestido de Branca de Neve, possivelmente porque é a princesa que espera ser salva e ainda por ser a princesa que primeiro aparece nos contos de fadas de Walt Disney. O outro detalhe é que o personagem acorda com um beijo de um sapo, lembrando a história de *A princesa e o sapo*.

Depois disso, sentimos a necessidade de acrescentar uma pergunta que não estava prevista na atividade¹¹, escrevendo-a no quadro e pedimos que eles a respondessem juntamente com as outras questões. Deixamo-los respondendo até o fim da aula, que logo acabou, visto que as discussões foram longas e cheias de intervenções dos meninos.

Assim, a atividade foi dirigida para romper com estereótipos e saber qual a visão deles, se eles concordam ou não com essa visão de princesa, justificando as respostas. O momento da atividade foi muito interessante, pois eles se interessaram e gostaram bastante do trecho do filme, pedindo que esse fosse exibido em sua totalidade.

A quarta atividade foi com o trabalho acerca da ideia de transformação de sapo em príncipe, uma ideia que já é bem conhecida por eles desde a infância, mas a ideia é de que eles vejam a transformação que pode acontecer com isso de acordo com o destino dado pela princesa. Então, começamos reavaliando com eles tudo o que já fizemos até aqui, se eles estão

¹¹ Questão colocada no quadro para os alunos: Existe uma crítica no filme ao fato de as princesas salvarem o Ralph (*Olhem! É um homem fortão precisando de ajuda!*). As mulheres da vida real também salvam os homens? Como? Você poderia dizer um momento para exemplificar isso?

percebendo a mudança que há no perfil das mulheres de acordo com a história das princesas. Isso ficou bastante claro para eles.

Partimos para a leitura dos textos com a colaboração de alguns alunos. Após esse momento, fizemos alguns questionamentos. *O que há em comum entre os textos? A princesa é retratada da mesma forma como nos contos de fadas? Qual a ideia que o sapo faz da princesa? Parece com a ideia que se tem hoje da mulher? Algum dos textos parece mais com nossa realidade?* Fomos suscitando principalmente os meninos, que já demonstraram certa vergonha em falar sobre princesas. Com essas indagações, formamos uma reflexão acerca do papel da mulher na sociedade, como a princesa é colocada em cada um dos textos e qual a atitude delas frente a isso, e, principalmente, como essa atitude traz consequências na história.

Depois de todas as trocas de conhecimento entre a turma, os alunos ficaram à vontade para responder a atividade. Lemos todas as perguntas para que não houvesse dúvida. Alguns notamos que aproveitaram para responder antes do tempo, mas a maioria se concentrou em participar para depois responder suas questões. Durante a atividade, alguns alunos tentaram responder de forma oral, mas pedimos que deixassem para registrar apenas no papel, a fim de não influenciar nas respostas dos demais colegas.

A última questão gerou uma discussão na sala, porque eles sentiram dificuldade em identificar uma pessoa que fosse parecida com a princesa ali exposta. Então, colocamos que, na nossa sociedade atual, algumas mulheres não pensam exclusivamente em casar, mas na sua carreira profissional, independência financeira, e a questão amorosa ela é um ponto a mais e não exclusivo. Assim, eles concluíram a atividade.

A quinta atividade foi um pouco mais dinâmica, e eles tiveram mais autonomia, sem tantas intervenções por nossa parte. A proposta era simular uma interação na rede social, havia uma postagem e alguns comentários já feitos que eles deveriam adicionar seu próprio comentário e/ou comentar o que o colega havia colocado. Para isso, organizamos os alunos em equipes de forma aleatória para eles interagirem com qualquer pessoa e não só com os amigos. Em seguida, fizemos uma retrospectiva com todas as atividades já realizadas e com a proposta do que estávamos trabalhando para então explicar o que eles faziam ali.

Apresentamos a atividade e falamos sobre o *post* da rede social. Como já é comum à realidade deles, o próprio layout já o fizeram perceber do que se tratava e compreenderam como deveriam desenvolvê-la. Alguns até perguntaram se poderiam desenhar *emojis*, para simbolizar mais fielmente as redes sociais e até abreviar as palavras como se de fato estivessem nas redes sociais. Permitimos que assim eles fizessem até mesmo para eles se sentirem mais confortáveis.

Como forma de auxiliá-los a postar, lemos a publicação e os comentários e fizemos alguns questionamentos para eles refletirem e assim fazerem seus comentários. As perguntas decorreram da seguinte forma: *vocês acham que a princesa precisa ser salva? Vocês concordam com a forma com está escrita aqui?* E então eles deveriam colocar suas respostas como comentários e também responder aos colegas.

A turma ficou bem barulhenta, eles começaram a debater o assunto, mas sempre fazendo a atividade. Alguns se mostraram mais participativos do que outros e, por isso, resolvemos fazer uma rotatividade nas equipes. Passados alguns minutos, começamos a modificar os alunos nas equipes, trocando uns com outros para haver maior interação, mas sem nenhum critério para que fosse de um grupo a outro.

Havia outra atividade a ser feita no mesmo dia, mas a interação fluiu muito bem e não quisemos interrompê-la. Foi uma das atividades em que eles mais se sentiram seguros em realizar.

A sexta atividade partiu para um universo fora do ambiente das princesas, por isso fizemos uma recordação de tudo que já havia sido visto, perguntando se eles estavam notando sobre o que era o trabalho que estava sendo feito ali e eles falaram que era sobre a mulher. Questionamos ainda se eles notaram características semelhantes entre as princesas e as mulheres, eles informaram que viam e foram traçando o perfil das princesas, mas colocando o príncipe também em foco, dizendo que a Branca de Neve é a mulher ingênua que espera pelo príncipe, a Bela, a mulher inteligente que também quer um homem inteligente e a Tiana, uma mulher sonhadora e trabalhadora que quer realizar seus sonhos e o príncipe pode ou não aparecer.

A partir de então, entregamos as folhas contendo as atividades do dia, que eram músicas, ambas retratando a personagem Amélia, sendo uma antiga, de Ataulfo Alves e Mário Lago, e outra mais moderna da cantora Pitty, para que eles notassem o perfil contrastante de mulher traçado nas músicas.

Fizemos a análise da música em separado, de acordo com a ordem cronológica delas, eles optaram por não ouvir a melodia, apenas fazer a leitura. Fizemos a leitura integral e depois, verso a verso, fomos pausando para explicar o que estava sendo colocado ali. Então, eles foram colaborando com suas percepções e contando histórias de mulheres que eles conhecem que também são submissas como a primeira Amélia, foram histórias de vizinhas, de mães, de tias. Ainda explanamos sobre o significado que existe dentro da nossa sociedade sobre a mulher Amélia, que ele advém dessa música e eles não conheciam.

Na segunda música, eles notaram que já era o perfil de uma mulher mais moderna, bem parecida com a realidade deles, porque eles disseram que essa é como mãe deles, cuida dos filhos e da casa, mas é mais independente, vive mais para ela e se cuida.

Ainda no mesmo dia de realização da sexta atividade, antecipadamente, encontramos um vídeo de uma propaganda da empresa de cosméticos *Natura* que traz uma paródia com a música *Mulheres*, de Martinho da Vila. Apresentamo-los ao vídeo e questionamos sobre o perfil que eles viam ali. Esperávamos com isso que eles notassem a diversidade de mulheres apresentadas, felizmente foi o que houve, pois disseram que o vídeo queria relatar a beleza de cada uma de acordo com seu estilo, porque cada mulher tem sua beleza e a diversidade é aceitar quem você é. Em seguida, questionamos se eles gostaram de como essas mulheres foram exibidas no vídeo. A resposta foi positiva, pois havia todo tipo de mulher e não só o estereótipo social da mulher loira, magra e branca. Havia mulheres negras, gordas, tatuadas, cabelos coloridos e de todo tamanho, mas ainda sentiram falta de mostrar mulheres mais velhas.

Para finalizar com a atividade oral acerca do vídeo, solicitamos que eles levantassem as mãos para informarem com qual das princesas eles acreditavam que a mulher de hoje se parece mais. Nenhum sinalizou a Branca de Neve, por essa princesa revelar traços mais maternos, ingênuos. Alguns apontaram a Bela, por ela ser uma mulher inteligente e eles acreditavam que seria legal encontrar um príncipe inteligente também. Entretanto, a maioria ficou com a Tiana, por enxergar nela a mulher trabalhadora, que busca seus objetivos assim como a mulher de hoje, sendo essas características que eles disseram priorizar. As justificativas dessas escolhas foram mencionadas por eles e não supostas por nós.

Assim, deixamo-los à vontade para responderem às questões que constavam na folha. Como nas demais, sempre ficavam cerca de vinte minutos a meia hora para a resolução das questões, pois a aula fluía de forma leve e mal nos percebíamos do tempo, mas as atividades eram sempre cumpridas apropriadamente.

A sétima e a oitava atividades foram realizadas no mesmo encontro. A sétima atividade foi mais uma aplicação para verificar o que eles já haviam falado, visto que esta era uma compilação de características ditas por eles num outro momento e reunidas por nós para que eles escolhessem cinco e justificassem essa escolha para informar quais as características que eles acreditavam serem as necessárias para a mulher atual. Deixamo-los alguns minutos respondendo e partimos para a última tarefa.

A oitava atividade foi a culminância de todo nosso trabalho. Aqui é o registro real de que as atividades tiveram efeito de rever estereótipos e formar novos conceitos, podendo

também apenas marcar a voz de perfis construídos socialmente e que ainda estão enraizados dentro da sociedade.

Para iniciá-la, retomamos a aula anterior, em que houve muitas discussões sobre os perfis de mulheres passadas e atuais. Depois fizemos a leitura interpretativa do texto *Psiu*, de Luís Fernando Veríssimo¹², que serviu de base para a produção textual. Fizemos a compreensão do texto, em que eles notaram a evolução da princesa de acordo com o tempo. Em seguida, explicamos a proposta de texto, que era bem aberta, não estipulando exatamente um conto de fadas para que eles ficassem à vontade, mas alguns questionaram se deveria ser assim, com um final surpreendente como nos contos em geral. Enfatizamos apenas que gostaríamos de que eles deixassem evidentes as características postas para a mulher e que fizessem como achassem melhor, se uma narrativa ou uma dissertação, independente do gênero.

Como o tempo em sala é curto, combinamos de eles levarem para casa para entregarem na aula seguinte, confiando de que todos cumpririam a atividade, como estava sendo feito até então. Entretanto, ficamos um pouco decepcionadas, pois alguns não cumpriram com a entrega no dia, até mesmo quem estava sendo ativamente participativo, por motivos vários, esquecimento, não gostar de escrever, não querer mesmo. Ficamos impossibilitadas de prazo maior, já que o bimestre se aproximava do fim e eles já entrariam na semana de provas e atividades de feira cultural.

Apesar do contratempo, acreditamos que as atividades foram realizadas a contento, cumprimos e eles também cumpriram com os propósitos das atividades de forma geral. Conseguimos deixar claro para eles sobre esse papel social da mulher, eles refletiram mais sobre essa questão social tão pertinente aos dias de hoje.

Assim, para finalizar nossa pesquisa e também certificar-se de que houve um conhecimento ali deixado, no semestre seguinte, depois das férias, relembramos com eles nosso projeto, as atividades que realizamos, a comparação entre as princesas e as mulheres, e eles mesmo colocaram verbalmente que o foco ali era a mulher e não a princesa, o que já nos deixou contente. Então, solicitamos que eles escrevessem um depoimento em poucas linhas sobre o que eles tinham aprendido daquelas aulas, se eles mudaram ou não o pensamento deles sobre o papel social da mulher. Colocamos uma direção no quadro¹³ e eles escreveram numa folha do caderno. E, com isso, demos por encerrada as atividades relativas ao projeto.

¹² O texto na íntegra encontra-se no Anexo G.

¹³ O direcionamento consistia das seguintes indagações: *O que vocês aprenderam com o projeto? A visão de vocês mudou depois das atividades do projeto? Mudou algum pensamento de vocês sobre as mulheres?*

6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER: UM PERCURSO DAS PRINCESAS ÀS MULHERES MODERNAS

Neste capítulo, trazemos o percurso dos alunos pelas atividades que foram aplicadas, compreendendo a representação social da mulher concebida por eles, analisando as atividades, as produções textuais e os depoimentos a fim de verificar se nossos objetivos foram alcançados de acordo com nossas hipóteses.

Esta pesquisa teve como objetivo primário elevar o nível de letramento de alunos do 9º ano de uma escola pública a partir do reconhecimento das representações sociais da mulher em contos de fadas. Para que se pudesse alcançar tal objetivo, foi elaborado um ciclo de atividades que partiram da leitura e compreensão dos contos de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Bela e a Fera* e *A Princesa e o Sapo*, passando pela análise das características e comportamentos dessas princesas em seus respectivos contos, outros textos multimodais que apresentaram inicialmente a presença da princesa, até chegar à mulher de fato, para que os alunos pudessem construir a sua representação social da mulher.

Com essas atividades, os alunos deveriam enxergar a princesa como a figura da mulher de seu tempo, já que as personagens foram colocadas dentro dos contos de fadas para que houvesse a moralização da sociedade e dos preceitos que em sua época eram vistos como corretos. Em virtude disso, temos até hoje muitos traços que são carregados dentro da sociedade moderna advindos dessa época, como a questão maternal e a submissão feminina em detrimento do seu reconhecimento de pessoa com desejos e anseios.

Dessa forma, é possível definir a princesa Branca com características maternais, submissa, “a mais bela de todas”, o conjunto idealizado de cuidadora, de mãe-dona do lar, revelando a concepção de uma mulher que tem como missão manter a felicidade dos outros, sejam eles filhos ou marido, abnegando de si mesma, não havendo escolhas de que pudesse se valer. Ela revela o perfil da mulher passiva, uma mulher que usa os afazeres domésticos como forma de agradar o outro, típico da mulher do século XIX. É um perfil social de mulher caracterizado por um mundo que vivenciava guerras. Já o príncipe é visto como o salvador, elemento essencial na vida da princesa.

A princesa Bela possui características que começam a fugir desse padrão de culto aos serviços domésticos, em que se percebe o prenúncio de uma mudança no perfil feminino, pois Bela é a princesa que cultiva a inteligência, que busca pelo seu par romântico, denotando uma possibilidade de escolha. Ela pertence a um contexto político em que as mulheres

começavam a conquistar direitos de trabalhar e de estudar. Possui o ideal sonhador clássico das princesas, entretanto, revela um novo perfil social da sociedade de consumo que buscava o individualismo, perdendo esse efeito tradicionalista de dependência masculina, em que já não se vive à espera do verdadeiro amor. O príncipe, ainda que não seja para uma relação de dependência amorosa, é tido como necessário.

Continuando nesse fluxo de modernidade e de avanço quanto às características atribuídas ao papel feminino, Tiana é uma princesa transgressora. Apesar do perfil sonhador de princesa, seus suspiros não são voltados para o príncipe encantado, mas para a realização de seu maior sonho: montar seu próprio negócio, um restaurante, revelando a emancipação da mulher na sociedade. Ela é o reflexo do mundo que faz a mulher buscar pelo seu equilíbrio entre emoção e individualidade. É o início da mulher do século XXI. O príncipe passa a ser complemento dentro da sua vida, uma consequência natural e não mais uma dependência.

Todo esse percurso de desenhar a princesa em analogia à mulher de seu tempo foi construído durante as aulas que se destinaram à realização da pesquisa. Logo, com esse perfil bem definido, os alunos puderam enxergar traços da mulher em outros textos que não necessariamente abordavam a princesa em si, como as músicas e o vídeo da propaganda da empresa de cosméticos.

Esta seção foi organizada em quatro tópicos. O primeiro traz a construção do pensamento construído sobre a mulher a partir de atividades que tiveram em sua maior parte a princesa como protagonista, com gráfico e tabela para evidenciar os perfis traçados pelos alunos de acordo com as princesas. No segundo tópico, partimos para a análise do perfil feminino construído nas produções textuais depois da composição de conhecimentos adquiridos com as atividades. No terceiro tópico, trazemos, por meio de depoimentos, o que se aprendeu a partir desta pesquisa. No quarto e último, concluímos o que se pode compreender a partir dos dados coletados e analisados.

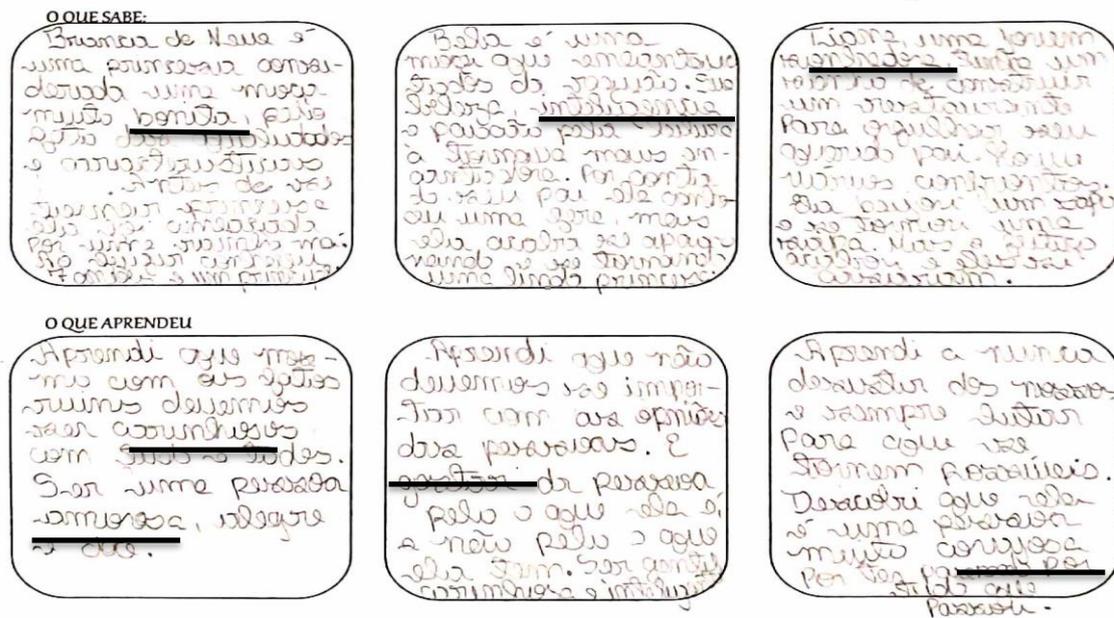
6.1 Análise das atividades: entendendo o perfil feminino

Para delinear os dados gerados, teve-se por objetivo evidenciar as concepções sobre a mulher investidas de princesa, nas atividades respondidas pelos alunos. Para isso, buscamos as características empregadas por eles nas atividades, assim como as opiniões sobre suas escolhas e preferências entre as princesas.

Para iniciar, a atividade 1¹⁴ foi apenas para marcar a compreensão dos alunos acerca da leitura da obra, traçando um paralelo entre o que eles já sabiam e o que eles aprenderam sobre a princesa, já que era necessário que eles estivessem a par de toda a obra.

Nessa atividade, apenas dois alunos não conheciam a história da princesa Tiana, sendo as demais comuns a eles. Nesse momento, começam a aparecer algumas características que revelam o perfil aqui já mencionado de cada uma das princesas, colocando em evidência a doçura e a beleza da Branca, a inteligência da Bela, por ela gostar muito de ler e a força para o trabalho de Tiana, como pode ser visto em alguns excertos a seguir das princesas Branca, Bela e Tiana, respectivamente em cada coluna.

Figura 1 – Exemplo da primeira atividade A1



Fonte: Elaborado por A1.

<p>Branca de neve é uma princesa considerada uma moça muito bonita, pelo fato das qualidades e características.</p>	<p>Bela é uma moça que encantava todos da região. Sua beleza, inteligência e paixão pela leitura a tornava mais encantadora. Por conta do seu pai ela conheceu uma fera, mas ela acaba se apaixonando e se tornando uma linda princesa.</p>	<p>Tiana, uma jovem sonhadora, tinha um sonho de construir um restaurante para orgulhar seu querido pai. Havia vários confrontos. Ela beijou um sapo e se tornou uma sapa. Mas o feitiço acabou e eles se casaram.</p>
<p>Aprendi que mesmo com os fatos ruins devemos ser carinhosos com tudo e todos. Ser uma pessoa amorosa, alegre e doce.</p>	<p>Aprendi que não devemos se importar com as opiniões das pessoas. E gostar da pessoa pelo que ela é, e não pelo o que ela tem. Ser gentil, carinhosa e inteligente.</p>	<p>Aprendi a nunca desistir dos nossos sonhos e sempre lutar para que se tornem possíveis. Descobri que ela é uma pessoa muito corajosa por ter passado tudo que passou.</p>

Figura 2- Exemplo da primeira atividade A7

É uma mulher que mora no campo e gosta muito de animais e gosta de cantar na floresta muito simpática e Bonita.

Bela mora em um cidade pequena e muito gentil ~~fora~~

É uma menina umiude que gosta muito de ~~ajudar~~ ajudar o proximo gosta muito de cozinhar

O QUE APRENDEU

Uma Bonita princesa de coração puro que amava cuidar de animais gostava de ajudar muito os outros

Bela e carinhoza, corajosa e umiude que gosta muito de Livros é não liga para a aparerçia dos outros mas sim o parater

Ela é trabalha- dora onesta e tem sonho de criar um grande restaurante com o pai e muito amorosa

Fonte: Elaborado por A7.

É uma mulher que mora no campo e gosta muito de animais e gosta de cantar na floresta muito simpática e Bonita.	Bela mora em um cidade pequena e muito gentil	E uma menina umiude que gosta muito de ajudar o proximo gosta muito de cozinhar
Uma Bonita princesa de coração puro que amava cuidar de animais gostava de ajudar muito os outros	Bela e carinhoza, corajosa e umiude que gosta muito de Livros é não liga para a aparerçia dos outros mas sim o carater	Ela é trabalhadora onesta e tem sonho de criar um grande restaurante com o pai e muito amorosa

Figura 3 - Exemplo da primeira atividade A8

O QUE SABE:

A Branca de neve é uma menina muito doce e gentil e que gosta muito de animais.

A Bela é uma menina muito inteligente, interessada e que gosta muito de ajudar as pessoas.

Não conheço.

O QUE APRENDEU

Ela é muito zelosa uma boa cozinheira.

Ela é muito cuidadosa e ela gosta muito de ler.

Ela é uma menina muito alegre, sonhadora e que cozinha muito bem.

Fonte: Elaborado por A8.

Nesses exemplos, percebe-se que há muitas características voltadas para o lado de princesa reforçado dentro da sociedade: zelosa, cuidadosa, gentil, sonhadora. É possível que eles tenham sido atraídos pelas imagens que ajudavam a formar a identidade de cada uma delas, já que eles mencionaram o fato de a princesa Branca gostar de animais e a Bela de gostar de leitura, mas ainda assim predominam as características que eles enxergaram em cada uma delas, pois a Tiana, em sua figura, está com vestido de festa, mas ainda assim foi nomeada como independente, trabalhadora, como aquela que busca alcançar seus objetivos.

Outro ponto que chama atenção nessa atividade é a característica da Bela sendo posta como uma pessoa que não se importa com a aparência, para dizer que ela se apaixonou pela Fera independentemente da aparência física dele. Esse foi um discurso recorrente quando se tratava desta princesa em específico, pois os alunos carregavam com si a ideia de que as mulheres se importam muito com a aparência para que possam se relacionar com um homem; um discurso estereotipado e marcado socialmente e muitas vezes atribuído fortemente à figura da mulher, como se somente elas fossem capazes de se envolver com alguém por sua beleza. A aluna A4 marcou esse ponto dentro da sua escrita, por ter sido algo que lhe despertou

interesse, mas é válido esclarecer que meninos e meninas tocaram neste ponto durante nossas discussões sobre as princesas.

Figura 4 - Exemplo da primeira atividade A4

O QUE SABE:		
gosta muito dos animais. muito boa.	Ela gosta de ler livros. É muito carajoso.	Trabalha em uma lanchonete. fez tudo para realizar seu sonho.
O QUE APRENDEU		
Dedicada com as pessoas a sua volta	Não se importa com a aparência do pessoal. sempre quer ajudar as pessoas que gosta.	É uma independente sempre cuida com os seus sonhos

Fonte: Elaborado por A4.

A atividade 2¹⁵ propunha, a partir da história de cada uma das princesas, denominar suas características de acordo com a evolução da narrativa, em que eles teriam de apresentar o que achavam e caracterizá-la. Depois, tinham de escrever sobre as mudanças ocorridas com a personagem e, em outro momento, escolher uma princesa que os representasse e justificar a escolha.

Elencamos quais foram as características mais utilizadas por eles no quadro¹⁶ abaixo. É válido ressaltar que nem sempre os alunos colocaram características a respeito das princesas; algumas foram apenas palavras que pudessem mostrar o que a imagem representava naquele momento, como se fosse uma representação da ação do que veem na imagem. Algumas palavras foram adequadas para a característica, como amiga > amigável.

¹⁵ Anexo B.

¹⁶ Aqui estão as características surgidas em todas as atividades, tanto dos participantes quanto dos não participantes da pesquisa, pois elas foram importantes na construção da atividade sete. Não compromete os dados da pesquisa por também estarem presentes nas atividades dos sujeitos partícipes.

Quadro 2 – Características das princesas.

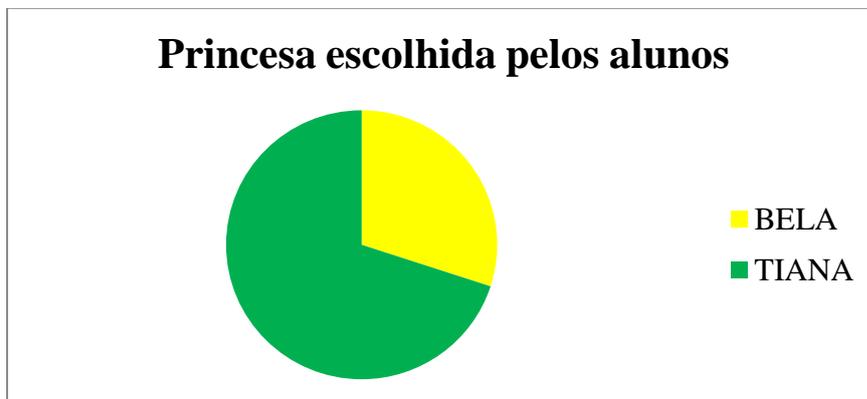
BRANCA	BELA	TIANA
Trabalhadora	Alegre	Amorosa
Amigável	Amigável	Apaixonada
Amorosa	Amorosa	Assustada
Apaixonada	Animada	Carinhosa
Assustada	Apaixonada	Contente
Dona de casa	Corajosa	Corajosa
Esperançosa	Destemida	Desinteressada por homem
Feliz	Determinada	Feliz
Ingênua	Encantada	Focada
Medrosa	Feliz	Sonhadora
Paciente	Gentil	Trabalhadora
Zelosa	Gosta de ler	
	Inteligente	
	Simpática	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que, tanto à princesa Branca quanto à Tiana, são atribuídas características de serem mulheres que trabalham, mas com vieses diferentes, uma vez que a Branca mostra ser a dona de casa e a Tiana aquela que está em âmbito público. Percebe-se que o perfil de ser amorosa e apaixonada aparece em todas as princesas, revelando fortemente as características que geralmente são vistas em princesas, mostrando que ainda não há dissociação entre a princesa e uma mulher comum.

Quando partimos para análise de qual princesa eles escolheriam para ser e justificar, os resultados são os que se mostram no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Escolha das princesas na atividade 2.



Fonte: Dados da pesquisa.

Como se percebe, nenhum aluno se identificou com a princesa Branca, provavelmente por esta representar uma mulher mais maternal, aquela que é responsável por

cuidar do lar e fazer atividades domésticas. Já a Bela foi escolhida por alguns alunos por sua inteligência, por enxergarem nela uma pessoa que não se importa com as aparências e também muito corajosa, pois ela enfrentou a Fera. Já a Tiana é escolhida como aquela mulher trabalhadora, por eles a verem batalhando para construir seu próprio restaurante.

É importante perceber também a valia do trabalho que eles atribuem ao que é doméstico e ao que é externo ao lar, evidenciando que não há valor ao que se faz dentro de casa, ainda que seja um serviço necessário e árduo. Isso pode ser reflexo da sociedade que incumbe na nossa mente que só há valorização no serviço desenvolvido em troca do salário, além das marcas patriarcais de nossa sociedade que colocou por anos a mulher como a cuidadora do lar, aceitando isso como uma missão sua pelo fato exclusivo de ser mulher.

Dessa forma, a escolha da princesa Branca numa sociedade moderna poderia inclusive causar espanto, visto que as mulheres já não querem mais serem associadas a esse papel do lar, pois elas têm outras capacidades que extrapolam o serviço doméstico.

Sobre isso, vejamos alguns exemplos.

Figura 5- Exemplo da segunda atividade A10

Se você tivesse que escolher uma dessas princesas, qual seria? Por quê?

A Bela; pois eu acho ela a mais corajosa das princesas e também é muito inteligente e dedicada. Além de não se importar muito para a aparência.

Fonte: Elaborado por A 10.

A Bela; pois eu acho ela a mais corajosa das princesas e também é muito inteligente e dedicada. Além de não se importar muito para a aparência.

Figura 6 - Exemplo da segunda atividade A4

Se você tivesse que escolher uma dessas princesas, qual seria? Por quê?

A Tiana, por que ela era independente e muito trabalhadora.

Fonte: Elaborado por A4.

A Tiana, por que ela era independente e muito trabalhadora.

Percebemos que as princesas são vistas como mulheres corajosas, inteligentes. À Tiana, é recorrente a atribuição de trabalhadora e independente, mostrando que aqui eles não a veem como a mulher que trabalhava muito para o seu lar, mas como uma mulher que busca alcançar seus objetivos, por isso uma identificação, pois o trabalho doméstico não possui o mesmo prestígio social que os demais; é como se eles tentassem assim demonstrar que desejam um dia serem pessoas que lutarão por seus próprios sonhos, demarcando o que se propõe na teoria das representações sociais, pois aqui o objeto é construído simbolicamente a partir de concepções e percepções transformando a imagem, em que se tem uma realidade sendo construída a partir da impressão que o aluno teve da princesa.

Além disso, pode-se afirmar que há um reconhecimento dessa mudança social através da marcação do lado profissional da mulher, posto que elas ganharam território dentro da luta por igualdade de direitos, ainda que não de forma igualitária, mas com prenúncios de desenvolvimento de uma sociedade mais justa quanto à divisão de tarefas.

Na terceira atividade¹⁷, eles tiveram contato com uma crítica feita em um filme de que as princesas seriam mulheres que sempre precisam ser salvas e defendidas por um homem forte se quisessem ser reconhecidas como princesa. Assim, a atividade parte para recuperação dessa crítica pelos alunos, como eles percebem a afirmação feita no filme da necessidade masculina na vida da mulher, vista como um ser frágil.

Em relação a essa questão, é unânime a percepção de que as mulheres já não precisam do homem para sua defesa. Eles colocam que a mulher é independente e não precisa do homem para defendê-la; elas podem fazer isso sozinhas.

Além disso, partimos para o fato de as meninas serem chamadas de princesas em nossa sociedade, buscando saber qual a concepção que os alunos têm desse papel e qual a opinião deles sobre as meninas que desejam ser princesas da Disney.

Quanto a essa questão, apenas uma não concordou com o fato de que as meninas são princesas, a A4, pois, em sua opinião, a princesa não denota uma boa caracterização para uma menina, pois a A4 constrói uma imagem de a princesa ser dependente, frágil, apesar de no próprio trecho do filme haver justamente essa subversão de imagem, uma tentativa de mostrar que é justamente o contrário, de que elas seriam mulheres fortes sozinhas, sem necessariamente precisar de quem as defendesse.

Isso revela que ainda não há uma visão bem construída da mulher quando ela está investida do papel de princesa. Assim, essa imagem formada pela A4 sobre a princesa carrega

¹⁷ Anexo C.

ainda os estereótipos associados a características que são postas como ruins à mulher, uma vez que eles trazem bastante a ideia de que as mulheres são independentes e não precisam de homens para defendê-las, mas, quando indagados sobre as meninas serem princesas, reagem de maneira oposta, não enxergando, por exemplo, a princesa Tiana, já mostrada como a preferida entre eles, inclusive da própria A4.

Por isso, é importante que se coloque em pauta essa representação da imagem que é formada da princesa, revendo os estereótipos, pois é comum associar a menina à princesa, mas qual princesa? Qual ideia de princesa que se construiu? Aqui os alunos revelaram não ter de maneira concisa a princesa como uma ideia boa, principalmente por serem princesas de perfis diferentes.

O aluno A3 chamou atenção por ter se voltado para a beleza, a educação, a simpatia, características muito comuns em relação às princesas. Esse culto à beleza está dentro da nossa sociedade e é sempre atrelado quando uma pessoa do sexo feminino é bonita, mostrando como as representações que formamos socialmente reverberam no discurso. Esse é um exemplo de como a sociedade de maneira geral costuma atrelar a ideia de associação entre princesa e mulher/menina, esquecendo-se de que podem existir diversas outras características que podem torná-la uma princesa, como determinação, força, coragem, entre tantas outras.

Os demais alunos também responderam afirmativamente de que as meninas são princesas, mas com ressalvas de que são independentes, de que não precisam de príncipes, como A7 e A9, e ainda um que associou à força, ou seja, é preciso que se coloque qual o parâmetro para chamar de princesa.

Corroborando com essa análise, a questão seguinte vem para confirmar esse pensamento dos alunos, pois, quando questionados acerca de meninas quererem ser princesas como as da Disney, o discurso, em sua maioria, gira em torno da beleza, como se vê em alguns exemplos a seguir.

Figura 7- Exemplo da terceira atividade A2

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?
Porque elas gostam de ficar ao lado das Princesas.

Fonte: Elaborado por A2.

Figura 8- Exemplo da terceira atividade A3

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

ACHO ISSO LEGAL PORQUE QUANDO AS CRIANÇAS ASSISTEM ESSE TIPO DE HISTÓRIA AS CRIANÇAS FICAM COM VONTADE DE SER ELAS, POR CAUSA DO JEITO DELAS, DE PESSOAS BOA, COMO ELA RESOLVE AS SITUAÇÕES CALMAMENTE E TAMBÉM NA MAIORIA DAS VEZES PORQUE ELAS TODAS SÃO MUITO BONITAS.

Fonte: Elaborado por A3.

ACHO ISSO LEGAL PORQUE QUANDO AS CRIANÇAS ASSISTEM ESSE TIPO DE HISTÓRIA AS CRIANÇAS FICAM COM VONTADE DE SER ELAS, POR CAUSA DO JEITO DELAS, DE PESSOAS BOA, COMO ELA RESOLVE AS SITUAÇÕES CALMAMENTE E TAMBÉM NA MAIORIA DAS VEZES PORQUE ELAS TODAS SÃO MUITO BONITAS.

Figura 9- Exemplo da terceira atividade A6

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

Porque elas são muito bonitas

Fonte: Elaborado por A6.

Figura 10- Exemplo da terceira atividade A9

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

Sim, pois elas são gentis, bonitas, inteligente e...

Fonte: Elaborado por A9.

Notamos como a representação social que eles têm das princesas é formada pela leitura dos contos de fadas e pelos desenhos a que eles já assistiram, com toda magia e efeito causados pelos estúdios Disney, como também esse ideal de que as princesas são sempre lindas, educadas e as meninas devem querer ter tais características. Destoa dos demais somente a A4, que afirma ser “besteira”, sendo mal visto por ela as meninas que querem ser uma princesa.

Para finalizar essa atividade, eles responderem a mais uma questão que não estava prevista inicialmente na atividade¹⁸. Esta buscava a opinião deles numa analogia com as mulheres reais, a fim de perceber se essa crítica à necessidade da figura masculina na vida da mulher também é pertinente na concepção deles.

¹⁸ A pergunta foi: *Existe uma crítica no filme ao fato de as princesas salvarem o Ralph. (Olhem! É um homem fortão precisando de ajuda! – grita uma das princesas) As mulheres da vida real também salvam os homens? Como? Você poderia dizer um momento para exemplificar isso?*

Aqui, alguns se reportaram à profissão para designar como a mulher pode salvar o homem, como aconteceu com o personagem da animação, surgindo médicas, salva-vidas, policial, cirurgiã, entretanto, a marca da mulher como responsável pelas atividades domésticas ainda aparece, como se vê nos excertos a seguir.

Figura 11- Exemplo da terceira atividade A3

SIM, ELA PODE SALVAR O HOMEM DE VARIAS FORMAS, COMO? COMO COZINHA, ENSINAR O HOMEM A FAZER COMIDA, PORQUE NA MAIORIA DAS VEZES AS MULHERES SABEM MAIS SOBRE COZINHAR, OU ENTÃO QUANDO PRECISAR DE ALGUÉM PARA SALVAR DE VARIOS ACIDENTES, COMO ACIDENTES DE CARRO E' ETC...

Fonte: Elaborado por A3.

Figura 12- Exemplo da terceira atividade A5

Sim, ajudando os homens com muito coisa
Exemplo: no trabalho e em casa

Fonte: Elaborado por A5.

Figura 13- Exemplo da terceira atividade A7

Sim, ajudando no dia dia em casa na rua
e também no trabalho.

Fonte: Elaborado por A7.

Sim, ajudando no dia dia em casa na rua e também no trabalho

Compreendemos que ainda há muito dessa ideia de que a mulher é a detentora do cuidado com o lar e com os filhos. Mesmo que eles tenham se apropriado da princesa Tiana como modelo que gostariam de ser, o que eles têm de referencial em casa não corresponde ao

discurso proferido por eles, evidenciando uma representação social de mulher dona do lar, que apenas acumula função, dona do lar, mãe, esposa e, às vezes, empregada em âmbito público. É possível perceber também como o homem não é visto como responsável pelo lar, ele está sempre na figura passiva dos cuidados, como se apenas a mulher fosse cumpridora da organização do lar, o que pode significar que, apesar do reconhecimento de uma evolução no papel social da mulher, ela quem carrega a imagem de cuidadora mesmo em tempos modernos.

A quarta atividade¹⁹ trouxe o início de uma realidade, em que começamos a sair das princesas da Disney para adentrar a histórias de princesas de outros textos, diferentes das figuras a que eles estão acostumados. Com essa atividade, trouxemos a intertextualidade da princesa e do sapo, elementos característicos das histórias de amor das princesas, buscando esse outro ponto da vida da mulher, o relacionamento amoroso, que ainda é colocado dentro da sociedade como necessário à vida das pessoas, quase como condição da sua existência, sem deixar que isso seja de escolha das pessoas.

O texto I mostra o perfil da mulher que muitos esperam – aquela que encontra o homem “certo” e casa para cuidar dele e da casa – e ao mesmo tempo a mulher moderna – rejeita essas propostas porque sabe que não precisa disso ou não quer passar por isso como condição do ser mulher. O texto II traz uma mulher criativa que foge dessa questão de encontrar o príncipe encantado no sapo. E o texto III a mulher que beija o sapo para encontrar seu príncipe.

Quando questionados acerca de qual dessas três princesas adota uma atitude com a qual eles concordam com a atitude e qual delas é a mais moderna, quase todos escolheram as princesas I e/ou II. Apenas o A2 não concordou com a atitude delas em não beijar o sapo, porque, segundo ele, elas não tiveram interesse no príncipe, e a A8, que escolheu a princesa do texto III, mas pelo fato de ter sido a Tiana e não por querer exatamente o príncipe.

Isso mostra que as representações sociais são construídas pela questão cultural do indivíduo que é influenciado pelo social, pelas suas concepções de mundo, como afirma Jodelet (1986), quando esta assegura que

O social intervém de várias maneiras: através do contexto concreto em que se situam os indivíduos e os grupos; através da comunicação que se estabelece entre eles; através das apreensões que proporciona sua bagagem cultural; através dos códigos, valores e ideologias relacionadas com as posições e pertencas sociais específicas (JODELET, 1986, p. 473).

¹⁹ Anexo D.

Pode-se afirmar que tais resultados ocorrem pela relação entre aquilo que os alunos estão vivenciando e as ideias que vinham sendo atribuídas por eles anteriormente. Esse choque de conhecimento ainda não está completamente articulado por eles, há, ainda, nesse momento, uma ressignificação de conceitos.

É interessante perceber a representação social que eles têm da mulher moderna, como aquela mulher independente, que já não é cuidadora exclusiva do lar nem dos filhos, mas que busca realização profissional, que trabalha fora de casa e também coloca o homem não mais como parte necessária à vida dela, tanto por parte dos meninos quanto das meninas. Nos trechos seguintes de alguns alunos, percebemos como eles colocam isso.

Figura 14- Exemplo da quarta atividade A3

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

EU ACHEI DUAS CERTAS, FARIA IGUAL A PRINCESA DO TEXTO 1, PORQUE A VIDA DELA ERA BOA E SE ELA CASSASSE IA MUDAR MUITA COISA POR ISSO ESSA É MINHA OPINIÃO

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? () Sim (X) Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A DO TEXTO 1, PORQUE ELA REPRESENTOU MUITAS MULHERES ATUALMENTE PORQUE NEM TODAS IRIA ACEITAR A PROPOSTA PARA SERVIR UM HOMEM, SÃO INDEPENDENTES.

Fonte: Elaborado por A3.

Figura 15- Exemplo da quarta atividade A6

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Achei que a primeira e a segunda princesa estavam certas e a terceira estava errada. Eu faria igual a primeira, porque como foi dito no texto que ela era independente, ela estava bem sem príncipe

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? (X) Sim () Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A primeira e a segunda. Porque hoje em dia as mulheres não querem mais saber de homem, querem fazer as coisas só pra si.

Fonte: Elaborado por A6.

EU ACHEI DUAS CERTAS, FARIA IGUAL A PRINCESA DO TEXTO 1, PORQUE A VIDA DELA ERA BOA E SE ELA CASSASSE IA MUDAR MUITA COISA POR ISSO ESSA É MINHA OPINIÃO

A DO TEXTO 1, PORQUE ELA REPRESENTOU MUITAS MULHERES ATUALMENTE PORQUE NEM TODAS IRIA ACEITAR A PROPOSTA PARA SERVIR UM HOMEM, SÃO INDEPENDENTES

Figura 16- Exemplo da quarta atividade A8

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Inteligência. Sim igual a todas mas principalmente a do texto 3. Porque ela foi inteligente em aceitar para conseguir realizar seu sonho.

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? (x)Sim ()Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A do texto 3. Porque ela pensou que se casasse com ele ela seria impregnada dele.

Fonte: Elaborado por A8.

Figura 17- Exemplo da quarta atividade A10

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Eu acho inteligente a princesa do texto 2. pois como o rapaz falante eu teria uma conta que ninguém mais teria e poderia ganhar dinheiro com isso.

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? (x)Sim ()Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A do texto 3, pois maioria das mulheres não querem ser empregadas e acabam negando o texto tipo esse de verdade.

Fonte: Elaborado por A10.

Apesar de o A3 já ter mostrado alguns discursos estereotipados, percebemos que ele também não aceitaria esse perfil, já que ele coloca a questão da independência feminina, mas sua representação social de mulher em casa é uma, enquanto a representação que ele tem das mulheres modernas é outra, fugindo da figura feminina que possivelmente ele tem em casa.

Para finalizar, a representação que eles colocaram como exemplo dessa mulher que eles conseguem comparar com a princesa que eles escolheram foi, em sua maioria, a própria mãe, por serem mulheres independentes, que não dependem de marido ou não querem marido, ou não querem trabalhar para homens (em sentido doméstico). A A1 colocou que seria ela mesma, o A10 que seria uma amiga da mãe, a A4 seria uma tia e o A3 seria sua irmã, desse modo, a representação de mulher em que eles se espelham começa em casa, com o referencial familiar, o que pode contribuir para uma imagem não condizente à realidade atual do papel da mulher. Por isso, as atividades aqui trabalhadas são uma maneira de extrapolar a realidade vivenciada por eles, mostrando como existem outras possibilidades.

A atividade seguinte²⁰, simulando uma postagem das redes sociais, fez com que os alunos dessem continuidade a esse discurso da independência e também da não necessidade de um homem para acompanhar a mulher, como se vê nos trechos a seguir.

Figura 18- Exemplo da quinta atividade A1

ERA UMA VEZ UMA
PRINCESA QUE SE SALVOU
SOZINHA.

FIM.

Excelente!! Inelizmente, esse vicio de chamar as meninas de princesa é muito mais comum do eu imaginava. Um horror!!

Posso compartilhar?

Amei! Pois essa postagem está mostrando que nós mulheres não precisamos dos homens para se defender e que podemos ser independentes.

Fonte: Elaborado por A1.

²⁰ Anexo E.

Figura 19- Exemplo da quinta atividade A8

The screenshot shows a social media post with two comments. The first comment says: "so foi há muito, muito tempo. Eu a conheci velhinha. Morreu solteira." The second comment says: "Pessoa 2". To the right, there are two handwritten responses in a box. The first response reads: "Adorei, pois as mulheres não precisam de ninguém para salva-las e muitas vezes elas quem salvam...". The second response reads: "Adorei, pois as mulheres não precisam de ninguém para salva-las e muitas vezes elas quem salvam..."

Fonte: Elaborado por A8.

Figura 20- Exemplo da quinta atividade A10 e 04 (respectivamente)

The screenshot shows a social media post with four comments. The first comment says: "Excelent!!! Inelizmente, esse vício de chamar as meninas de princesa é muito mais comum do eu imaginava Um horror!!". The second comment says: "Pessoa 2 Posso compartilhar?". The third comment says: "Pessoa 3 Clarot". The fourth comment says: "so foi há". To the right, there are three handwritten responses in boxes. The first response reads: "Eu concordo com a foto pois nenhuma mulher precisa de um príncipe para ser salva.". The second response reads: "Muito legal pois as mulheres são independentes". The third response reads: "Mt legal pois a mulheres são independente"

Fonte: Elaborado por A10 e A4.

Como se vê, haveria a possibilidade de protagonizar discursos machistas de que a mulher assim ficaria sozinha, de que assim ela não seria feliz, mas eles seguiram a linha da independência, de que a mulher pode sim ser princesa, mas que não é por isso que ela será frágil, dependente ou carente.

Está ficando claro que as mulheres não seguem um perfil frágil, como foi denotado muitas vezes até mesmo por algumas princesas. Os alunos concebem uma mulher que foge desse final feliz de ser salva, porque ela não precisa disso, é ela quem constrói e determina como será seu final feliz. A representação que eles fazem começa a se aproximar mais da princesa Tiana, principalmente pela constante imposição da independência.

Com essas respostas, durante as nossas discussões, questionamos se assim elas precisariam ficar sozinhas ou se eles achavam que elas poderiam namorar e/ou casar. A resposta foi afirmativa, de que a mulher pode escolher a pessoa com quem ela vai ficar, mas que ela pode também não escolher ou que o homem será apenas um parceiro, mas sem que ela dependa disso ou faça disso uma determinação para sua vida.

A atividade 6²¹ trouxe a comparação entre as “Amélias”, a de Ataulfo Alves e a da Pitty. Eles já estavam trabalhando com mulheres reais, então começaram a perceber a mulher além do seu papel de princesa. Agora as atividades versavam sobre a mulher em si, procurando um reflexo deles acerca dessa concepção de mulher que eles constroem. Nossas discussões sobre o significado da mulher “Amélia” na sociedade os deixaram estarecidos, o que demonstra que eles não corroboram com essa ideia de submissão da mulher, principalmente para os dias de hoje.

Inclusive um dos alunos mencionou que via ainda mulheres desse perfil hoje, por não se cuidar, não se valorizar, até mesmo obedecer as ordens do marido e só fazer o que ele diz. Quando indagado quem seria essa mulher, sua resposta foi de que são as mulheres que casam e têm filhos, mas não trabalham fora de casa, não procuram fazer alguma atividade além das atividades do lar. Esse perfil nos deixa ver que os alunos não enxergam como positivo não só essas atitudes, mas também a própria mulher que não cuida de si mesma, por isso, eles reprovam esse perfil da princesa Branca, que mostra uma mulher mais próxima desse modelo conservador de cuidar e servir.

Então, depois dessa comparação da primeira com a segunda Amélia e todo o debate que houve sobre o perfil de mulheres, a representação social que eles têm de mulher foge desse ideal da década de 40, pois continuam com o fator independência como a maior característica da mulher de hoje, como se nota nos exemplos a seguir.

Figura 21- Exemplo da sexta atividade A3

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

Eu entendo que o melhor perfil para mulher é como o texto 2, porque todas as mulheres nascem para ser valorizada não escravizada.

Fonte: Elaborado por A3.

Figura 22- Exemplo da sexta atividade A4

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

desconstruindo Amélia, é independente, cuida do marido e dos filhos e de si também, mas acima de tudo em tudo.

Fonte: Elaborado por A4.

²¹ Anexo F.

Figura 23- Exemplo da sexta atividade A6

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

O SEGUNDO PERFIL; POIS UMA MULHER NÃO PRECISA FAZER TUDO O QUE UM HOMEM MANDA, E PODE CUIDAR DELA SOZINHA

Fonte: Elaborado por A6.

O SEGUNDO PERFIL; POIS UMA MULHER NÃO PRECISA FAZER TUDO O QUE UM HOMEM MANDA. E PODE CUIDAR DELA SOZINHA

A4 coloca que a independência não anula o cuidado com filhos e maridos, mas que isso não é mais a única atividade da mulher. A10 identificou que a mulher não é mais para aceitar ordens e ser submissa às vontades do marido, o A3 enxergou essa primeira mulher como uma escrava de seu relacionamento, como de fato eram as relações conjugais.

Há, portanto, uma nova formulação da mulher, em que se está extraindo os estereótipos. As representações sociais estão sendo criadas coletivamente, formando uma nova realidade a partir dessas novas concepções, seja de forma consciente ou não, o objeto agora já não é mais o mesmo desde o início das atividades para a maioria dos alunos.

Foram muitos progressos durante as atividades, a percepção de que a princesa também é um retrato da mulher real já foi um grande passo que eles compreenderam e colocá-los diante de personagens diferentes que também trazem a mulher foi uma ressignificação de conceitos, contribuindo para que eles pudessem desmistificar representações e (re)criar imagens da mulher.

Apesar de essas terem sido atividades com registros escritos, realizamos uma atividade de maneira oral, a partir da exibição do vídeo *Mulheres*, da empresa de cosméticos *Natura*, como forma de auxiliá-los na produção textual. Nessa atividade, debatemos sobre os estilos de mulheres presentes no vídeo, o que prontamente foi notado por eles, já que eles disseram que havia muitas mulheres diferentes e “a diversidade de aceitar quem você é” (sic).

Uma das perguntas que fizemos foi sobre a letra da música²², se eles concordavam com o que estava sendo dito ali, o que foi respondido afirmativamente, com as seguintes palavras: “valorização dela mesma”, “mulher se amar mais”, “se libertar dos padrões”. Percebe-se que eles reconhecem uma mudança no perfil da mulher moderna e, até como isso é mostrado pelas mídias, em relação ao que era antigamente.

²² O vídeo apresenta várias mulheres com estilos diferentes a partir de uma paródia da música *Mulheres*, de Martinho da Vila.

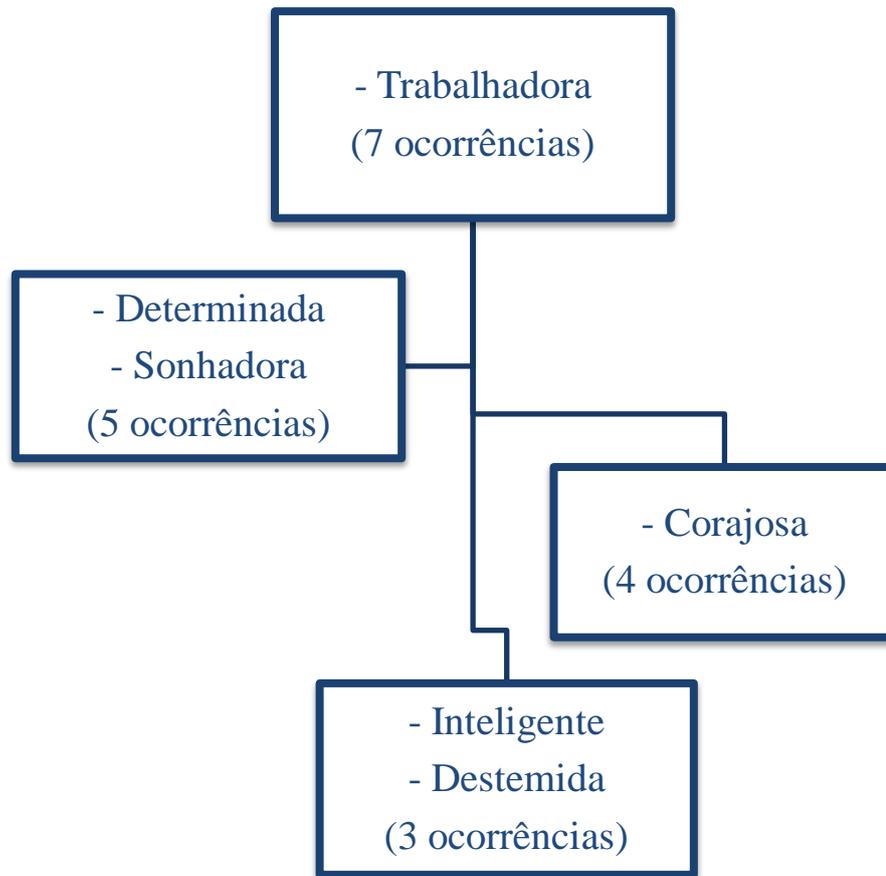
Após esse momento, questionamo-los sobre o perfil que eles acreditavam ter a mulher de hoje em comparação ao que já havia sido trabalhado sobre as princesas. Nesse momento, ficou claro que a representação da mulher que eles concebem é aquela que trabalham fora de casa, estudam, têm amor próprio e priorizam isso em detrimento do lar. Essas foram palavras deles, que não optaram pela princesa Branca de forma alguma, e a princesa Bela apenas quatro alunos que ficaram em dúvida, mas acharam que seria interessante encontrar um homem inteligente, assim como a Bela.

É necessário destacar que aqui o perfil seria a Branca como a mulher ingênua que espera o príncipe; a Bela, uma mulher inteligente que procura um rapaz também inteligente; e a Tiana, que busca outros objetivos e um “amor” seria consequência, podendo surgir ou não, então, as respostas dadas pelos alunos exteriorizaram essa questão sempre repercutida nas atividades da mulher atual ser aquela que é independente.

A última atividade, antes de partimos para a produção textual, consistiu numa captação de dados depois de tudo que eles construíram em nossos encontros. A partir de todas as características atribuídas por eles às mulheres, quais seriam as que eles julgam como as mais importantes para a mulher de hoje. Essas características foram extraídas a partir de tudo que eles fizeram na segunda atividade, como consta no quadro 01 já demonstrado anteriormente.

Assim, partindo de todas as características, as recorrentes foram:

Gráfico 2 – características recorrentes das princesas.



Fonte: Dados da pesquisa

Assim, percebe-se que a característica que mais chamou atenção dos alunos desde o início das atividades foi o *trabalhadora*, evidenciando um perfil que condiz com a mulher atual, que deixou de ser exclusiva do lar para dedicar-se também aos seus interesses pessoais e profissionais. A ideia que eles concebem da mulher moderna é daquela que deixa os serviços domésticos, pois, como já dito, a valia dos trabalhos do lar já não configura demasiada importância atualmente; é precioso o trabalho que se exerce fora de casa, assim como os homens que saem para buscar o serviço fora de casa.

Além disso, as justificativas que explicam as escolhas de tais características demonstram a representatividade das meninas perante essa sociedade que está em transição, em aceitação do espaço feminino. As alunas A1, A4, A5, A6, A8 e A9 colocaram todas as características voltadas para a mulher que busca espaço no mercado de trabalho e para isso precisa estudar (inteligente), correr atrás dos seus sonhos (determinada), mas também continuar sendo uma pessoa amorosa, como se vê em alguns dos exemplos a seguir.

Figura 24- Exemplo da sétima atividade A1

Determinada - Porque temos que
sair mulheres determinadas para
alcançarmos nossos objetivos.

Inteligente - Porque com a
inteligência podemos tomar
as melhores decisões e para
conseguir um bom emprego.

Sensitiva - Porque todo mundo
tem que ter seus próprios
sentimentos e nunca desistir.

Corajosa - Porque a coragem é
muito importante. Não podemos
deixar o medo nos dominar
e para isso precisamos de
coragem para não desistir.

Amorosa - Porque temos que
ter amor com os pais e com
os nossos filhos de hoje o
amor entre o próximo é
importante.

Fonte: Elaborado por A1.

Figura 25- Exemplo da sétima atividade A5

determinada = porque se
você é determinada consegue
o que quer.

Corajosa = com coraje você
enfrenta o que você temi

Sonhadora = porque se
você tem um sonho
vai atra

Trabalhadora = por que
com trabalho você fica
determinada

Destemida = por que você
pode consegue

Determinada = porque se
você determina consegue o
que quer

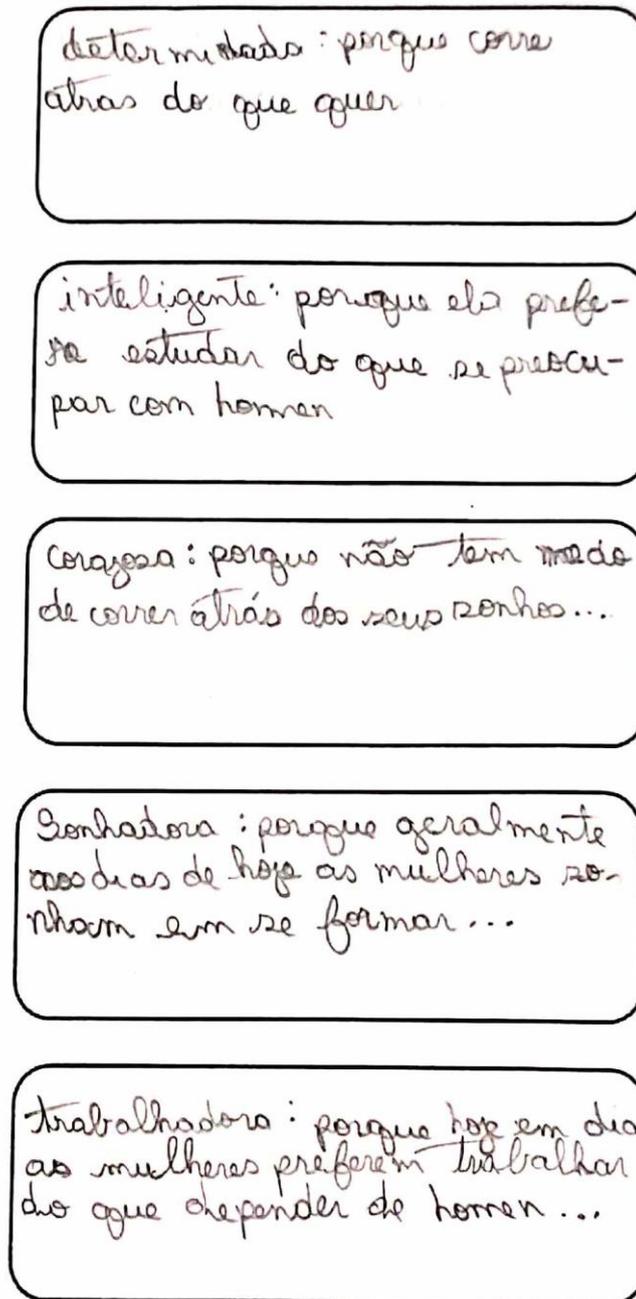
Corajosa = com coraje você
enfrenta o que você temi

Sonhadora = porque se você
tem um sonho vai atra

Trabalhadora = porque com
trabalho você fica
determinada

Destemida = porque você
pode consegue

Figura 26- Exemplo da sétima atividade A8



Fonte: Elaborado por A8.

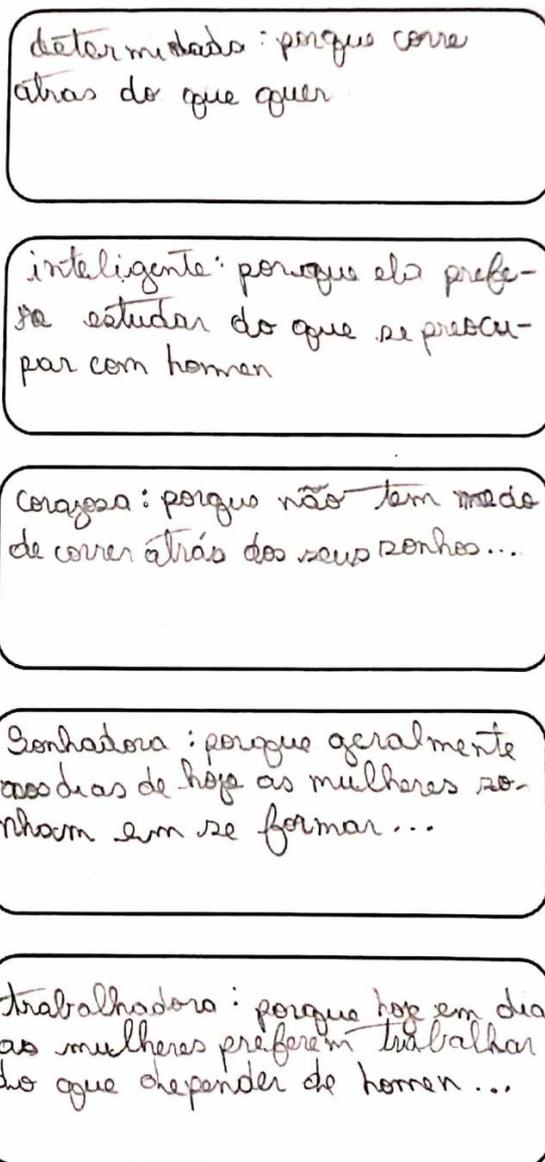
Percebe-se que a representação do perfil feminino moderno é completamente diferente daquele da década de 40 em que se tinha a “Amélia que era a mulher de verdade”. As meninas já visam à necessidade dos estudos como meio de se colocarem também dentro da sociedade, rejeitando o estereótipo submisso de uma sociedade arcaica que tanto prezou pela obediência e não pela altivez.

Quanto aos resultados dos meninos, há uma aproximação com as escolhas das características das meninas, mas algumas características apareceram em comum dentro dos

resultados deles, como paciente, para saber esperar o dia de alcançar seus objetivos, e gentil, porque eles concebem que a mulher de hoje tem um bom relacionamento com as pessoas. Essas foram características não recorrentes na atividade das meninas.

É preciso chamar atenção para as atribuições do A2, pois foi o único a colocar características que trazem um perfil de mulher mais cuidadora, mais voltada para o lar e a família, posto que ele, apesar de trazer a inteligência e o trabalho como pontos necessários, também incluiu dona de casa, ingênua e paciente, ambos voltados para a ideia da dependência ainda dos tempos passados, como se vê abaixo.

Figura 27- Exemplo da sétima atividade A2



Desse modo, ainda que o A2 tenha por diversas vezes incluído o perfil da princesa Tiana entre suas escolhas com justificativas de ela ser trabalhadora, no sentido de mercado de trabalho externo ao lar, ele ainda possui como representação de mulher uma figura afetuosa, maternal, cuidadosa. Assim, é possível afirmar que o A2 encontra-se em processo de definição dessa figura feminina.

6.2 Análise das produções textuais: marcas de estereótipos?

Dentro da proposta textual não ficou explícito se eles deveriam fazer um conto de fadas ou qualquer outro gênero, mas eles seguiram um pouco da estrutura do conto, elaborando textos narrativos, alguns bem prototípicos do conto de fadas com o *Era uma vez* e o *foram felizes para sempre*.

Alguns elementos linguísticos também revelam esse retorno para o gênero e o estereótipo de beleza da princesa, como *bela donzela*, *bela princesa*, características de a mulher ser branca e loira, que geralmente são colocadas como marcas mais prototípicas da personagem da princesa, lembrando bem o perfil das personagens em desenhos.

De maneira geral, as produções textuais²³ incorreram na perspectiva que eles já vinham construindo dentro das atividades, sendo que o A10 abordou uma perspectiva diferente que nos chamou atenção, pois até então ele colocava em evidência a questão da independência e do trabalho externo ao lar como características fortes da mulher e, em sua produção textual, trouxe a beleza como algo que chama atenção e o sapo como representação da feiura, já que ele determina que a sua personagem é bonita e não pode ficar com o sapo, mas que uma amiga da mulher está solteira – e não é bonita – vai, por isso, aceitar ficar com o sapo.

A1 e A4 foram os que mais se mantiveram dentro das características que vinham construindo, sendo que A1 ressaltava mais a questão da inteligência, aproximando-se das características da princesa Bela, enquanto A4 aproximava-se da Tiana, pela independência com seu trabalho externo ao lar.

É interessante a forma como A1 coloca essa representação de mulher tão marcada, além de sua própria representatividade estar presente. Todo seu discurso é construído por um alguém que sabe seu lugar de fala, que conhece seu espaço e busca por ele, já que em todas as atividades foram respondidas em torno desse discurso da mulher independente, que busca

²³ Anexo G

alcançar mais do que estar a sombra de alguém, como se vê em um trecho da sua produção [grifos nossos].

Figura 28 – Produção textual A1

~~o rapaz já estava cansado das mesmas~~
 O rapaz já estava cansado das mesmas
 respostas ninguém o queria. Ele foi perce-
 lendo que as mulheres principalmente as de
 hoje não ligam mais para príncipes ou tro-
 mems comuns para serem felizes. As mu-
 lheres não são todas iguais. Todas são dife-
 rentes, cada uma com seu estilo de vida
 mas sempre com um bom coração.

Fonte: Elaborado por A1.

A2 apresenta em sua trajetória mudanças de perfis, ora uma mulher mais independente, ora aquela mulher ainda ligada aos preceitos do lar, da cuidadora. Na sua produção textual, percebe-se que há a união entre os dois pontos, posto que ele constrói sua personagem como uma mulher corajosa, trabalhadora, até que abriu o próprio negócio (fazendo uma intertextualidade com a princesa Tiana), casou-se e foi feliz para sempre. Analisemos esse trecho da produção.

Figura 29 - Produção textual A2

A moça decidiu levar o homem para sua casa,
 cuidar dos ferimentos. Com passar do tempo, essa jovem foi
 fazendo tratamento para se recuperar do vírus que ela
 tinha. Voltou à estudar, conseguiu um emprego em uma
 lanchonete, trabalhava dia e noite, estudava e progredia
 com tratamento. Enquanto isso, a jovem conseguiu realizar o
sonho de ter o seu próprio negócio que era abrir uma
confeitaria "Lari does". Ela abriu várias redes de confeitarias
ficou conhecida pelos seus doers, Vinham
pensar de diversos lugares.

O jovem Raul se recuperou, fez uma faculdade,
 obteve um emprego melhor, acaba se apaixonando pela
 Lari, se casaram e foram felizes para sempre.

Fonte: Elaborado por A2.

Sendo assim, o A2 foi o único que não marcou de maneira enfática seu perfil de mulher, durante as atividades até chegar à produção final; ele não conseguiu marcar uma representação única da mulher, ou ainda é possível que ele esteja descobrindo quais características podem ser melhores em seu conceito.

A3 traz uma prototipicidade dos contos de fadas, mas coloca a princesa num viés mais moderno, pois, quando a princesa percebeu o sapo falante, já quis compartilhar o vídeo nas redes sociais, deixando subentendido que o mais importante não era o sapo-príncipe, mas o que ela conseguiria com essa informação, pode ser entendido pelo excerto a seguir.

Figura 30 – Produção textual A3

baixo e viu um sapo azquemozo, o sapo explicou a ela porque a chamaava e lhe disse que uma bruxa muito má lançou um feitiço nele, e também contou-a que ele era um lindo príncipe e que ao um beijo de uma princesa poderia desfazer o feitiço, e nós seríamos felizes para sempre, a princesa olhou para o sapo e falou esse video vai bombam nas redes sociais.

Fonte: Elaborado por A3.

Portanto, percebe-se que a compreensão que foi formada aqui é a de que a mulher não precisa desse homem que surgiu, ela tem outras preocupações ou anseios que não corroboram com a ideia de encaixar uma pessoa em sua vida.

A4 deixa bem explícito mais uma vez não ser adepta da ideia da princesa como ideal, pois coloca dentro do seu texto que nem mesmo as crianças atualmente gostam de histórias de príncipes e princesas. Mantém sua linha de mulher empoderada, que luta pelos seus objetivos. O sapo-príncipe aqui vira apenas seu animal de estimação, evidenciando o descaso com a história do sapo e que não se preocupa com o ideal romântico do feliz para sempre, como pode ser verificado no trecho a seguir.

Figura 31 - Produção textual A4

por um amigo de um amigo. Ela acha uma história toda um mundo de um absurdo, e essas histórias de príncipe e princesa que nem as crianças gostam mais - Não preciso de príncipe mas um sapo fofo para ser meu novo animal de estimação, um sim que é interessante.
Peguei o sapo e lancei meu voto para casa.

Fonte: Elaborado por A4.

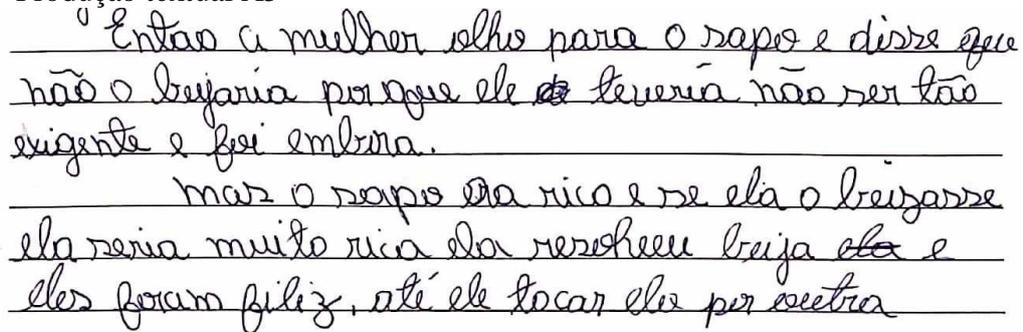
Por um donzela de bom coração. Ela acha essa história toda um tremendo de um absurdo, e essas histórias de príncipe e princesa que nem as crianças gostavam mais.

-Não preciso de príncipe mas um sapo falante para ser meu novo animal de estimação, isso que é interessante.

Pegou o sapo e traçou sua reta para casa.

A5 cria um estereótipo ainda comum dentro da nossa sociedade, a mulher interesseira. Sua personagem é colocada como uma mulher muito bonita, e o sapo como um príncipe que era muito rico e que depois ela também será. Quando ela aceita e passa algum tempo, é trocada por outra. Aqui se pode compreender a ideia de que as vantagens podem trazer consequências futuramente, ou apenas ele projetou a figura de uma mulher que muitas vezes busca progredir com menos esforço. Ainda assim, há um discurso carregado de estereótipos, até diferente do que o aluno vinha trazendo dentro das atividades, como se nota no excerto abaixo.

Figura 32 - Produção textual A5



Então a mulher olhou para o sapo e disse que não o beijaria porque ele ~~de~~ teria não ser tão exigente e foi embora.
mas o sapo era rico e se ela o beijasse ela seria muito rica da rezeeu beija ela e eles foram feliz, até ele tocar ela por dentro

Fonte: Elaborado por A5.

A6 continua nesse mesmo caminho dos demais em colocar a mulher como não se importando com o sapo-príncipe; nesse caso, ela o guardou no bolso para fazer inveja às amigas. Assim como A7, também coloca uma mulher que não beija o sapo-príncipe porque não quer se casar e, deixando o sapo, foi viver feliz para sempre sozinha. Vejamos os trechos a seguir.

Figura 33 - Produção textual A6

- O que quer que eu faça?
 - Só preciso que me dê um beijo.
 - QUE?! Você tá louco?! Minhas amigas vão adorar
 ver você, elas vão ficar com tanta inveja.
 Vanessa pegou o sapo, colocou no bolso e foi mos-
 trar para todas suas amigas

Fonte: Elaborado por A6.

Figura 34 - Produção textual A7

então respondeu - a que não ~~beijaria~~ beijarias pois não
 queria casar e nem ter filhos deixar o sapo e
 foi viver sua vida feliz para sempre.

Fonte: Elaborado por A7.

Então respondeu-a que não beijarias pois não queria casar e nem ter filhos deixar o sapo e foi viver sua vida feliz para sempre.

Ambos os discursos dão continuidade à ideia de que a mulher não precisa do homem nesse sentido padronizado dos contos de fadas, para cuidar do marido e dos filhos. Até aqui todos eles estão enveredando pelo caminho de colocar a mulher no papel de “antes só, a mal acompanhada” ou fazendo a transformação do personagem típica das narrativas para ganharem o típico final feliz dos contos.

A8 não faz a recusa tão decididamente como os demais. Ainda usa do artefato econômico como meio de conquista, mas aqui a mulher é colocada como uma pessoa que não se importa com isso, pois ela é construída como trabalhadora. Com a insistência do sapo-príncipe, a princesa conheceu o sapo melhor, beijou-o e juntos montaram o restaurante que ela sempre quis e foram felizes para sempre, revelando uma intertextualidade com a princesa Tiana. Então, a representação social da mulher é aquela que sempre luta muito por tudo que deseja, trabalha, busca seus objetivos, mas que também se deixa encantar pelo homem e pode conviver com os dois pontos perfeitamente. Isso pode ser percebido pelo trecho a seguir.

Figura 35 - Produção textual A8

Tar um restaurante. Alguns dias depois no meio de um rio
 muito bonito com varias luzes com uma bela vista a den-
 zela decharou-se para o sapo dizendo que estava comple-
 tamente apaixonada por ele e o beijou. O sapo se trans-
 formou em um belo homem e imediatamente foram pa-
 ra o ponto de comercio que tanto tinham gostado, con-
 versaram com o dono do espaço e resolveram que iria com-
 prar. No dia seguinte transferiram o dinheiro para a
 conta de meo, compraram o que fosse necessário para
 montar o restaurante.

Um mês depois fizeram a inauguração do restau-
 rante, foram muitas pessoas, famosas, gíngos todos os
 tipos de pessoas. Com isso elas ganharam bastan-
 te dinheiro se casaram e viveram felizes para
 sempre

Fonte: Elaborado por A8.

A9, assim como o anterior, também segue essa linha de raciocínio, é uma mulher empoderada, inteligente, que não se apega facilmente ao que lhe dizem, visto que ela não aceita a proposta do sapo-príncipe de casar e construir família, mas aqui não por ela não aceitar o homem em sua vida, mas porque ela não acredita em sapo falante, pois no final da história percebemos que A9 quer unir a ideia da mulher independente com a que também pensa na ideia de ser mãe, não deixando claro se casada ou não, pois não há menção a isso. Segue um trecho para análise.

Figura 36 - Produção textual A9

Então a mulher foi para o trabalho é em um
 pensamento eu uma mulher independente trabalhadora,
 daonde que vou deixar minha ~~lib~~ liberdade, meu tra-

balho para ir servir um príncipe eu não prefiro
 continuar com a minha vida do fulinho que ela está
 Depois de um tempo mais ou menos três anos a
 mulher lembrou do sapo e da proposta dele e começou
 a ri e ela ainda não acreditava no que tinha aconte-
 cido e quando ela tiver filhos ela irá contar essa
 história engraçada de sua vida.

Fonte: Elaborado por A9.

A10, como já mencionado, fugiu do discurso que vinha sendo construído durante as atividades. Na produção textual, demonstrou um estereótipo preconceituoso na motivação de uma mulher estar solteira, trazendo a beleza como fator principal para querer ou não casar. É possível que isso se tenha dado por se tratar de um sapo e esse personagem trazer consigo uma carga de feiura dentro das histórias infantis. Apesar disso, não foi colocado outro ponto para que se possa caracterizar de fato se sua representação feminina recorre aos estereótipos da beleza, como se vê a seguir.

Figura 37 - Produção textual A10

A mulher escolheu-o que não queria um
 príncipe, pois ele não têm tanto valor quanto
 antigamente. Ela então pegou o sapo e
 levou ele para uma amiga, que estava
solteira por não ser bonita. A mulher en-
 tão pegou o sapo e entregou-lhe a sua
 amiga e a contou a história, e o prínci-
 pe viveu o resto da sua vida ao lado
 da amiga da mulher.

Fonte: Elaborado por A10.

Nota-se, portanto, que as representações sociais foram constituídas pela relação de troca entre os objetos aqui expostos – as princesas – e suas modificações durante as atividades, seja por interferência das atividades, seja pelas vivências dos sujeitos. O

importante é que houve uma relação de sentidos formada a partir dessa interação, formando um novo objeto.

Assim, é interessante que todos associaram a ideia do sapo-príncipe com o casar e ser feliz para sempre, seguindo a ideia dos contos de fadas, enquanto as mulheres, que foram construídas tanto como princesas quanto como mulheres reais, apresentaram representações mais condizentes ao perfil atual da mulher empoderada, mas também, por vezes, de uma mulher com traços maternais. O que não ficou muito claro foi até que ponto eles conceberam a ideia de dissociar uma mulher independente com o fator relacionamento, pois muitos quiseram deixar a mulher sozinha, mas sem denotar a essência desse fator, se por escolha, ou porque só assim seria independente.

6.3 Depoimentos: registros de aprendizagem

Como forma também de verificar que alcançamos nosso objetivo geral, aprimorar o letramento, os alunos foram solicitados a escreverem depoimentos acerca do projeto desenvolvido, sobre como era a visão deles sobre a mulher e como ficou depois dos nossos encontros, para verificar o quanto houve de significativo nessa construção do perfil feminino.

Houve uma representação significativa de aprendizagem, pois a maioria modificou seu ponto de vista, acrescentou informações a sua visão que antes não tinha, o que faz com que a pesquisa tenha se tornado produtiva para eles. Os participantes demonstraram ter compreendido que o papel social da mulher se modificou e também marcaram sua percepção de acordo com aquilo traziam com as informações novas.

Os depoimentos expõem a representatividade das meninas que puderam se enxergar melhor, perceber seu lugar social, pois, durante as atividades, já se expressavam categoricamente como reconhecida de mulher empoderada, sempre se utilizando de primeira pessoa para responder as atividades, como os depoimentos de A1 e de A6, que são vistos a seguir.

Figura 38 - Depoimento A1

Ao decorrer do projeto fui vendo diferentes prim-
 ceiras, ou seja, as mulheres com personalidades
 diferentes e com um potencial incrível. Sempre
 achei as mulheres heroínas pelo fato de elas
que elas enfrentam ou já passaram. Cada
uma com seu caráter, valor, qualidade e in-
imitável. Com o projeto eu não aprofundi mais
o meu ponto de vista.

Fonte: Elaborado por A1.

Figura 39 - Depoimento A2

Com o projeto eu aprendi que independente de qualquer
 situação as mulheres sempre serão independentes. Mostrou
 que nós mulheres para nos tornarmos fortes não pre-
 cisamos de homem nenhum. Nós mesmas temos nessa
própria força. Nos contos de fadas as mulheres sempre
são salvas pelos homens mas na vida real as mulheres,
nem sempre são salvas por homens.

Fonte: Elaborado por A6.

Como se percebe, essas alunas são meninas que demonstraram já ter conhecimento de forma mais apurada do seu próprio lugar social, principalmente A6, que se coloca de maneira enfática no texto ao usar o *nós*, mas ainda assim aprenderam mais sobre a mulher a partir do projeto.

Já os meninos, puderam alterar algumas concepções trazidas na sua experiência de vida, como A3, que revelou ter mudado suas concepções sobre a mulher, quebrando os estereótipos que ele havia tomado para si como referência, fazendo com que nosso projeto ganhasse uma validação social pertinente, já que trazer essa temática para a escola pode ser início de uma mudança da sociedade, que colhe frutos também com a educação escolar.

Figura 40 - Depoimento A3

Antes do projeto, eu achava que as mulheres pelo menos algumas deveriam ser dependentes dos seus maridos que elas eram mais frageis que os homens e que só podiam estar na cozinha fazendo comida para seu marido e filhos, mas depois do projeto eu cheguei a conclusão que todas mulheres tem a capacidade de trabalhar, que algumas mulheres são muito mais fortes que algumas homens.

Fonte: Elaborado por A3.

Essas mudanças na voz masculina são pertinentes para que tenhamos uma esperança de mudanças na atual sociedade que tanto agride a mulher e lhe rouba direitos, entretanto perceber que essas concepções também foram modificadas pela voz feminina é saber que teremos mais meninas que possivelmente aprenderam sobre seu espaço social, sobre seus direitos, sobre aquilo que elas podem e são capazes de fazer, como se vê nos depoimentos a seguir.

Figura 41 - Depoimento A5

Eu aprende que cada mulher tem o seu jeito e que cada uma gosta de fazer coisas diferente, e que elas não precisa de um homem, sempre que elas poder fazer tudo que os homem fazer. ★

Fonte: Elaborado por A5.

Eu aprende que cada mulher tem o seu jeito e que cada uma gosta de fazer coisas diferente, e que elas não precisa de um homem sempre que elas poder fazer tudo que os homem fazer.

Figura 42 - Depoimento A9

Eu aprendi que antigamente ~~as~~ as pessoas achavam as mulheres dependente dos homens e conforme o tempo foi passando as pessoas foram mudando esse pensamento. As mulheres ficaram mais independente e foram ganhando mais direitos. Antes as mulheres tinham que ficar em casa cuidando dos filhos e do caso mas hoje em dia as mulheres trabalham e algumas ainda cuidam da casa e dos filhos.

Antes as mulheres tinha que ter o marido hoje muitas mulheres ~~vi~~ não tem o marido e são bem sucedida. Nas historias de antigamente tinham que ter a mulher sendo salva pelo homem hoje em dia as mulheres ~~que~~ que salva os homens.

Fonte: Elaborado por A9.

Assim, esses depoimentos são demonstrações de que atingimos muito além do letramento, obtivemos uma prática social que, por meio das atividades de Língua Portuguesa, conduziu o aluno a reflexões sobre suas próprias posições e também a do outro dentro da sociedade. Ainda que se possa ter deixado algum equívoco quanto a essa mulher moderna, a representação social que eles fazem foge, em sua maioria, dos estereótipos, nos dando a esperança de que venham pessoas mais reflexivas e com mentes abertas para encarar o mundo.

6.4 A Representação Social pelo olhar dos alunos: o que dizem os dados?

As atividades aqui propostas seguiram uma construção linear de sentido, a fim de fazer os alunos reconhecerem que o espaço social da mulher vem mudando de acordo com o tempo. As princesas foram uma forma lúdica e ao mesmo tempo o retrato comum que é

exibido à sociedade de como a mulher é percebida, posto que as crianças crescem aprendendo sobre alguns comportamentos e características com essa personagem dentro das histórias infantis.

Nossas questões pautaram-se em: Como os alunos percebem a evolução no papel social da mulher de acordo com a dimensão espaço-temporal? Como os alunos enxergam as características das princesas em mulheres reais? A imagem da mulher, nas produções textuais dos alunos, converge ao estereótipo da mulher presente nos contos de fadas? Qual o tipo de princesa a que mais se assemelha? O que isso pode significar?

Nossas hipóteses partiram da ideia de que o nível de letramento se ampliaria a partir do reconhecimento das representações sociais sobre a mulher. Para isso, haveria uma mudança na percepção do papel estereotipado da mulher se comparadas as princesas Branca de Neve e Tiana. Seriam percebidas as características de mulheres tanto em perfis mais maternos, donas do lar quanto em perfis de mulheres emancipadas. A princesa Tiana seria a mais parecida com a mulher atual, sendo esse perfil mais traçado nas produções textuais, significando que as mulheres atuais são mais independentes.

Então, seguindo esse caminho, pudemos constatar, por meio de todo material já exposto, que nossas hipóteses foram confirmadas. Ainda que algum aluno tenha colocado um perfil de uma mulher ainda não tão moderno, isso não significa que ele não tenha construído a ideia de uma mulher emancipada, pois ainda assim ele também segue os demais quanto à atribuição de características que aproximam o perfil da mulher moderna.

Associando as princesas ao perfil traçado para cada uma delas, a princesa Tiana seria o modelo mais próximo da mulher moderna e ela foi a mais escolhida entre os alunos, confirmando mais uma de nossas hipóteses.

Para finalizar, nossa terceira e última hipótese também foi confirmada, pois, embora nem todos tenham colocado a intertextualidade de maneira explícita com a história da personagem Tiana, eles formaram a ideia da mulher que não deposita suas preocupações e anseios na conquista da figura masculina, antes disso há a realização própria, seja ela pessoal e/ou profissional.

Dessa forma, a representação social da mulher concebida pelos alunos não está pautada em ideias retrógradas, e sim em ideias que se assemelham à mulher real do século XXI, que busca seu espaço de direito e igualdade dentro da sociedade, uma mulher independente, que sonha em alcançar seus objetivos, que não descarta a possibilidade de um companheiro, mas que não depende dele para sua própria existência.

Sendo assim, partilhando da ideia de Doise (2002), as representações sociais são construídas pelas relações entre os indivíduos e seus grupos, por isso as representações foram aqui sendo (des)construídas e (re)formuladas para que se pudesse chegar a um modelo tido como o ideal, até que este seja novamente passado por um processo entre a realidade e as concepções individuais, trazendo a princesa Tiana como esse modelo de mulher moderna.

No que tange aos nossos objetivos, esses também foram alcançados, uma vez que os alunos conseguiram perceber a mulher investida de princesa, ampliando seu letramento por meio das concepções do que é ser mulher em nossa sociedade, seja verificando isso nos contos de fadas ou em textos multissemióticos variados.

Assim, já que os alunos participantes são adolescentes e estão formando sua conduta social, a pesquisa é importante para ajudá-los a construir conceitos e a desvelar preconceitos, reparando estereótipos, como da mulher interesseira, da mulher que vive para o lar, da mulher que busca o homem para ser feliz. Então, os sujeitos aqui são como os trazidos pelas concepções bakhtinianas, eles são e foram constituídos pelo outro, pelos discursos na interação com o outro.

É válido esclarecer que não colocamos o perfil materno ou do lar como errado, mas buscávamos fazê-los compreender que a mulher também vive num mundo de escolhas e ela também precisa ter sua voz ouvida e respeitada, sendo ela emancipada ou não, querendo ter filhos ou não. A representação social que eles conceberam a partir dessa pesquisa foi modificada pelas atividades desenvolvidas, por ter rompido com estereótipos e paradigmas sociais que tanto são reverberados pelos discursos.

6.5 Novos depoimentos: confirmação dos dados

Como forma de comprovar nossos dados, trouxemos alguns depoimentos de outros alunos participantes da pesquisa, mas que não estavam dentro do *corpus* de atividades selecionadas, a fim de que se possa verificar que os demais alunos também foram atingidos quanto ao objetivo de nossa pesquisa.

Para isso, abaixo constam os depoimentos que foram entregues no dia da coleta, mas é necessário ressaltar que, ainda que tivéssemos um total de 30 alunos participantes, não foram todos os alunos que quiseram entregá-lo.

Como maneira de perceber o alcance dos objetivos por meio desses depoimentos, alguns estão com grifos nossos para que se note como foi possível rever estereótipos e causar mudanças no coletivo. Outros apenas relataram ter confirmado que viram aquilo que eles já

sabiam. Eles foram denominados de AEXTRA e um número que segue a ordem em que aparecem na colocação.

Figura 43 - Depoimento AEXTRA1

Eu aprendi que toda mulher tem seus defeitos e qualidades, que algumas mulheres podem ser gentis outras humildes, delicadas, finas e fortes, como toda mulher deve ser, porém nem todas as mulheres tem apenas características boas, há muitas mulheres más, grossas e invejosas, pois elas não deixam de ser mulheres, e de toda mulher tem seu direito de viver e aproveitar sua vida.

Fonte: Elaborado por AEXTRA1.

Eu aprendi que toda mulher tem seus defeitos e qualidades, que algumas mulheres podem ser gentis outras humildes, delicadas, finas, fortes, como toda mulher deve ser, porém nem todas as mulheres tem apenas características boas, há mulheres más, grossas e invejosas, pois elas não deixam de ser mulheres, toda mulher tem seu direito de viver e aproveitar sua vida.

AEXTRA1 evidencia a importância da aprendizagem para dosar o perfil da mulher, não são perfeitas como, por vezes, são retratadas no perfil de princesa, mas que suas características a fazem única, sem diminuir ou menosprezar o jeito de ser feminino.

Figura 44 - Depoimento AEXTRA2

No projeto eu aprendi que toda mulher tem algumas personalidade parecidas, todas são os cuidados, querreiva, forte. As mulheres como outras do meu grupo, no para quando consegue o que quer, todas não formam trabalhadoras.

Fonte: Elaborado por AEXTRA2

Nota-se, no discurso de AEXTRA2, a colocação de si mesmo, revelando que houve transformação não só no reconhecimento da figura feminina externa, mas também em si mesma. Quando há a colocação aqui de somos, percebemos a inclusão de alguém que foi

modificado, que passou a enxergar possivelmente novas possibilidades, pois viu que a mulher “só para quando consegue o que quer” (sic).

Figura 45 - Depoimento AEXTRA3

o que eu aprendi que agente deve valorizar as mulheres, que elas não são objeto para homens e de que as mulheres não são dependentes dos homens não precisam de ajuda e aprendi também pelo preconceito com as mulheres operárias de não jogar de bola por que mulher não pode jogar de lugar de mulher e na escola eu acho que não deve ter muitas pessoas que fazem coisas de mulher e assim por diante. Não é isso que estudei sobre as mulheres.

Fonte: Elaborado por AEXTRA3

Analisar o discurso de AEXTRA3 é ter a certeza de que o letramento aliado às representações sociais foi trabalhado satisfatoriamente, uma vez que é descaracterizado o estereótipo das funções que seriam designadas a homens e a mulheres, que foi apreendido pelo aluno a valorização social que a mulher deve ter sem preconceitos ou marcas estereotipadas socialmente, que o próprio participante afirmou que possuía.

Figura 46 - Depoimento AEXTRA4

Eu aprendi que as mulheres tem algumas características iguais e outras diferentes, mas algumas são pessoas que não depende de ninguém, que persiste em seus sonhos e que jamais irá se desvalorizar.

Fonte: Elaborado por AEXTRA4.

É possível afirmar que os alunos de forma geral tomaram consciência dessa independência feminina, esse relato, por exemplo, deixa claro que houve uma resignificação não só de valores, mas também de atitudes. As princesas, que foram vistas como pessoas frágeis e indefesas, deram lugar a mulheres fortes e conhecedoras do seu espaço social, e isso fica marcado no discurso de AEXTRA4 quando afirma que a mulher não depende de ninguém e nunca irá de desvalorizar.

Figura 47 - Depoimento AEXTRA5

Eu aprendi que as mulheres não precisam ter o mesmo pensamento sobre a vida para serem respeitadas, que cada uma tem o direito de seguir seus planos e sonhos sem ligar para o que os outros falam, que cada uma tem seus defeitos e suas qualidades e que é isso que faz elas se tornarem únicas e especiais e que não precisamos de homens para nos mostrar como devemos fazer as coisas.

Fonte: Elaborado por AEXTRA5.

AEXTRA5 deixa explícita a lição aprendida não só em relação ao tratamento dado às mulheres, mas também sobre respeito, pois enfatiza sobre cada mulher ter sua forma de pensar e que isso precisa ser respeitado, independente da forma como acha ser o certo. Além disso, traz também a voz da independência feminina ecoada na maior parte dos discursos, apontando uma representação feminina moderna.

Figura 48 - Depoimento AEXTRA6

Eu aprendi, que as mulheres podem ser fortes da maneira que elas são, ser independentes, e ao mesmo tempo serem delicadas, gentis, doces e belas, não dependem de homens para conseguir o que querem.

Fonte: Elaborado por AEXTRA 6.

AEXTRA6 também traz a independência como ponto marcante dessa representação de mulher moderna. É colocado que as características associadas a um perfil estereotipado de princesa (delicada, gentil, doce, bela) podem ser associadas também à imagem da feminilidade forte, que não é esse padrão que determina a condição feminina.

Figura 49 - Depoimento AEXTRA7

O QUE APRENDI SOBRE AS MULHERES, FOI QUE TODAS ELAS TEM UM PENSIL DIFERENTE. QUE TODAS ELAS SÃO INDEPENDENTES, QUE TODAS TEM UM SONHO E QUE PODEM SIM SE DESTACAR NA SOCIEDADE. A IDÉIA DE QUE UMA MULHER NASCEU PARA SEGUIR AO SEU ESPOSO É MITO!!! TODAS AS MULHERES PODEM SONHAR ALTO E QUE NINGUÉM A LIMITA. ISSO FOI UMA DAS MILHARES DE IDÉIAS QUE TIVE NO DECORRER DO PROJETO.

Fonte: Elaborado por AEXTRA7.

AEXTRA7 é um exemplo de transformação muito significativa, uma vez que seu discurso deixa evidente sua mudança de opinião por meio do letramento adquirido durante o processo da pesquisa. Suas crenças certamente foram ressignificadas, desvelando marcas sociais que já não lhe são mais pertinentes; o papel social e as características de mulher são outras.

Figura 50 - Depoimento AEXTRA8

Eu sempre sempre pensei que as mulheres eram fortes trabalhadoras e inteligentes na aula eu vi que os homens sempre subestimam elas são fráguas que sempre precisam dos homens que elas são fracas mas na aula a gente viu que as mulheres são forte o meu pensamento não soube as mulheres

Fonte: Elaborado por AEXTRA8.

Eu sempre pensei que as mulheres eram fortes trabalhadoras e inteligentes na aula eu vi que os homens sempre subestimam elas são fráguas que sempre precisam dos homens que elas são fracas mas na aula a gente viu que as mulheres são forte o meu pensamento não soube as mulheres

Apesar de AEXTRA8 assegurar já ter esse conhecimento de as mulheres serem fortes e independentes, seu próprio discurso deixa evidente mudanças adquiridas no processo da pesquisa, pois há a afirmação de que foi visto na aula como geralmente os homens pensam e como de fato as mulheres geralmente são, que pode ser concluído que, ainda que esse participante já obtivesse conhecimento profícuo a respeito das mulheres, os demais participantes puderam ressignificar conceitos a partir das atividades desenvolvidas.

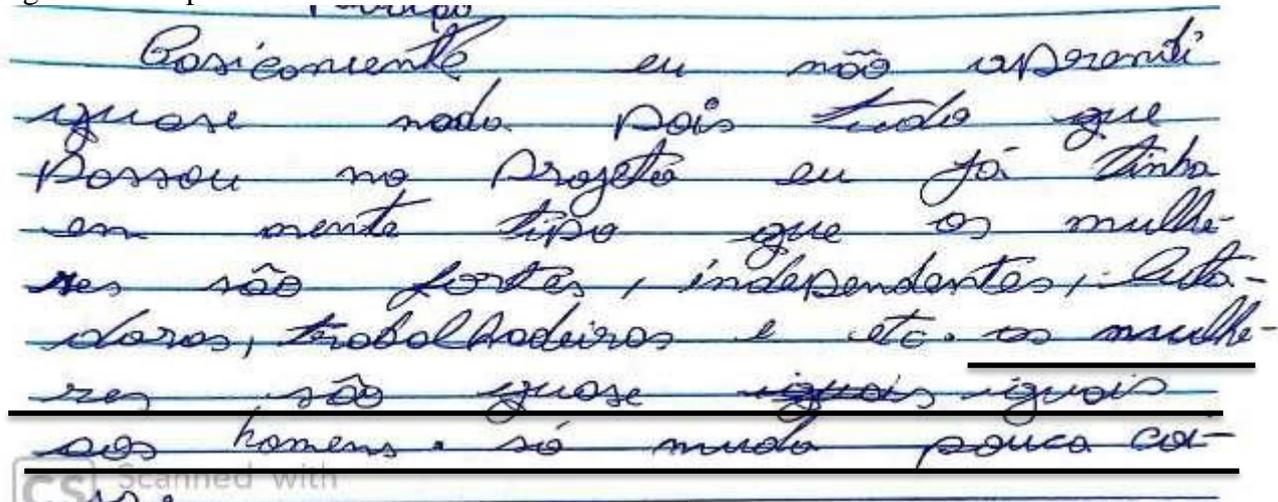
Figura 51 - Depoimento AEXTRA9

Eu tinha uma visão um pouco machista sobre os mulheres já que a maioria das mulheres do meu convívio eram apenas donas de casa. foi o trabalho de sobre os mulheres me ajudou a ver de outra maneira os mulheres, já que eles podem ser o que quiserem sem que os homens ou a sociedade fique detendo como eles devem ser ou agir, sempre acreditarei na igualdade de gênero e no respeito dos
 pensos.

Fonte: Elaborado por AEXTRA9.

AEXTRA9 é uma das maiores constatações de que o letramento associado à Teoria das Representações Sociais é capaz de transformar por meio do ensino, visto que o participante afirma ter mudado sua visão sobre o papel feminino, pois as imagens a que ele estava acostumado eram outras. Dessa forma, constatamos que o espaço escolar é ambiente para aprendizagem não só de conteúdos teóricos, mas também de questões sociais.

Figura 52 - Depoimento AEXTRA10



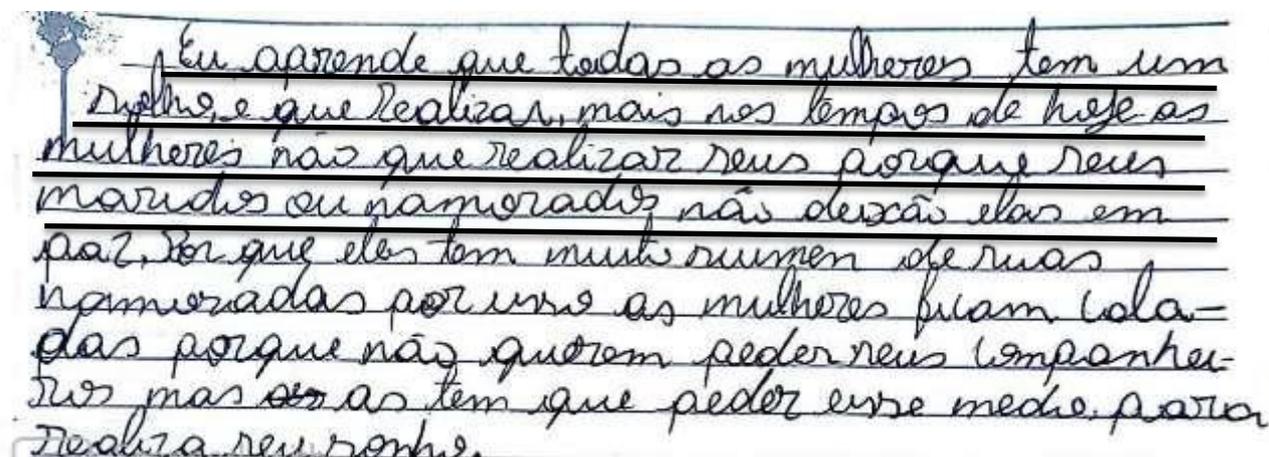
Basicamente eu não aprendi quase nada pois tudo que passou no projeto eu já tinha em mente tipo que as mulheres são fortes, independentes, lutadoras, trabalhadeiras e etc. as mulheres são quase iguais iguais aos homens. só muda pouca coisa.

Fonte: Elaborado por AEXTRA10.

Basicamente eu não aprendi quase nada pois tudo que passou no projeto eu já tinha em mente tipo que as mulheres são fortes, independentes, lutadoras, trabalhadeiras e etc. as mulheres são quase iguais aos homens. Só muda pouca coisa.

AEXTRA10 resulta no quanto precisamos continuar trabalhando com as questões sociais em sala de aula, pois associar a igualdade entre homens e mulheres e ainda assim dizer que pouco difere significa que a forma como esse participante constrói o papel feminino possivelmente ainda não foge aos estereótipos da nossa sociedade. Isso não implica em não termos alcançado nossos objetivos, pois o trabalho desenvolvido nessa pesquisa continuará reverberando algum tempo.

Figura 53 - Depoimento AEXTRA11

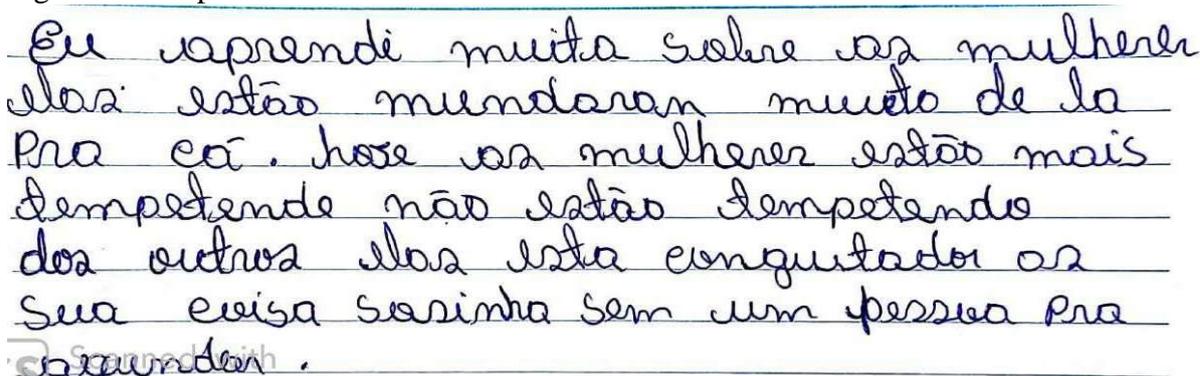


Eu aprende que todas as mulheres tem um papel e que realizar, mais nos tempos de hoje as mulheres não que realizar seus porque seus maridos ou namorados não deixam elas em paz, por que eles tem muito oumen de suas namoradas por isso as mulheres ficam coladas porque não querem perder seus companheiros mas as tem que poder esse meio para realiza seu sonho.

Fonte: Elaborado por AEXTRA11

AEXTRA11 guardou a informação da realização dos sonhos como marca de uma mulher moderna, mas que ainda assim há muitos desafios para que isso seja alcançado, uma vez que é colocado que o homem, não de maneira generalizada, impede a concretização dos sonhos das mulheres, corroborando para a importância da nossa pesquisa.

Figura 54 - Depoimento AEXTRA12



Eu aprendi muita sobre as mulheres elas estão mudaram muito de lá pra cá. hoje as mulheres estão mais independente não estão dependendo das outras elas está conquistando as sua vida sozinho sem um pessoa pra ajudar.

Fonte: Elaborado por AEXTRA12.

AEXTRA12 também registrou a informação da independência como característica do perfil feminino moderno assim como grande parte da turma. O importante é que houve uma nova imagem construída por meio das atividades desenvolvidas e isso ficou claro também para este participante.

Diante do exposto, nota-se que os alunos de forma geral ressignificaram conceitos, reviram estereótipos e foram atingidos pela pesquisa, tornando-se pessoas socialmente modificadas, uma vez que notaram a mudança do perfil feminino, construindo uma nova imagem da mulher moderna.

É claramente marcado até mesmo o reconhecimento do seu pensamento em criticar atitudes, reconhecer-se machista, como fez o aluno extra 9, quando este coloca que acredita na igualdade de gênero, mas durante o processo das atividades notou alguns comportamentos e discursos que eram preconceituosos.

Assim, a pesquisa aqui desenvolvida cumpriu seus objetivos científicos por debruçar-se em seu objeto e validar hipóteses, mas também satisfaz questões sociais por alcançar todos os alunos envolvidos no processo, como foi comprovado, pelos depoimentos reportados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, apresentamos a relação entre letramento e representações sociais, em que se utilizou das princesas de contos de fadas para traçar o perfil da mulher concebido por alunos em aulas de Língua Portuguesa.

A presente pesquisa teve como objetivo geral elevar o nível de letramento de alunos do 9º ano de uma escola pública de Fortaleza, com o reconhecimento das representações sociais da mulher a partir de contos de fadas, contribuindo para a formação reflexiva e social dos alunos, principalmente no que concerne ao perfil da mulher.

Para isso, baseamo-nos principalmente nas teorias de linguagem de Bakhtin (1997), nas concepções teóricas acerca das representações sociais de Moscovici (1981; 1990), Jodelet (1986), Matêncio e Ribeiro (2009), Ribeiro (2008; 2014), Doise (2001; 2002) e Arruda (2002). Ainda à luz de Soares (2003; 2017), Kleiman (1995; 2006), Street (1984; 2006; 2013), Rojo (2000, 2001, 2004, 2012) e Tfouni (2002, 2010) sobre letramentos e multiletramentos.

Para alcançar nossos resultados, a metodologia aplicada pautou-se em um circuito de atividades que envolveu leitura e escrita com textos multimodais diversos, culminando em uma produção textual a fim de analisar, por meio do discurso, qual a concepção de mulher construída ao final do nosso trabalho, além do registro de um depoimento acerca da aprendizagem com a pesquisa.

Esse percurso durou o período do final de abril ao começo de junho de 2019, totalizando 15 horas-aula, em que foram lidos os contos de fadas e respondidas as atividades relacionadas à temática.

Todas as atividades aqui propostas foram desenvolvidas com registro escrito, a fim de que se pudesse captar qual o pensamento dos alunos à medida que avançávamos nas descobertas e nas explanações sobre a mulher dentro da sociedade, partindo das princesas de contos de fadas para chegar à mulher real.

Para isso, houve uma construção linear do pensamento, partindo da leitura dos contos de fadas *A Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela e a Fera* e *A Princesa e o Sapo*, traçando os perfis das princesas, apresentando textos em que houvesse a intertextualidade com o universo dos contos de fadas ou unicamente a princesa, para chegarmos a textos que apresentam apenas mulheres de forma geral. Queríamos, com essas atividades, fazer os alunos perceberem a relação que há entre as princesas e as mulheres reais, por isso a escolha

aconteceu de maneira que se apresentassem perfis diferentes e assim eles pudessem enxergar ou não a mulher de hoje.

Ao final da pesquisa, constatamos que as atividades aqui elaboradas foram suficientes e contemplaram satisfatoriamente as nossas necessidades para se alcançarem os objetivos. Além disso, a temática envolvida nas atividades despertou a reflexão e a criticidade dos alunos acerca das mulheres em nossa sociedade, até mesmo para o reconhecimento de algumas meninas enquanto mulheres e seu lugar de pertença.

De forma geral, as princesas protagonizadas pelos estúdios Disney contribuíram para a visão estereotipada da feminilidade, ao tratar da beleza, da fragilidade e da dependência masculina como pontos pertinentes à sua feição. Isso poderia se tornar um alerta para a sociedade, visto que o conto traz em sua essência o ensino, como foi visto nesta pesquisa, e, dessa forma, estaria inculcando na mente de crianças perfis conservadores acerca da mulher.

Essa falsa inocência de que as crianças não são capazes de enxergar o que está sendo transmitido por meio dos personagens pode causar danos sociais, já que as crianças aprendem, por vezes, pela imitação e acabam carregando todos esses saberes construídos com as histórias, sejam eles positivos ou negativos.

Em virtude disso, esta pesquisa mostrou ainda maior relevância também pelo seu cunho social, pois os adolescentes que aqui participaram tiveram a oportunidade de desconstruir essas imagens estereotipadas e perceber o quanto há por trás desses perfis protagonizados pelas princesas. Desse modo, a visão infantil a que eles foram expostos em sua infância foi sendo modificada e reconstruída durante as atividades, uma vez que as princesas foram apresentadas em sua essência, com as características que as constroem.

Além disso, os próprios estúdios Disney, na percepção do progresso do espaço social que está sendo alcançado pela mulher, vêm modificando sua forma de criar as personagens, deixando-as mais próximas à realidade do século XXI, além de inserir a representatividade, pois colocar princesas que são negras, por exemplo, é um avanço democrático.

Dito isso, as atividades aqui analisadas revelaram a representação social da mulher concebida pelos alunos, pautando-se em seu conhecimento de mundo e também nas interações ocorridas em aula, corroborando com a ideia de Bahktin (2003) quando este afirma que o sujeito é constituído pela linguagem. Portanto, configurou-se uma representação de mulher moderna ao final do projeto desenvolvido em sala.

Assim, a imagem da mulher investida na condição de princesa foi percebida dentro do seu espaço-temporal, mas, mais do que isso, propiciou aos alunos enxergar a mulher

real do seu cotidiano, fazendo com que a pesquisa cumprisse mais do que uma obrigação de objetivos, mas tivesse uma função social realizada com louvor.

Apesar disso, ainda há pontos que esta pesquisa não contemplou e podem ser investigados com afinco, como a oposição da representação social dos gêneros masculino e feminino, se estes seguem estereótipos de príncipes e princesas ou não, se há uma distinção profunda entre os discursos em oposição entre meninos e meninas; ainda seria possível também incluir outras princesas para saber se o discurso se manteria ou não.

Em conclusão, desejamos que novas pesquisas sejam realizadas buscando as representações sociais no espaço da sala de aula, uma vez que os alunos estão em constante formação social e retirá-los do senso comum é despertá-los para uma visão crítica da sociedade, para que eles possam ser agentes sociais e não meros seguidores de meias verdades.

REFERÊNCIAS

- Ai que saudades da Amélia.** Intérprete: Ataulfo Alves e Mário Lago. Compositor: Ataulfo Alves e Mário Lago. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mario-lago/377002/>. Acesso: março/2019.
- AMOSSY, Ruth; HERCHBERG PIERROT, Anne. **Estereótipos y clichés.** Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- ARRUDA, Angela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero.** Revista Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 1, p. 127-147, 2002.
- BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambiss (org.). São Paulo, Cortez, 2011a.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambiss (org.). São Paulo, Cortez, 2011b.
- BAZERMAN, Charles. Systems of Genres and the Enactment of Social Intentions. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter. **Genre and the new rhetoric.** UK/USA: Taylor & Francis Publishers, p. 79-101, 1994.
- Biblioteca Disney. **A Bela e a Fera.** São Paulo: Rideel, 2016.
- Biblioteca Disney. **A Princesa e o Sapo.** São Paulo: Rideel, 2016.
- Biblioteca Disney. **Branca de Neve e os sete anões.** São Paulo: Rideel, 2016.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 2015.
- BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **O texto e seus conceitos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum (BNCC).** Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Governo Federal. MEC, Brasília, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).** Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Governo Federal. MEC, Brasília, 1998.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** São Paulo: EDUC, 1999.

BRUM, Ivanete Soares. **Como as crianças constroem representações de gênero a partir da descrição física e comportamental de princesas e príncipes dos clássicos contos de fadas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Itajaí, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Barueri: Manole, 2010.

Desconstruindo Amélia. Intérprete: Pitty. Compositor: Pitty. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pitty/1524312/>. Acesso: março/2019.

Detona Ralph 2 – Quebrando a internet. Direção: Rich Moore; Phil Johnston. Produção: Walt Disney Animation Studios. Walt Disney Pictures: Estados Unidos, 2012 (112 min), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eastNRG5ezM&t=9s>. Acesso em: abril/2019.

DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 187-203.

DOISE, Willem. Da psicologia social à Psicologia societal. In: **Psicologia**: Teoria e Pesquisa Jan-Abr, Vol. 18 n. 1, p. 027-035, 2002.

FERNANDES, Daiane Cordeiro Brites. **Dos contos de fadas à literatura de cordel**: ampliando o letramento por meio da retextualização. 2016. 139f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2109>. Acesso em: setembro/2018.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018.

GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução a Literatura infantil e juvenil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GOTLIB, Nadia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1991.

JODELET, Denise. **La representación social**: fenómenos, conceptos y teoría. In: MOSCOVICI, Serge. **Psicologia social**: pensamento y vida social, 2. Barcelona: Paidós, p. p. 469-494, 1986.

KLEIMAN, Angela. O que é letramento? In: **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: **Ensino de língua**: representação e letramento. CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves., BOCH, Françoise (Orgs.). Campinas, Mercado das Letras, 2006.

LEÃO, Hugo; ARAÚJO, Jeaneth Xavier. Os contos de fadas e suas representações: Chapeuzinho Vermelho para os camponeses na França do século XVIII. **Anais do Encontro Regional da Associação Nacional de História**, 2012; Minas Gerais: EDUFOP, 2013.

LIMA, Samuel de Carvalho. **Letramentos e atividades on-line em ambiente virtual de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2009.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **A dinâmica das e nas representações sociais**: o que nos dizem os dados textuais? Estudos linguísticos. São Paulo, v. 38, n. 3, p. 229-238, set./dez. 2009.

MILLER, Carolyn R. Genre as Social Action. In: FREEDMAN, AVIVA & MEDWAY, Peter. **Genre and the new rethoric**. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, p. 23-42, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **A máquina de fazer deuses**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990. (Tradução de Maria de Lourdes Menezes).

MOSCOVICI, Serge . On social representations. In: J. P. Forgas (Ed). **Social Cognition: perspectives on everyday understading**. London, Academic Press, p. 181-209, 1981.

MOURÃO, Mônica Assunção. **Leitura, Linguagem e Letramento**: o conto de fadas no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

NÓBREGA, Sheva Maia da. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (Org.) **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, p. 55-87.

PROPP. Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RAMIRES, Vicentina. **Panorama dos estudos sobre gêneros textuais**: Investigações, Pernambuco, v. 18. n.2, jul, 2005.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **Representações do ser professor no curso de Letras**. Revista do GEL, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 97-116, 2014.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **O discurso docente (re)velado no gênero memorial**. 2008. 300f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2008.

ROJO, Roxane . Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. Letramento escolar em três práticas: perspectivas para a multivocalidade. In: **Revista da ANPOLL**, n. 11, São Paulo, Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001, p. 235-262.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, Roxane. Letramento escolar: construção dos saberes ou de maneiras de impor o saber? In: **CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL**, 3., 2000, Campinas. Anais eletrônicos. Campinas: Unicamp, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2010v28n2p509/18447> . Acesso em: jun. 2018.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Les genres scolaires. Des pratiques langagières aux objets d'enseignement. In: **Repères**, n. 15, p. 27-40, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. (texto apresentado no GT de alfabetização). 26ª Reunião da ANPEd. Poços de Caldas: 2003.

STREET, Brian Vicent. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In MAGALHÃES, Izabel. (Org.). **Discursos e Práticas de Letramento**. Campinas: Pontes, 2012.

STREET, Brian Vicent. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian Vicent. Perspectivas interculturais do letramento. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2007.

STREET, Brian Vicent. **Políticas e práticas de letramento na Inglaterra**: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. Cadernos CEDES, vol.33, n.89, Campinas, jan./abr. 2013.

SWALES, John. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento – mosaico multifacetado. In: TFOUNI, L. V. (org.). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas narrativas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **A princesa e o sapo**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTM3OTAy/>. Acesso em: março/2019.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. PSIU. **Zero Hora**, Porto Alegre, 04 de maio de 1997.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 19, núm. 2, maio-agosto, p. 591-603, 2011.

ANEXO A – Primeira atividade

A01

NAS FIGURAS ABAIXO, TEMOS TRÊS PRINCESAS DE CONTOS DE FADAS. ESCREVA AQUILO QUE VOCÊ JÁ SABE SOBRE ELAS E DEPOIS DA LEITURA DOS CONTOS, ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ APRENDEU.

BRANCA DE NEVE - 1937



BELA - 1991



TIANA - 2009



O QUE SABE:

Branca de Neve é uma princesa com cabelos dourados, uma macacota branca e um colar de pérolas. Ela vive no castelo de seu pai e é muito gentil e doce. Ela é muito bonita e todos a amam. Ela é muito inteligente e sabe lidar com a maldade da rainha.

Bela é uma princesa inteligente e apaixonada por livros. Ela vive no castelo de seu pai e é muito gentil e doce. Ela é muito bonita e todos a amam. Ela é muito inteligente e sabe lidar com a maldade da rainha.

Tiana é uma princesa muito trabalhadora e apaixonada por música. Ela vive no castelo de seu pai e é muito gentil e doce. Ela é muito bonita e todos a amam. Ela é muito inteligente e sabe lidar com a maldade da rainha.

O QUE APRENDEU

Aprendi que não devemos nos impertinir com as opiniões das pessoas. É importante ouvir a opinião das pessoas e não nos deixar levar por elas. Também aprendi que devemos ser gentis e doces com todos.

Aprendi que não devemos nos impertinir com as opiniões das pessoas. É importante ouvir a opinião das pessoas e não nos deixar levar por elas. Também aprendi que devemos ser gentis e doces com todos.

Aprendi a importância de trabalhar duro e não desistir. Também aprendi que devemos ser gentis e doces com todos. Aprendi que devemos ser responsáveis por nossas ações e não nos deixar levar por elas.

A07

NAS FIGURAS ABAIXO, TEMOS TRÊS PRINCESAS DE CONTOS DE FADAS. ESCREVA AQUILO QUE VOCÊ JÁ SABE SOBRE ELAS E, DEPOIS DA LEITURA DOS CONTOS, ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ APRENDEU.

BRANCA DE NEVE - 1937



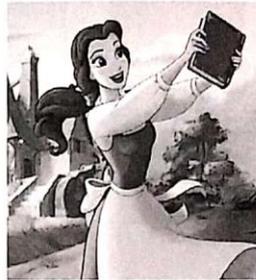
O QUE SABE:

É uma mulher que mora no campo e gosta muito de animais e gosta de cuidar na floresta muito simpática e bonita.

O QUE APRENDEU

Uma bonita princesa de coração puro que amava cuidar de animais gostava de ajudar muito os outros.

BELA - 1991



Bela mora em um vilarejo pequena e muito gentil.

~~foi~~

Bela é carinhosa, simpática e amada que gosta muito de ler livros e não liga para a aparência das outras. Mas sim o caráter.

TIANA - 2009



É uma menina um pouco que gosta muito de estudar e trabalhar e sempre gosta muito de trabalhar.

Ela é trabalhadora e tem um restaurante com o pai e muito amorosa.

A08

NAS FIGURAS ABAIXO, TEMOS TRÊS PRINCESAS DE CONTOS DE FADAS. ESCREVA AQUILO QUE VOCÊ JÁ SABE SOBRE ELAS E, DEPOIS DA LEITURA DOS CONTOS, ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ APRENDEU.

BRANCA DE NEVE - 1937



O QUE SABE:

A Branca de Neve é uma menina muito doce e gentil e que gosta muito de animais.

O QUE APRENDEU

Ela é muito solteira e uma boa cozinheira.

BELA - 1991



A Bela é uma menina muito inteligente, interessada e que gosta muito de ajudar as pessoas.

Ela é muito cuidadosa e ela gosta muito de ler.

TIANA - 2009



Não conheço.

Ela é uma menina muito alegre, sonhadora e que cozinha muito bem.

A04

NAS FIGURAS ABAIXO, TEMOS TRÊS PRINCESAS DE CONTOS DE FADAS. ESCREVA AQUILO QUE VOCÊ JÁ SABE SOBRE ELAS E, DEPOIS DA LEITURA DOS CONTOS, ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ APRENDEU.

BRANCA DE NEVE - 1937



O QUE SABE:

Ela gosta muito dos animais. muito boa.

BELA - 1991



Ela gosta de ler livros. É muito corajosa.

TIANA - 2009



Trabalha em uma lanchonete. fez tudo para realizar seu sonho.

O QUE APRENDEU

Dedicada com as pessoas a sua volta

Mais se importa com a opinião do pessoal. sempre quer ajudar as pessoas que ajuda.

Tiana é independente sempre caceu atroz do seu sonho

ANEXO B – Segunda atividade

A10

Depois da leitura e do debate, faça em sala, escrita as mudanças ocorridas em as princesas ao longo da história.

BRANCA	BELA	TIANA
Exercer maior humildade depois que conheceu a natureza numa pequena caverna. Começou a cuidar de uma casa.	Encontrou alguém que tinha a mesma história e ela ficou feliz. Ela se apaixonou pelo príncipe e eles se casaram.	Começou a gostar de pintar e desenhar. Começou a gostar de cantar e dançar. Começou a gostar de fazer amigos.

Se você tivesse que escolher uma dessas princesas, qual seria? Por quê?

Eu escolheria a Bela porque ela é mais amigável, mais inteligente e dedicada. Ela é a mãe de uma imperatriz.

Depois da leitura e do debate feitos em sala, escreva as mudanças ocorridas em as princesas ao longo da história.

BRANCA	BELA	TIANA
<p>Ela era invejosa, amava ser admirada e se mudou para casa das mães do seu filho. Ela se importava com os outros.</p>	<p>Ela era muito inteligente e sempre ajudava de pai para o castelo. Ela fez a viagem cuidadosa do pai e se mudou para a França.</p>	<p>Ela trabalhou para uma mulher em uma loja. Ela chegou de férias da mãe que trabalhava de casa.</p>

Se você tivesse que escolher uma dessas princesas, qual seria? Por quê?

A Tiana, por que ela era independente e muito trabalhadora.

ANEXO C – Terceira atividade

A02



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Detona Ralph 2 - Quabrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanelope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanelope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: -Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanelope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

Não, porque no filme Detona Ralph, quem ajuda o Ralph são as princesas e não ele.

No filme, de acordo com as princesas, Vanelope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

Não, porque elas podem ser independentes e não precisam de defesa dos homens.

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

Porque elas querem ser igual as outras princesas.

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

Porque elas gostam de agir ao tempo das princesas.

Sim, como situação como o Ralph que precisa de ajuda das princesas e não ela que ajuda as Princesas.

A03



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Detona Ralph 2 - Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanelope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanelope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?". Todas se indentificam: -Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanelope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

PORQUE TODAS AS MULHERES PODEM SE CUIDAR SOZINHAS PORQUE CADA UMA TEM SUAS CAPACIDADES. E EU ACREDITO QUE TODAS AS MULHERES PODEM SE INDEPENDENTES.

No filme, de acordo com as princesas, Vanelope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

NAO PORQUE TODOS FALAM QUE AS MULHERES SAO MAIS FRACAS, MAS NEM TODAS SAO ASSIM. TEM MUITAS MULHERES DIFERENTES DE COMO AS PESSOAS DIZEM.

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

PORQUE ELAS TEM O JEITO DE PRINCESA, SAO EDUCADAS, SEMPRE SORRINDO, E TAMBEM CADA UMA TEM A SUA HISTORIA.

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

ACHO PRA LEGAL PORQUE QUANDO AS CRIANCAS ASSISTEM ESSE TIPO DE HISTORIA AS CRIANCAS FICAM COM JOINTADE DE SER ELAS, POR CAUSA DO JEITO DELAS, DE PESSOA BOA, COMO ELA RESOLVE AS SITUACOES CALMAMENTE E TAMBEM NA MAIORIA DAS VEZES PORQUE ELAS TODAS SAO MUITO BOITAS.

SIM, ELA PODE SALVAR O HOMEM DE VARIAS FORMAS, COMO? COMO COZINHA, ENSINAR O HOMEM A FAZER COMIDA, PORQUE NA MAIORIA DAS VEZES AS MULHERES SABEM MAIS SOBRE COZINHAR, OU ENTÃO QUANDO PRECISAR DE ALGUÉM PARA SALVAR DE VARIOS ACIDENTES, COMO ACIDENTES DE CARRO E' ETC...

A04



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Delona Ralph 2 – Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanelope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanellope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: –Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanelope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

porque ela tem capacidade suficiente para se defender

No filme, de acordo com as princesas, Vanelope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

não, cada uma pode se proteger sem precisar de homem

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

não, porque meninas independentes e fortes e sabem se defender

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

uma besteira

R=Sim, quando um homem está doente ou está no hospital a médico que salva ele.

A06



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Defona Ralph 2 - Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanelope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanellope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: -Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanelope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

Porque hoje em dia as mulheres são mais fortes e independentes

No filme, de acordo com as princesas, Vanelope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

Não porque qualquer mulher pode se proteger sozinha, não precisa de um homem forte para protegê-las

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

Sim. Porque cada menina se identifica com alguma princesa.

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

Porque elas são muito bonitas

Sim. Uma vez minha irmã estava brigando com o marido dela daí chegou uma amiga dela e separou os dois.

A09



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Delona Ralph 2 - Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanellope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanellope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: -Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanellope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

porque a mulher pode muito bem se cuidar sozinha ela não precisa de um homem

No filme, de acordo com as princesas, Vanellope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

não concordo, pois as mulheres podem se defender sozinhas e ela não precisa de um homem para salvar

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

Eu concordo com algumas, pois as meninas são princesas mas elas não dependem de um homem

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

Sim, pois elas são gentis, bonitas, inteligente e...

Sim porque a mulher ajuda ele a cuidar dos filhos. hoje em dia existe mulheres que são Policiais e ajuda o homem caso ele for roubado ou estiver precisando de ajuda.

A05



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Deltona Ralph 2 - Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanelope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanelope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: -Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanelope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

Porque as princesas não precisam do homem fortão por elas

No filme, de acordo com as princesas, Vanelope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

Não, porque as mulheres não precisam do forte e não precisam de ninguém para protegê-las

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?*. A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

Sim, porque existe muitas princesas como as da Disney

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

É bom porque elas querem ser princesas e tem histórias interessantes

Sim, ajudamos os homens com muito coisa
 Exemplo: no trabalho é em casa

A07



Depois de assistir ao vídeo da participação das princesas no filme *Detona Ralph 2 – Quebrando a internet*, você notou que as princesas se assustaram com a presença de Vanellope, no entanto, deixaram-na ficar porque ela disse ser uma princesa. O momento do filme acontece da seguinte forma:

Rapunzel pergunta: "Todo mundo acha que tudo se resolveu para você depois que apareceu um homem fortão?" Vanellope responde: "SIM! Por que as pessoas acham isso?!". Todas se indentificam: –Sim, ela é uma princesa!

As princesas acreditam que ela seria princesa por isso, mas Vanellope não concorda que precisa do homem fortão. Por quê?

Porque ela pensa que não precisa de um homem para ser princesa

No filme, de acordo com as princesas, Vanellope seria uma princesa porque tinha um homem fortão para protegê-la. Você concorda que a mulher precisa de um homem para protegê-la? Por quê?

Não, porque as mulheres são independentes de seus homens

No final do filme, as princesas são interrompidas porque precisam jogar com as crianças o quiz *Que princesa da Disney você é?* A nossa sociedade geralmente coloca as meninas como princesas. Você concorda que elas são? Por quê?

Sim, as meninas são princesas mas porque elas são fortes e corajosas e não precisam de príncipes

O que você acha de as meninas quererem ser princesas parecidas com as da Disney?

É um desejo normal no mundo das meninas

*Sim, ajudando no dia dia em casa ma
sua e também no trabalho.*

ANEXO D – Quarta atividade

A03

TEXTO I

A PRINCESA E O SAPO

Luz Fernando Vazquez

Era uma vez...
 Numa terra muito distante
 Uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima
 Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico.
 Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito.
 Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa.
 Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo.
 A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e sermos felizes para sempre...
 Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acetinado e de um finíssimo vinho branco... a princesa sorria, pensando consigo mesma:
 - Eu, hein?... nem mortal!

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MT1830TA/>

TEXTO II

UM CONTO REAL



Fonte: Google imagens

TEXTO III



Fonte: Google imagens

-Todos os textos lidos fazem relação entre a princesa e o sapo. As princesas tiveram o mesmo pensamento sobre o sapo?
NAO, PORQUE ELAS NAO QUERIA SER ESCRAVIZADAS.

-Quais as semelhanças e as diferenças encontradas das princesas dos textos?

S: TODAS NAO QUERIA TER UM PRINCEPE, TODAS SAO INDEPENDENTES

D: DUAS NAO ACEITAM, E UMA ACEITOU A PROPOSTA DO SAPO.

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

EU ACHEI DUAS CERTAS, FARIA IGUAL A PRINCESA DO TEXTO I, PORQUE A VIDA DELA ERA BOA E SE ELA CASSASSE IA MUDAR MUITA COISA POR ISSO ESSA E

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? () Sim (X) Não MINHA OPINIAO

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A DO TEXTO I, PORQUE ELA REPRESENTOU MUITAS MULHERS ATUALMENTE PORQUE NEM TODAS IRA ACEITAR A PROPOSTA PARA SERVIR UM HOMEM, SAO INDEPENDENTES.

-Quem você conhece que poderia ser associada à princesa? Por quê?

MINHA IRMA, PORQUE SER COM A PRINCESA DO TEXTO I, PORQUE ELA NAO E INDEPENDENTE, NAO FICAR COM HOMEM POR CONTA DO ELA VAI DAR EM TROCA.

A06

TEXTO I

A PRINCESA E O SAPO

Luiz Fernando Veríssimo

Era uma vez
 Numa terra muito distante...
 Uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima
 Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico
 Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito
 Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa
 Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo
 A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...
 Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:
 - Eu, hein?... nem mortal!

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTM30TAy/>

TEXTO II

TEXTO III

UM CONTO REAL



Fonte: Google imagens



Fonte: Google imagens

-Todos os textos lidos fazem relação entre a princesa e o sapo. As princesas tiveram o mesmo pensamento sobre o sapo?
 Não, porque algumas estavam bem sem príncipe.

-Quais as semelhanças e as diferenças encontradas das princesas dos textos?

S: Nenhuma precisava do príncipe.

D: Elas não tiveram o mesmo pensamento.

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Achei que a primeira e a segunda princesa estavam curtas e a terceira estava errada. Eu faria igual a primeira, porque como foi dito no texto que ela era independente, ela estava bem sem príncipe.

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? () Sim () Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A primeira e a segunda. Porque hoje em dia as mulheres não querem mais saber de homem, querem fazer as coisas só pra si.

-Quem você conhece que poderia ser associada à princesa? Por quê?

Minha mãe. Porque ela sempre me fala que prefere ficar sozinha sem nenhum marido.

A08

TEXTO I

A PRINCESA E O SAPO

Luiz Fernando Verissimo

Era uma vez...
 Numa terra muito distante...
 Uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima.
 Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico...
 Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito.
 Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa.
 Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo.
 A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre...
 Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:
 - Eu, hein?... nem morta!

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTM30TAy/>

TEXTO II

TEXTO III



Fonte: Google imagens



Fonte: Google imagens

-Todos os textos lidos fazem relação entre a princesa e o sapo. As princesas tiveram o mesmo pensamento sobre o sapo?
 Não porque a princesa do texto 3 ela proibiu beijar para conseguir o restaurante que tanto queria em tor.
 -Quais as semelhanças e as diferenças encontradas das princesas dos textos?

S: A inteligência

D: O pensamento delas

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Inteligência. Sim igual a todas mas principalmente a do texto 3. Porque ela foi inteligente em aceitar para conseguir realizar seu sonho

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? (x)Sim ()Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

A do texto 3. Porque ela pensou que se casasse com ele ela viraria um príncipe dele

-Quem você conhece que poderia ser associada à princesa? Por quê?

Sim a minha mãe parece com a do texto 1 porque não aceita que meu pai fique em casa sem fazer nada.

A10

TEXTO I

A PRINCESA E O SAPO

Luiz Fernando Veríssimo

Era uma vez
 Numa terra muito distante
 Uma princesa linda, independente e cheia de auto-estima
 Ela se deparou com uma rã enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo era relaxante e ecológico
 Então, a rã pulou para o seu colo e disse: linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito
 Uma bruxa má lançou-me um encanto e transformei-me nesta rã asquerosa
 Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir lar feliz no teu lindo castelo
 A tua mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavar as minhas roupas, criar os nossos filhos e seríamos felizes para sempre
 Naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria, pensando consigo mesma:
 - Eu, hein? ... nem mortal!

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTM30TA/>

TEXTO II

TEXTO III

UM CONTO REAL



Fonte: Google imagens



Fonte: Google imagens

-Todos os textos lidos fazem relação entre a princesa e o sapo. As princesas tiveram o mesmo pensamento sobre o sapo?
 Não, porque uma beijou o sapo e as outras não.

-Quais as semelhanças e as diferenças encontradas das princesas dos textos?

S: Nenhuma delas queriam um príncipe; foram inteligentes.

D: Uma decidiu beijar, outra preferiu ter um sapo falante.

-O que você achou da atitude dessas princesas? Você faria igual a alguma delas? Por quê?

Eu: inteligente a princesa do texto 2, pois como o sapo falante eu teria uma conta que ninguém mais teria, e poderia ganhar dinheiro com isso.

-Você acredita que podemos associar essas princesas às mulheres atuais? Sim () Não

-Qual delas você achou mais atual? Por quê?

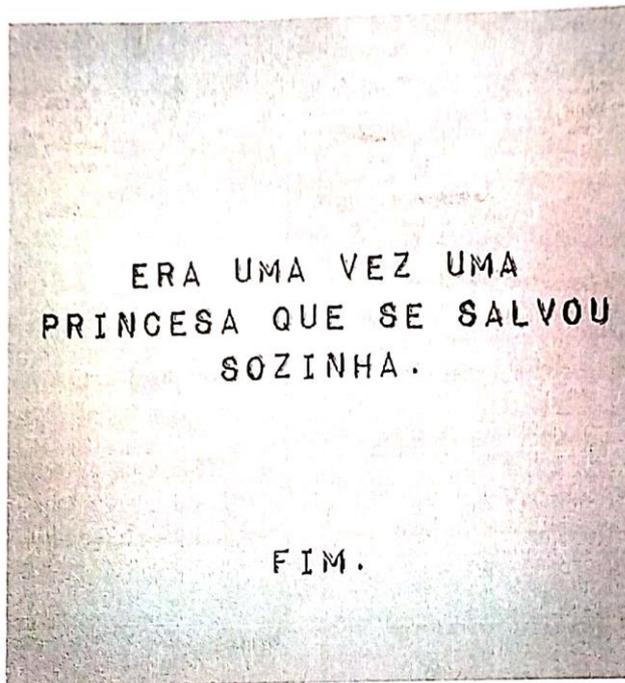
É do texto 3, pois muitas das mulheres não querem ser empregadas e acabam nos grandes estípite de pedidos.

-Quem você conhece que poderia ser associada à princesa? Por quê?

Uma amiga da minha mãe, pois ela não aceita ordens do marido.

ANEXO E – Comentários

A01



- PESSOA 1** Excelente!! Intelizmente, esse vicio de chamar as meninas de princesa é muito mais comum do eu imaginava. Um horror!!
 Curtir Responder 2 sem 1
- PESSOA 2** Posso compartilhar?
 Curtir Responder 2 sem 1
- PESSOA 3** Claro! 😊
 Curtir Responder 2 sem 1
- Escreva uma resp. 😊 📷 📺 🗨️
- PESSOA 4** so foi há muito, muito tempo. Eu a conheci velhinha. Morreu solteira.
 Curtir Responder 2 sem 2
- PESSOA 5**
 Curtir Responder 2 sem 1

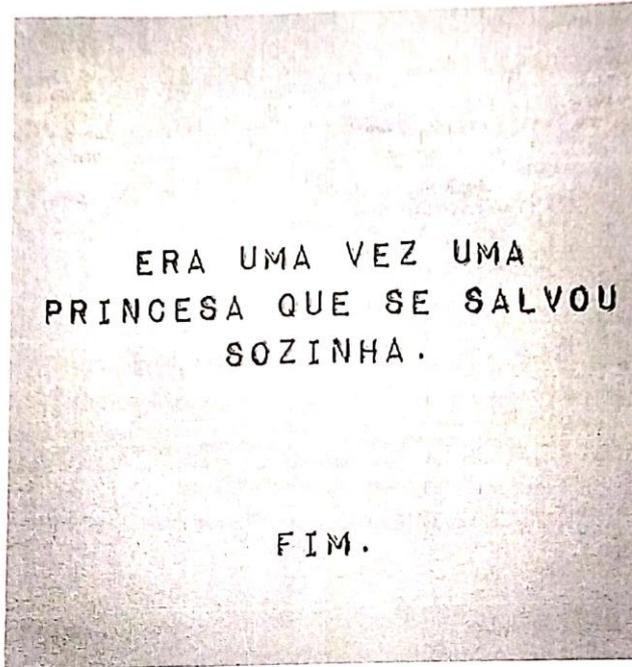
PESSOA 6 Sim!! Pois nessa postagem está mostrando que não mulheres não precisam dos príncipes para serem felizes e que podem ser independentes.

PESSOA 7 CHEI INCRÍVEL, MUITO ÚTIL PARA INFLUENCIAR AS MULHERES DE HOJE EM DIA, ELAS NÃO PRECISAM DE NINGUÉM PARA SALVAREM E MUITO MENOS PARA VIVER. PRINCIPALMENTE DE HOVEM 😊.

PESSOA 8 Achei muito legal porque falar que uma princesa não foi salva pelo príncipe forte baler que ela se salvou sozinha

→ A01

A08



- PESSOA 1** Excelente!! Intelizmente, esse vicio de chamar as meninas de princesa é muito mais comum do eu imaginava. Um horror!!
Curtir Responder 2 sem 1
- PESSOA 2** Posso compartilhar?
Curtir Responder 2 sem 1
- PESSOA 3** Claro!
Curtir Responder 2 sem 1
- Escreva uma resp. [emojis]
- PESSOA 4** so foi há muito, muito tempo. Eu a conheci velhinha. Morreu solteira.
Curtir Responder 2 sem 2
- PESSOA 5** [emojis]
Curtir Responder 2 sem 1

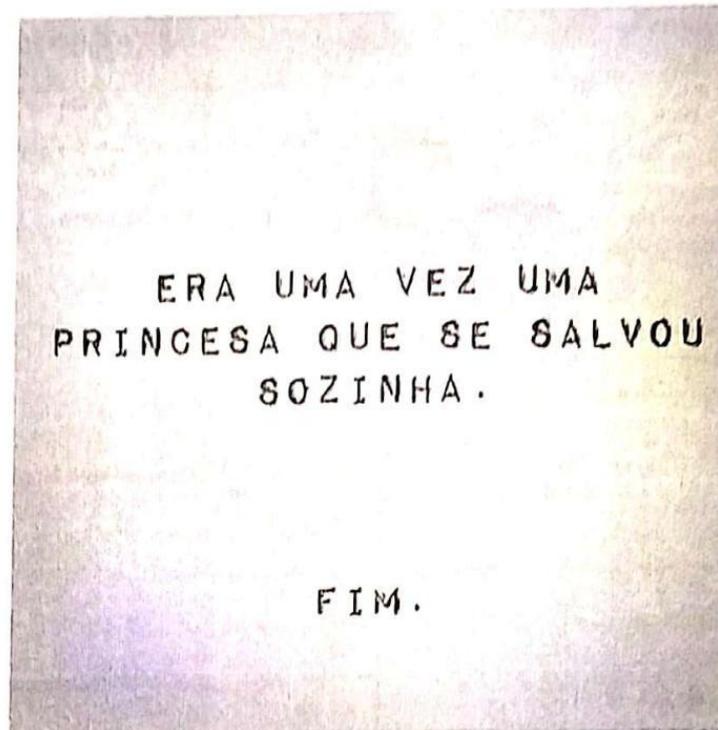
... muito legal, pois muitas mulheres não precisam de homens para salva-las. TOP!!

... Absurdo, pois as mulheres são muito independentes e não precisam de homens para NO!

... Abscis, pois as mulheres não precisam de ninguém para salva-las e muitas vezes elas quem salvam...

A08

A10 e A04



- KESSIA 1** Excelente! Infelizmente, esse vício de chamar as meninas de princesa é muito mais comum do eu imaginava. Um horror!!
Curtir Responder 2 sem 1
- KESSIA 2** Posso compartilhar?
Curtir Responder 2 sem 1
- KESSIA 3** Claro!
Curtir Responder 2 sem 1
- Escreva uma resp
- KESSIA 4** so foi há muito, muito tempo. Eu a conheci velhinha. Morreu solteira.
Curtir Responder 2 sem 2
- KESSIA 5**
Curtir Responder 2 sem 1

Eu comparado com a foto não reconheço a mulher presidente de um príncipe para ser violada.

A10

É um legal para a mulheres são independentes

A04

Mulheres, são mais fortes e independentes.

ANEXO F – Sexta atividade

A03

AI QUE SAUDADES DA AMÉLIA

Ataulfo Alves e Mário Lago

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz.
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz...
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê você quer.
 Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
 Aquilo, sim, é que era mulher...
 Às vezes passava fome ao meu lado
 E achava bonito não ter o que comer
 E quando me via contrariado
 Dizia: "Meu filho, o que se há de fazer..."
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era mulher de verdade.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/mario-lago/377002/>
 Acesso: mar/2019

Desconstruindo Amélia

Pitty

Já é tarde, tudo está certo
 Cada coisa posta em seu lugar
 Filho dorme, ela arruma o uniforme
 Tudo pronto pra quando despertar
 O ensejo a fez tão prendada
 Ela foi educada pra cuidar e servir
 De costume, esquecia-se dela
 Sempre a última a sair
 Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também
 A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende o porquê
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muita, se você quer saber

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/pitty/1524312/> Acesso:
 mar/2019

Na música **Ai que saudades da Amélia** vemos o retrato de uma mulher da década de 40, que foi um sucesso na época. Já na música **Desconstruindo Amélia** temos uma releitura da mulher, construída por Pitty em 2009.

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Ai que saudades da Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

São mulheres que fazem tudo por dentro de casa que fazem de tudo para alegrar o marido e também as filhas

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Desconstruindo Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

Esse perfil é de uma mulher mais atual, não precisa fazer tudo em casa por dentro porque ela está mais evoluída, deu um a volta por cima.

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

Eu entendo que o melhor perfil para mulher é como o texto 2, porque todas as mulheres marçetam para ser valorizada não escravizada.

A04

AI QUE SAUDADES DA AMÉLIA

Ataulfo Alves e Mário Lago

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz.
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz...
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê você quer.
 Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
 Aquilo, sim, é que era mulher...
 Às vezes passava fome ao meu lado
 E achava bonito não ter o que comer
 E quando me via contrariado
 Dizia: "Meu filho, o que se há de fazer..."
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era mulher de verdade.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mario-lago/377002/>
 Acesso: mar/2019

Desconstruindo Amélia

Pitty

Já é tarde, tudo está certo
 Cada coisa posta em seu lugar
 Filho dorme, ela arruma o uniforme
 Tudo pronto pra quando despertar
 O ensejo a fez tão prendada
 Ela foi educada pra cuidar e servir
 De costume, esquecia-se dela
 Sempre a última a sair
 Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também
 A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende o porquê
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muita, se você quer saber

Fonte: <https://www.letras.mus.br/pitty/1524312/> Acesso:
 mar/2019

Na música **Ai que saudades da Amélia** vemos o retrato de uma mulher da década de 40, que foi um sucesso na época. Já na música **Desconstruindo Amélia** temos uma releitura da mulher, construída por Pitty em 2009.

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Ai que saudades da Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

mãe era exigente, nem exigência não trabalhava e marido não

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Desconstruindo Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

exigente, inteligente, faz questão de cuidar de si mesma. Sim, minha mãe

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

desconstruindo Amélia, é independente, cuida de marido e dos filhos e de si também, não aceita ser a última em tudo.

A06

AI QUE SAUDADES DA AMÉLIA

Ataulfo Alves e Mário Lago

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz.
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz...
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê você quer.
 Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
 Aquilo, sim, é que era mulher...
 Às vezes passava fome ao meu lado
 E achava bonito não ter o que comer
 E quando me via contrariado
 Dizia: "Meu filho, o que se há de fazer..."
 Amélia não tinha a menor valdade
 Amélia é que era mulher de verdade.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mario-lago/377002/>
 Acesso: mar/2019

Desconstruindo Amélia

Pitty

Já é tarde, tudo está certo
 Cada coisa posta em seu lugar
 Filho dorme, ela arruma o uniforme
 Tudo pronto pra quando despertar
 O ensejo a fez tão prendada
 Ela foi educada pra cuidar e servir
 De costume, esquecia-se dela
 Sempre a última a sair
 Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também
 A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende o porquê
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muita, se você quer saber

Fonte: <https://www.letras.mus.br/pitty/1524312/> Acesso:
 mar/2019

Na música **Ai que saudades da Amélia** vemos o retrato de uma mulher da década de 40, que foi um sucesso na época. Já na música **Desconstruindo Amélia** temos uma releitura da mulher, construída por Pitty em 2009.

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Ai que saudades da Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

Uma mulher que vive só pra cuidar da casa e das outras.
 Sim, minha mãe.

-Qual o perfil de mulher traçado na música **Desconstruindo Amélia**? Você conhece mulheres que se parecem com ela? Quem são?

Uma mulher que cuida de casa mas também cuida de si,
 uma mulher independente. Sim, minha irmã

-Qual o perfil você acha ser o melhor para a mulher? Por quê?

O perfil da desconstruindo Amélia. Porque nos dias de hoje as mulheres estão mais independentes, hoje em dia as mulheres já não estão cuidando só da casa mas também delas mesmas

ANEXO G – Produções textuais

Leia o texto a seguir.

PSIU

Luís Fernando Veríssimo

Era uma vez uma donzela que caminhava pela beira de um rio quando ouviu um “psiu”. Parou e olhou em volta e não viu ninguém. Viu uma floresta de conto de fadas e um límpido rio de antigamente, e um céu de puro azul com nuvens brancas e muitos pássaros, mas não viu ninguém. Recomeçou a caminhar e de novo ouviu um “psiu”. E então descobriu que quem fazia “psiu” era um sapo. Levou um susto, mas o olhar do sapo era tão triste e a donzela era tão boa que ela se curvou para ouvi-lo. E o sapo contou que era, na verdade, um príncipe amaldiçoado. Fora transformado em sapo por uma bruxa vingativa com poderes mágicos, que fazia qualquer coisa virar qualquer coisa, e só se transformaria de novo em príncipe se uma donzela boa o beijasse. A donzela acreditou e beijou o sapo, que se transformou num príncipe lindo que a levou para o seu castelo feudal. E os dois viveram felizes para sempre, explorando os camponeses.

Anos depois, outra donzela, caminhando pela beira do mesmo rio ouviu o mesmo “psiu”. Olhou em volta, temendo que fosse um dos tantos salteadores que, com o fim do feudalismo, infestaram a floresta, mas descobriu que quem fazia “psiu” era um sapo, que contou a mesma história. Era um príncipe transformado em sapo por uma bruxa vingativa com poderes mágicos, que fazia qualquer coisa virar qualquer coisa, e só se transformaria de novo em príncipe se etc etc. a donzela concordou, com uma condição.

- Beijo de língua, não!

E o príncipe a levou para seu castelo, e os dois viveram felizes para sempre, vendendo a prataria e os móveis e tudo que restara do fausto medieval.

O episódio seguinte aconteceu muitos anos mais tarde, depois da Revolução Industrial. Uma donzela desempregada caminhava pela beira do mesmo rio, no meio da mesma floresta quase toda abatida para fazer carvão para os fornos, quando ouviu o “psiu” do sapo. A mesma história. Bruxa com poderes mágicos, maldição, tudo. Só que quando o sapo se transformou de novo em príncipe, era um príncipe muito feio, deformado por gerações e gerações de casamento consanguíneo. A donzela protestou que esperava um príncipe mais bonito e o príncipe fez pouco de seu desdém.

- Ué, pra quem já beijou sapo!

Mas foram morar na cidade, onde o príncipe ganhava a vida explorando seu título para tirar dinheiro da burguesia nascente, e foram felizes para sempre.

Já neste século. Anos 20. A mesma história. “PsIU”, sapo, bruxa com poderes mágicos. A única diferença é que o beijo foi atrasado por uma questão técnica levantada pela moça.

- Precisa ser donzela?

Aparentemente não precisava, porque o beijo funcionou, e o príncipe e a mulher ganharam muito dinheiro no comércio de chapéus, armamentos e Fords e foram felizes para sempre.

Anos 60. A história é a mesma com uma variação: a mulher que caminhava pela beira do rio poluído era feminista. Quando ouviu o que a bruxa vingativa com poderes mágicos, que fazia qualquer coisa virar qualquer coisa, fizera ao príncipe, concluiu:

- Alguma você andou aprontando!

E solidarizou-se com a bruxa e chutou o sapo.

Jovem com espírito empresarial caminhando pela beira do rio artificial do seu condomínio fechado ouve um “psiu”, depois a conversa do sapo, a história da bruxa vingativa que faz qualquer coisa virar qualquer coisa, e mais que ligeiro coloca o sapo no bolso do

jeans. Diante dos protestos do sapo – “Um beijo, um beijo, e você será a mulher de um príncipe!” – ela raciocina em voz alta.

- Um príncipe, hoje, não vale muita coisa. Mas você faz idéia do que eu posso ganhar com um sapo falante, só em cachês?

E ela fez fortuna em contratos publicitários, e viveu feliz para sempre.

Varição final. Foi anteontem. Jovem ouviu proposta do sapo, mas não decidiu em seguida. Procurou seu consultor financeiro, que sempre lhe dizia que era preciso saber interpretar um relatório e lhe lembrou que nada é mais valioso no mercado do que a informação privilegiada. Ou seja:

- Esquece o sapo e encontra essa bruxa!

Só o que ela ganharia transformando nominativas em preferenciais seria uma fábula.

(Publicado no jornal Zero Hora do dia 4 de maio de 1997).

A01

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Um dia, uma linda moça de 20 anos, cabelos claros e longos estava caminhando pelo jardim da sua casa, quando viu um sapo de tamanho semelhante com um maluco. Ela foi se aproximando e o sapo falou que era um lindo príncipe mas que uma feiticeira muito má o tinha deixado nessa situação. A moça confusa sem saber o que fazer e com medo do sapo o beijou, e eles casaram e viveram felizes.

Anos depois a história voltou a se repetir. Um lindo moço muito estudioso estava indo a faculdade e viu um sapo muito estranho de tamanho e parecido com um maluco. Ela se aproximou e ele disse que era um lindo príncipe mas que uma feiticeira muito má o tinha deixado nessa situação. A moça não acreditou, disse que essa história já é antiga e não precisava de um príncipe para ser feliz.

Meses depois uma jovem mal humorada estava andando distraída, quando um sapo maluco chamou sua atenção. Contou a mesma história diche de sempre. Ela sem a menor importância, não deu a mínima para o que o sapo estava falando.

o chutou para bem longe.

Até que um dia uma mulher muito solucida, bonita e inteligente viu um rapto mas a história já não era exatamente a mesma. Ele disse que era um príncipe mas que uma feiticeira ma- o tinha deixado nessa situação e que a moça tinha que ajudá-lo pois ela iria precisar de um príncipe para seguir sua vida e ser feliz. Ela o deixou pensar, pensou e disse. A maioria dos homens, acham que nós mulheres precisamos dos homens para sermos felizes mas não é bem assim. Deixou o rapto de lado e seguiu em frente.

O rapto já estava cancelado das mesmas perspectivas ninguém o queria. Ele foi percebendo que as mulheres principalmente as de hoje não ligam mais para príncipes ou homens comuns para serem felizes. As mulheres não são todas iguais. Todas são diferentes, cada uma com seu estilo de vida mas sempre com um bom coração.

A02

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

A Princesa e o sapo

~~O príncipe e o sapo~~

Em certo dia uma jovem trabalhadora, sofredora que passava nos dias de folga e estava à procura de trabalho. Quando viu um homem machucado em péssimas condições e percebeu que aquela pessoa precisava de ajuda.

A moça decidiu levar o homem para sua casa, cuidar dos ferimentos. Com passar do tempo, essa jovem foi fazendo tratamento para se recuperar do vício que ele tinha. Voltou à estudar, conseguiu um emprego em uma lanchonete, trabalhava dia e noite, estudava e progredia com tratamento. Enquanto isso, a jovem conseguiu realizar o sonho de ter o seu próprio negócio que era abrir uma confeitaria "Lami doce". Ela abriu várias redes de confeitarias ficou conhecida pelos seus doces, vinham pessoas de diversos lugares.

O jovem Raul se recuperou, fez uma faculdade, obteve um emprego melhor, acaba se apaixonando pela Rani, se casaram e foram felizes para sempre.

A03

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Em uma vez, em uma floresta linda, uma bela princesa, caminhava e ela escutou alguém lhe chamando "ei", olhava para um lado olhava pro outro e não encontrava ninguém. daí se passaram alguns dias e a bela princesa voltou a caminhar na floresta, e de repente, ouviu "ei" a princesa confusa olhou para os lados e não encontrou ninguém, olhou para baixo e viu um sapo azulado, o sapo explicou a ela porque a chamava e lhe disse que uma bruxa muito má lançou um feitiço nele, e também contou-a que ele era um lindo príncipe e que ao um beijo de uma princesa poderia desfazer o feitiço, e nós seríamos felizes para sempre, a princesa olhou para o sapo e falou esse vídeo vai bombam nas redes sociais.

A04

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Sapo falante é mais interessante

Kelly era uma garota comum, trabalhava para conseguir seu sonho de ter sua casa própria, e muito destimada e enfiada em tudo que faz.

Um dia, enquanto caminhava pelo lago perto de uma praça ao fim de seu expediente, quando viu um "príncipe" alho em volta mas não se nada continuou a andar e viu exatamente um "príncipe" alho ao redor e viu um sapo, mas continuou andando e percebeu ^{que ele} estava seguindo ela. Então parou e alho para ele, só que o sapo começou a falar. Ela perguntou para si mesma se havia ficado louca de vez ou se era apenas fome.

Ele explicou que havia sido transformado por um bruxo e que tirando esse aspecto negro na realidade era um lindo príncipe e que esse feiticeiro só queria ser quebrado por um dragão de bom coração. Ela achou essa história toda um tremendo de um absurdo, e essas histórias de príncipe e princesa que nem as crianças gostavam mais - Não precisa de príncipe mas um sapo falante para ser meu novo animal de estimação, mas sim que é interessante.

Peque o sapo e trouxe para casa

A05

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Fera uma vez nos dias de hoje uma mulher belíssima, que andava pela a rua quando viu um sapo que le falou que estava ~~a~~ ~~ma~~ amaldiçoado pelo uma bruxa.

A belíssima mulher falou ~~me~~

- se como assim sapos amaldiçoado pelo uma bruxa.

Respondeu o sapo

- Sim e o feitiço só pode ser quebrado como o beijo de uma bela mulher

Então a mulher olho para o sapo e disse que não o beijaria porque ele ~~de~~ deveria não ser tão exigente e foi embora.

mas o sapo era rico e se ela o beijasse ela seria muito rica ela resolveu beija ele e eles foram feliz, até ele tocar ele por dentro

A06

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Em um dia ensolarado, Vanessa uma garota muito bonita e muito esperta estava passeando pelo seu ~~ba~~ bairro vizinho. Vanessa gostava de ir ver um lindo lago.

Chegando no lago Vanessa tinha ouvido um PSIU, fingiu que não ouviu e continuou apreciando o lago. De repente Vanessa ouve novamente, a garota fica curiosa para saber quem estava fazendo aquele PSIU, e olha em sua volta e não vê ninguém, apenas um sapo lhe encarando. A garota viu que não era ninguém, então sentou-se e continuou apreciando o lago.

De repente o sapo saltou para o colo da garota. Vanessa tomou um susto e logo deu um grito, o sapo tentou alcançá-la.

- Alcame-se bela moça, só venho lhe pedir um favor. Sou apenas um pobre rapaz que foi amaldiçoado por uma bruxa.

- O que quer que eu faça?

- Só preciso que me dê um beijo.

- QUE?! Você tá louco?! Minhas amigas vão adorar ver você, elas vão ficar com tanta inveja.

Vanessa pegou o sapo, colocou no bolso e foi mostrar para todas suas amigas

A07

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Era uma vez uma linda mulher acordando perto de um lago quando abriu para todos os lados, mas quando abriu para baixo viu um sapo que falava, ela arrastou-se mas logo percebeu como ele poderia falar o sapo disse que ele era um Príncipe que tinha sido enfeitado por uma Bruxa má e só quebraria a feitiço com um beijo de uma donzela então eles casaram e tiveram muitas filhas então respondeu-a que não ~~beij~~ beijaria pois não queria casar e nem ter filhas então o Sapo e foi viver sua vida feliz para sempre.

A08

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Uma vez uma bela donzela que estava a passar na frente de um rio bastante poluído e de repente ouviu um "piiu". Parou olhando em volta não viu ninguém, apenas viu um sapo no meio das folhas das garrafas. Contornou a caminho e novamente ouviu aquele mesmo piuu, a bela donzela parou e questionou pensando que estava ficando maluca. Então descobriu que quem estava a fazer "piiu" era o sapo. Deixou um susto, e questionou outra vez "como pode um sapo falar" e o sapo foi e lhe explicou tudo. Que ele era na verdade um belo homem que tinha sido amaldiçoado por uma bruxa que podia fazer o que quisesse com qualquer coisa e que a maldição só poderia ser desfita com um beijo de uma bela moça que o beijassem sem algum interesse mais sim por amor. A donzela pensou um instante e olhou para seu relógio e disse que estava muito atrasada e que mais tarde passaria por ali.

Mais tarde ela se viu com a bela donzela, sentou-se em uma pedra e chamou pelo sapo. O sapo apareceu, percebendo a donzela triste perguntou o que havia acontecido, a donzela contou que tinha sido demitida e que o sapo triste com a história que a donzela havia contado e ele falou

que tinha uma conta com bastante dinheiro no banco. A donzela disse que não aceitava pois era muito humilde e trabalhadora e tinha fé que conseguiria um outro emprego, mas o sapa exigindo muito abriu seu coração para a donzela e disse que estava apaixonado por ela já fazia um tempo e que naquele momento a donzela tomou a decisão de que iria aceitar o melhor o sapa.

Com o passar do tempo a donzela sempre levava o sapa para passear com um desses passeios. Eles viram um ponto de comércio e pensaram que ali seria um bom lugar para montar um restaurante. Alguns dias depois no meio de um rio muito bonito com varias ilhas com uma bela vista a donzela declarou-se para o sapa dizendo que estava completamente apaixonada por ele e o beijou. O sapa se transformou em um belo homem e imediatamente foram para o ponto de comércio que tanto tinham gostado, conversaram com o dono do espaço e resolveram que iria comprar. No dia seguinte transferiram o dinheiro para a conta do meio, compraram o que fosse necessário para montar o restaurante.

Um mês depois fizeram a inauguração do restaurante, foram muitas pessoas famosas, qüingos todos os tipos de pessoas. Com isso eles ganharam bastante dinheiro se casaram e viveram felizes para sempre

A09

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Era uma vez uma mulher muito inteligente, linda e gentil. Ela morava em uma pequena cidade de São Paulo. Quando vai trabalhar sempre passa em frente a um rio que por sinal estava muito sujo por conta da poluição da cidade.

Em um belo dia quando estava indo para o trabalho escuta um "Psiu" vindo do rio. Ficou um pouco assustada pois não viu ninguém. Quando de repente escuta outro "Psiu" "Psiu aqui em baixo". Então ela olhou para o chão e viu um Sapo.

O Sapo falou para a linda mulher que ele era um lindo Príncipe e que tinha um castelo belíssimo e uma bruxa maldosa já fez um feitiço nele e que se uma linda mulher beijá-lo ele voltaria a ser um lindo e inteligente príncipe.

O Sapo fez uma proposta para a mulher. Sapo disse para ela que se ela beijar ~~com~~ ele, ela iria casar com um príncipe lindo e eles teriam filhos e ela iria cuidar dos filhos e do castelo e do príncipe o que você acha é uma ótima proposta né? Então a mulher disse para o sapo você quer é uma empregada, prefiro continuar trabalhando e cuidando atrás dos meus senhores do que beijar um Sapo e virar sua empregada.

Então a mulher foi para o trabalho com um pensamento de uma mulher independente, trabalhadora, desde que vou deixar minha ~~liberdade~~ liberdade, meu tra-

balho para ir servir um príncipe e bem prefero
continuar com a minha vida do fulinho que ela está

Depois de um tempo mais ou menos três anos a
mulher lembrou do sapo e da proposta dele e começou
a ri e ela ainda não acreditava no que tinha aconte-
cido e quando ela tiver filhos ela irá contar essa
história engraçada de sua vida.

A10

PROPOSTA

No texto, vemos que houve uma transformação quanto à credibilidade da mulher em relação ao sapo/príncipe. Produza um texto para ser publicado no livro da turma sobre como você imagina a mulher de hoje vivendo essa situação. Para isso, deixe claro as características dessa mulher e os motivos para ela tomar a atitude de beijar ou não o sapo.

Um dia uma mulher estava andando ao lado de um rio que estava sendo contaminado pelo esgoto. A mulher possuía cabelos loiros e uma pele branca, e usava roupas simples.

Quando estava andando ela escutou um barulho vindo de um local perto do rio, que a deixou curiosa e foi conferir. Chegando no local percebeu que havia um sapo que contou que era um príncipe amaldiçoado por uma bruxa, e só poderia ser salvo por um beijo de uma dama.

A mulher concluiu-o que não queria um príncipe, pois ele não têm tanto valor quanto antigamente. Ela então pegou o sapo e levou ele para uma amiga, que estava solteira por não ser bonita. A mulher então pegou o sapo e entregou-lhe a sua amiga e a contou a história, e o príncipe viveu o resto da sua vida ao lado da amiga da mulher.